

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

ROSANE TARUHN

**Desenvolvimento cooperativo de coleções de revistas científicas
na Rede Brasileira de Informação em Ciências da Saúde**

São Paulo
2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Rosane Taruhn

**Desenvolvimento cooperativo de coleções de revistas científicas
na Rede Brasileira de Informação em Ciências da Saúde**

Dissertação apresentada ao Departamento
de Biblioteconomia e Documentação da
Escola de Comunicações e Artes da
Universidade de São Paulo, como
requisito parcial para obtenção do título
de Mestre em Ciências da Comunicação,
área de concentração: Ciência da
Informação e Documentação

Orientadora:
Profa. Dra. Daisy Pires Noronha

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
São Paulo – 2007

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho por qualquer meio convencional ou eletrônico para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Taruhn, Rosane

Desenvolvimento cooperativo de coleções de revistas científicas na Rede Brasileira de Informação em Ciências da Saúde / Rosane Taruhn; orientadora: Daisy Pires Noronha. - São Paulo, 2007.
127 f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Área de Concentração: Ciência da Informação). Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo.

1. Desenvolvimento de coleções. 2. Aquisição cooperativa. 3. Revistas científicas. 4. Desenvolvimento de coleções (Política). 5. Rede Brasileira de Informação em Ciências da Saúde. 6. BIREME (Centro Latino Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde) I. Título.

TERMO DE APROVAÇÃO

Nome do Autor: Rosane Taruhn

Título da Dissertação: Desenvolvimento cooperativo de coleções de revistas científicas na Rede Brasileira de Informação em Ciências da Saúde

Presidente da Banca: Prof. Dr. _____

Banca Examinadora:

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Aprovada em: ____/____/____

*Para minha mãe, incentivadora e
companheira de leituras e estudos.*

AGRADECIMENTOS

À BIREME, especialmente a Abel Packer e Verônica Abdala, pelo estímulo.

À minha orientadora Daisy Pires Noronha, pelas palavras certas, na hora certa.

À Regina C. F. Castro e Waldomiro de Castro S. Vergueiro pelas observações valiosas.

À Rosaly Fávero Krzyzanowski, mentora e amiga querida.

À Diva Carraro Andrade, amiga mestra em desenvolvimento de coleções.

Ao Alfredo, esposo e companheiro, pela paciência, com amor.

Aos meus filhos André, Felipe, Boris, à nora Sandra, aos netos Fabrício e Renato, com amor.

Ao meu pai, saudades.

Às minhas irmãs, Elen, Elisabeth e Lílian, sempre presentes.

Aos colegas da BIREME, pelo apoio e colaboração.

Aos cooperantes da Rede Brasileira de Informação em Ciências da Saúde .

A todos que atuam em cooperação.

RESUMO

TARUHN, Rosane. Desenvolvimento cooperativo de coleções de revistas científicas na Rede Brasileira de Informação em Ciências da Saúde. São Paulo, 2007. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo.

A partir da observação das mudanças sociais no final de século XX, em grande parte decorrentes dos avanços da tecnologia, esta pesquisa apresenta um breve histórico do surgimento de livros e revistas científicas até os dias atuais. Descreve os processos do trabalho de desenvolvimento de coleções em bibliotecas, destacando a importância desses, assim como da formalização de política com a finalidade de tornar claros os valores considerados, de acordo com o perfil dos usuários. Inclui aspectos de ações em cooperação no desenvolvimento de coleções de revistas científicas e de programas de assinaturas e acesso a estas no Brasil. **Objetivo:** Analisar os processos de desenvolvimento de coleções de revistas científicas, nas bibliotecas cooperantes da Rede Brasileira de Informação em Ciências da Saúde, coordenada pela BIREME, e identificar rumos do desenvolvimento cooperativo dessas coleções diante das novas tecnologias. **Método:** Questionário estruturado e publicado na *Web* para ser respondido por 45 bibliotecas cooperantes do Catálogo Coletivo SeCS (Seriados em Ciências da Saúde) no Portal de Revistas da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). **Resultados:** Dos questionários enviados 60% foram respondidos. A tabulação das respostas permitiu verificar, principalmente, que 51,9% das bibliotecas respondentes possuem documento formalizado de Política de Desenvolvimento de Coleções, embora apenas 26% tenham pesquisado o perfil do usuário ou da comunidade. Afirmaram fazer parte de um programa cooperativo de aquisição de revistas 48,1%, onde se incluem os programas planejados de aquisição de universidades e outros. Dos respondentes, 88,8% afirmaram fazer parte do Programa Periódico CAPES e 70,8% dessas realizam aquisição adicional de revistas. A possibilidade futura de somar recursos de orçamento para aquisição cooperativa de revistas não se mostra possível para 66,6%. Dos 27 respondentes, 96,3% afirmaram utilizar sempre o Portal de Revistas da BVS e o catálogo Coletivo SeCS. Em razão da recomendação existente em acordo da BIREME com representantes da Rede, para que se mantenha pelo menos uma coleção de cada um dos títulos constantes no Portal, a existência do título para decisão de nova assinatura é verificada por 55,6% dos respondentes. Para cancelamento de assinatura, 33,3% consultam o título e coleções e 66,7% não os consultam, o que permite avaliar que, sob o aspecto de desenvolvimento cooperativo de coleções, esses itens não estão sendo suficientemente observados. Sobre o formato das revistas, 44,4% declararam que os usuários preferem revistas eletrônicas; 33,3% não têm preferência; 14,8% preferem revistas impressas e 7,4% não sabem. A grande maioria (96,2%) considera que o Catálogo Coletivo SeCS continuará a existir, independentemente dos formatos das revistas. **Conclusão:** Para a Rede Brasileira Informação em Ciências da Saúde, coordenada pela BIREME e, mais especificamente para as bibliotecas cooperantes do Portal de Revistas da BVS, permanece o desafio de estreitar a colaboração de forma a divulgar amplamente os trabalhos realizados, modernizar o Catálogo Coletivo SeCS e promover ações que facilitem a sua comunicação e atuação, estimulando a formalização de diretrizes e treinamentos que possibilitem a adoção incondicional dos conceitos e propósitos dessa cooperação.

Descritores: Desenvolvimento de coleções. Aquisição cooperativa. Revistas científicas. Desenvolvimento de coleções (Política). Rede Brasileira de Informação em Ciências da Saúde. BIREME (Centro Latino Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde)

ABSTRACT

Taruhn, Rosane. Cooperative Development of Journals Collections in the Brazilian Network on Health Sciences Information. São Paulo, 2007. Dissertation (Masters' Degree) – Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo.

Starting with the observation of the social changes by the end of the 20th century – mostly due to the advances of technology – this research shows a brief track record of scientific books and journals to this day. It describes the processes of library collection development, highlighting their importance as well as the formalization of politics to make the values contemplated clear and according to the users' profile. In addition it includes aspects of cooperation actions for the development of collections and subscription programs and access to these in Brazil. **Objective:** To analyze the collection development of scientific journals in the cooperating libraries of the Brazilian Network on Health Sciences Information coordinated by BIREME, and identify paths in these collections' cooperative development vis-à-vis the new technologies. **Method:** A questionnaire structured and published on the Web to be responded by 45 cooperating libraries of the Serials Collective Catalog in Health Sciences in the Portal of Journals of the Virtual Health Library (VHL). **Results:** The responses corresponded to 60% of the questionnaires. The tabulation of the answers allowed mainly to verify that 51.9% of the responding libraries have a formalized Collection Development Policy document, although only 26% had studied the profile of the user or the community. Of these responding libraries 48.1%, declared being part of a cooperative program for the acquisition of journals. Here are included the planned University acquisition programs. Of the respondents, 88.8% declared taking part in the CAPES Periodicals Portal and 70.8% of these acquire additional journals. 66.6% don't see the possibility of adding budget resources for the cooperative acquisition of journals in the future. Of the 27 respondents, 96.3% declared they always use the Portal of Journals and the Serials Collective Catalog. Because of the existing recommendation – in BIREME's agreement with the Network's representatives – to maintain at least one collection of each one of the titles in the Portal, 55.6% of the respondents check the existence of the title for the decision making of a new subscription. 33.3% consult the title and collections for the canceling of the subscription and 66.7% do not consult them. This allows assessing that from the collection cooperative development aspect these items are not being sufficiently observed. On the format of the journals, 44.4% declared that users prefer electronic journals; 33.3% have no preference; 14.8% prefer printed journals and 7.4% do not know. The great majority (96.2%) considers that the Serials Collective Catalog will continue existing irrespective of the journals' formats. **Conclusion:** For the Brazilian Network for Health Sciences Information coordinated by BIREME, and more specifically for the cooperating libraries of the Portal of Journals in the VHL, remains the challenge of strengthening the collaboration so as to broadly publicize papers accomplished, update the Serials Collective Catalog and promote actions to facilitate its communication and operation, stimulating the formalization of guidelines and training that may enable the unconditional adoption of this cooperation's concepts and purposes.

Subject Headings: Collection development. Cooperative Acquisition. Scientific Journals. Collection Development (Policy). Brazilian Network for Health Sciences Information. BIREME (Latin America and Caribbean Center for Health Sciences Information).

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| APRESENTAÇÃO | XI |
| 2 OBJETIVO GERAL..... | 7 |
| 2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS | 7 |
| 3 DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES..... | 8 |
| 3.1 PROCESSOS E FUNÇÕES DE DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES | 9 |
| 3.2 PANORAMA DE DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES | 19 |
| 3.2.1 Desenvolvimento de coleções na América do Norte | 20 |
| 3.2.2 Desenvolvimento de coleções no Brasil..... | 23 |
| 3.3 PARADIGMAS MODERNOS DO DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES | 25 |
| 3.3.1 Bibliotecas eletrônicas e virtuais..... | 29 |
| 3.3.2 Revistas científicas eletrônicas (e-journals) | 33 |
| 3.4 PRESSUPOSTOS EM DESENVOLVIMENTO COOPERATIVO DE COLEÇÕES | 39 |
| 3.4.1 Modelos de cooperação | 42 |
| 3.4.2 Melhores práticas em modelos de cooperação | 42 |
| 4 PROGRAMAS NO BRASIL PARA ACESSO A REVISTAS CIENTÍFICAS | 46 |
| 4.1 PROGRAMA DE AQUISIÇÃO PLANIFICADA DE PERIÓDICOS – PAP | 48 |
| 4.2 PROGRAMA BIBLIOTECA ELETRÔNICA ProBE..... | 49 |
| 4.3 PORTAL BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO CIENTÍFICA CAPES..... | 50 |
| 4.4 CONSÓRCIO COPERE..... | 51 |
| 4.5 SISTEMA REGIONAL E BIREME..... | 52 |
| 4.5.1 Catálogo Coletivo de Revistas Científicas | 53 |
| 4.5.2 Portal de Revistas Científicas da BVS | 57 |

| | |
|--|------------|
| 5 METODOLOGIA | 60 |
| 5.1 UNIVERSO DA PESQUISA | 61 |
| 5.2 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS | 62 |
| 6 RESULTADOS E DISCUSSÃO | 65 |
| 6.1 IDENTIFICAÇÃO DOS RESPONDENTES..... | 65 |
| 6.3 DESENVOLVIMENTO COOPERATIVO DE COLEÇÕES DE REVISTAS CIENTÍFICAS | 71 |
| 6.4 PORTAL DE REVISTAS DA BVS E CATÁLOGO SeCS | 76 |
| REFERÊNCIAS | 88 |
| ANEXO 1 - DESCRIÇÃO RESUMIDA DO SISTEMA LATINO AMERICANO E DO CARIBE DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE | 94 |
| ANEXO 2 - PROPOSTA: ACORDO DE DESENVOLVIMENTO COOPERATIVO DE COLEÇÕES DE REVISTAS CIENTÍFICAS NA BVS. ESTABELECIMENTO DE DIRETRIZES E FUNÇÕES | 98 |
| ANEXO 3 – POLÍTICA DE DESENVOLVIMENTO DA COLEÇÃO DE REVISTAS CIENTÍFICAS DA BIREME | 101 |
| ANEXO 4 – PROPOSTA DE POLÍTICA DE AMPLIAÇÃO DE ACESSO A REVISTAS CIENTÍFICAS NA AMÉRICA LATINA E CARIBE | 105 |
| ANEXO 5 – RELAÇÃO DE CENTROS COOPERANTES DO CATÁLOGO COLETIVO SeCS | 106 |
| APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO PARA A PESQUISA | 114 |
| A.1.1 QUESTIONÁRIO PARA <i>Web</i> | 120 |
| APÊNDICE 2 –RESPOSTAS ÀS PERGUNTAS ABERTAS DO QUESTIONÁRIO .. | 124 |

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

| | |
|---|----|
| Figura 1 – Biblioteca Virtual em Saúde na Web (out. 2006) | 31 |
| Figura 2 – Representação de distribuição da Rede BVS em out. 2006..... | 32 |
| Figura 3 – Catálogo Coletivo SeCS da BVS na Web..... | 55 |
| Figura 4 – Crescimento de coleções registradas no Catálogo SeCS, 1996 – 2006..... | 56 |
| Figura 5 – Página do Portal de Revistas Científicas da BVS, na Web..... | 57 |
| Figura 6 – Portal de Revistas na BVS, mostrando títulos e informação disponível..... | 58 |
| Figura 7 – Página para acesso ao SCAD da BVS, na Web..... | 59 |
| Figura 8 – Caracterização das bibliotecas respondentes..... | 65 |
| Figura 9 – Percentual de bibliotecas com e sem política de desenvolvimento de coleções..... | 67 |
| Figura 10 – Bibliotecas com acesso, ou não, ao Portal CAPES Periódicos..... | 74 |
| Figura 11 – Formatos de revistas e preferência dos usuários..... | 79 |
| | |
| Quadro 1 - Distribuição de cooperantes do Catálogo SeCS no Brasil, em 2006..... | 61 |
| Quadro 2 - Demonstrativo de bibliotecas em relação à política e perfil da comunidade..... | 70 |

APRESENTAÇÃO

Ainda no curso de graduação, muito me marcou o ensinamento da professora Maria José Teresa de Amorim que, já no ano de 1973, preconizava que a informação seria cada vez mais cara, que o crescimento em termos de volume já era exponencial e que nós, alunos, futuros profissionais da informação atuando em bibliotecas, teríamos que priorizar o acesso, em lugar de armazenar tudo em um local. Teríamos que descobrir aonde e como buscar a informação demandada por nossos usuários. E isso só seria possível, conforme aprendi e vivenciei desde que iniciei meus trabalhos em bibliotecas, por meio de atividades de cooperação. E venho desde então acompanhando essa cooperação, de diversas formas, desde a participação em grupos de trabalho das Associações de Bibliotecários e atuação profissional, como no consórcio de bibliotecas ProBE, do qual falaremos neste trabalho, no cargo de Diretora do Serviço de Formação e Manutenção de Acervos do Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de São Paulo – SIBi/USP e também como Coordenadora do Setor de Desenvolvimento e Acesso a Coleções do Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciência da Saúde - BIREME.

Sendo assim, o ensinamento na Graduação, citado anteriormente, aliado à participação em trabalhos em grupos ou equipes e às atividades profissionais, me levaram a definir o tema dessa dissertação: Desenvolvimento cooperativo e acesso a coleções de revistas científicas nas bibliotecas que participam da Rede Brasileira de Informação em Ciências da Saúde, coordenada pela BIREME, por entender que o trabalho cooperativo para as bibliotecas, cada dia mais, é questão de sobrevivência. E ainda por encontrar satisfação nas trocas de experiências e conhecimentos que a atividade em cooperação oferece.

Nas bibliotecas especializadas em Ciências da Saúde, como em tantas outras das mais diversas áreas, muitas iniciativas acontecem e trabalhos são efetivados para possibilitar o atendimento às necessidades de informação de seus usuários diante do paradoxo: “poucos

recursos financeiros versus explosão de recursos informativos” (Lima; Figueiredo, 1984). A quantidade de materiais informacionais é conhecida e propalada. E os recursos financeiros parecem ser insuficientes de qualquer forma, embora em algumas instituições os investimentos nessa área não sejam pequenos.

Após o advento das revistas eletrônicas, pesquisar o que está sendo feito na Rede Brasileira de Informação em Ciências da Saúde em termos de suas coleções de revistas científicas e de suas políticas formais de desenvolvimento dessas coleções, no qual estão inseridos o Portal de Revistas Científicas da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e o Catálogo Coletivo SeCS (Seriados em Ciências da Saúde), é relevante para entender o direcionamento que essas bibliotecas estão adotando. Esse catálogo, existente desde 1989, é o resultado mais visível dos esforços realizados por essa Rede para o intercâmbio de artigos científicos e para o desenvolvimento cooperativo de coleções. A partir do ano de 1998 o catálogo é parte integrante do Portal de Revistas da BVS, conforme será visto em detalhes.

Espera-se, com os resultados obtidos nesta pesquisa, propiciar um possível delineamento de ações que permitam reforçar e/ou ampliar os processos de desenvolvimento cooperativo de coleções realizados por essa Rede.

Se amas a vida não desperdices o tempo, porque é disso que ela é feita.
Benjamin Franklin (1706-1790)

1 INTRODUÇÃO

Dentre as mudanças observadas na sociedade no final do século XX, em grande parte decorrentes dos avanços da tecnologia, pode-se constatar a transformação radical das formas de ler e escrever, ou seja, de uma das formas de transmissão e registro do conhecimento humano. Roger Chartier, historiador francês, em entrevista à Ventura (1993), chama de “revolução” o que está ocorrendo, assim como considera “revolução” o advento da imprensa, com Gutenberg, em 1455, quando o livro copiado à mão passou a ser composto segundo novas técnicas. O livro formado por cadernos e folhas, denominado códice, é uma estrutura herdada desse período e perdura há mais de 500 anos. Com a facilidade da impressão, houve uma maior difusão da leitura, quando se passou da leitura intensiva, em que um mesmo livro era lido e relido, à leitura extensiva, de um livro ao outro, e o aparecimento de jornais e revistas.

Marcadamente a partir do século XVII, conforme descrito por Lemos (1968), quando surgiram as bases da ciência moderna, cientistas e filósofos como Galileu, Newton, Bacon, Descartes, dentre outros, antecessores dos pesquisadores de hoje, faziam demoradas experiências, cujos resultados davam à divulgação em tratados definitivos. No curso da elaboração de suas pesquisas, voltavam-se para colegas de outras localidades e, por meio de correspondência pessoal, esclareciam questões e trocavam idéias. Esta forma de comunicação epistolar supria a falta de meios adequados para a veiculação de idéias e experimentos científicos. O mundo europeu retomava seu ciclo de desenvolvimento depois de grave crise econômica, o mercantilismo impulsionava a vida urbana e desencadeava o primeiro surto industrial, época do surgimento de universidades, academias, gabinetes e sociedades

científicas. É nesse emergir de renovadoras idéias e desenvolvimento de novas relações sociais, que aparecem os primeiros periódicos científicos, a fim de atender às necessidades de divulgação das novas técnicas industriais, como é o caso do “Le Journal des Sçavans”, ou dos resultados das pesquisas científicas, como é o caso do “Philosophical Transactions”.

A partir de 1780–1790, com os periódicos abrangendo campos especializados e o fortalecimento do artigo científico, verifica-se que a informação científica passa a ter uma forma fragmentada. A noção de sistema acabado e completo passa a ser substituída pela de análise parcelada, em profundidade, de áreas bem delimitadas.

A síntese já não é mais obra de um homem só, mas o acúmulo de experiências de cientistas diversos, trabalhando em lugares diferentes, valendo-se de materiais e métodos cada vez mais padronizados, buscando resposta a problemas confluentes, evitando a duplicação de tarefas, em verdadeira obra coletiva internacional. (Lemos, 1968)

Ao findar desse século já haviam sido criados cerca de 30 periódicos científicos, muitos de vida efêmera. Desde então as publicações têm sido divulgadas de forma ampla e seu crescimento se tornou exponencial.

A mudança do momento atual é muito mais ampla, ainda segundo Chartier (Ventura, 1993) do que a ocorrida com Gutenberg. Como aconteceu com o surgimento do códice, a passagem do livro ou dos periódicos para a tela do computador rompe as estruturas do texto escrito e gera uma profunda transformação na materialidade desses. Assim, novas possibilidades surgem com os recursos eletrônicos e práticas são modificadas por esta passagem do texto em suporte impresso para o meio eletrônico.

A tecnologia confere uma nova forma de articulação entre escrita, imagem e som. A sua característica mais inovadora é o hipertexto, um sistema informatizado para a fácil publicação, atualização e pesquisa de informação, assim como a visualização de informação

em documentos que contêm referências internas para outros documentos, chamadas de *hiperlinks* ou, simplesmente, *links*.

A partir da segunda metade dos anos 90, a publicação eletrônica passa a ser aceita como um fenômeno inexorável pela maioria dos atores do processo de comunicação científica, existindo um consenso que o período atual é de transição entre o modelo baseado na publicação impressa e o modelo puramente eletrônico. (Peek, 1996, citado por Sabbatini, 1999).

O mercado editorial produz cada vez mais informação, assim como mais informação está sendo colocada disponível sem a intermediação de editores, com o uso ampliado de computadores e redes de informação. Também foram introduzidas inovações tecnológicas nos mecanismos de captar a informação, registrá-la, organizá-la e torná-la disponível à comunidade, sob diferentes formatos convencionais e/ou eletrônicos. Com os meios eletrônicos transformando os modos pelos quais as publicações são disseminadas, as bibliotecas e os bibliotecários continuam buscando formas para tornar acessível e facilitar a recuperação da massa de informações existente, tendo em vista os novos formatos e a possibilidade das pessoas disporem, também em suas casas, das bibliotecas eletrônicas e digitais.

Sendo assim, novas formas de uso das tecnologias avançadas vêm sendo testadas, com computadores de alto desempenho, multimídia, hipermídia e inteligência artificial, o que permite ampliar a organização e compartilhamento de informações entre redes. Conseqüentemente, as bibliotecas, componentes cruciais para a infra-estrutura global de informação no século XXI, e as suas coleções, vêm se transformando e levando os bibliotecários a refletir acerca de decisões, principalmente quanto aos aspectos da situação das coleções impressas; acesso e/ou posse dos materiais; relações entre bibliotecas e desenvolvimento de habilidades dos usuários para a recuperação eficaz da informação.

Evidentemente houve mudanças também no perfil do usuário da biblioteca. Ele se torna mais exigente, demandando atendimento mais ágil, preciso e facilitado, e habilitação que o leve a encontrar por si só a informação desejada, a partir de seu computador, sem precisar se deslocar de sua sala de trabalho. E o usuário, consumidor de informação, tal qual consumidores em geral, demanda qualidade e confiabilidade do produto, cumprimento de prazo de entrega e bom atendimento na prestação de serviços.

A esses usuários as bibliotecas devem oferecer estoques precisos de informação, denominados acervos ou coleções. De acordo com Miranda (1993, p. 40),

acervos [ou coleções] são um patrimônio que requer recursos vultosos, com o risco sempre presente de aquisições socialmente menos justificáveis, se os critérios de sua seleção não forem minimamente objetivos e não se hastear em análises precisas de uma situação real.

Os recursos, ou orçamentos necessários à manutenção das coleções precisam ser consoantes com as necessidades de informação do público a que se pretende servir, de forma a possibilitar sua recuperação permanente. Para tornar disponível o que é essencial, os órgãos de informação precisam de verbas regulares, considerando-se, ainda, as ferramentas auxiliares para recuperação e utilização dos documentos.

A adoção da prática de união formal de interesses das bibliotecas, por meio de colaboração, cooperação ou consórcios para seleção, aquisição, racionalização de custos e atividades, manutenção e preservação da informação, apresenta-se hoje como uma das formas adotadas pelas Instituições e pelos profissionais envolvidos para reduzir ou dividir os custos orçamentários, ampliar o universo da informação disponível aos usuários e efetivar o sucesso das atividades de cooperação e compartilhamento muitas vezes existentes informalmente (Krzyzanowski; Taruhn, 1998).

E por que cooperar quando nossos interesses individuais podem ser melhor atendidos agindo unilateralmente? Gillenson (2004) citada por Taruhn e Abdala (2004), discorre sobre a

questão da cooperação, que tem fascinado filósofos, economistas, psicólogos, sociólogos e biólogos, desde Aristóteles até Darwin, e continua a intrigar. No centro da discussão está o relacionamento do indivíduo com o grupo ou sociedade a qual este pertence:

[...] Uma mensagem chave filtrada através de cada uma das disciplinas pesquisadas: nós, humanos, não somos tão individualistas como os teóricos objetivamente esperam que sejamos. E isso porque nós podemos ser fortemente ligados ou relacionados, ou porque os nossos genes de sobrevivência ditam que nós devemos cooperar dentro de grupos para sobreviver ou, ainda, porque aprendemos a retribuir boas atitudes. (Gillenson, 2004)

A motivação no trabalho cooperativo foi tratada por Sampaio (2004) que, estudando vários autores e os fatores de motivação para a cooperação, extraiu o seguinte:

Cooperar significa renunciar voluntariamente a certa parcela de auto-suficiência, até mesmo à vaidade do “dar conta sozinho”; vencendo este sentimento desaparecem os limites aos propósitos da cooperação. A cooperação, certamente, conduz algumas instituições à natural categoria de liderança, e o que é mais importante, a maioria dos cooperantes será liderada e terá que assumir a “superioridade” da coordenação. À coordenação resta o papel de conciliadora nesses conflitos e de mostrar os méritos da cooperação, tanto em nível institucional como para o usuário final, maior beneficiário dessa cooperação.

Neste contexto, os acordos de cooperação entre bibliotecas vêm se destacando, reforçado pelo fato de que uma biblioteca não pode pretender ter toda a informação armazenada em seu próprio local e que o crescimento descontrolado de coleções não é mais permitido, devendo este estar equilibrado em relação ao uso realizado.

Na área de ciências da saúde na região da América Latina e Caribe, o desenvolvimento do acesso à informação técnico-científica está intrinsecamente ligado à evolução da rede de

informação que o Sistema Latino Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde, liderado e coordenado pelo Centro Latino Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde - BIREME, órgão pertencente à Organização Pan-Americana de Saúde – OPAS, criaram e operam desde 1967 em trabalhos conjuntos e em cooperação com as bibliotecas e instituições dos países dessa Região.¹

Para Zaher & Packer (1993, p.193)

Pelo funcionamento contínuo e sua extensão, [essa] rede revela-se como uma experiência ímpar em regiões em desenvolvimento no mundo. Ademais, tudo leva a crer que é pelo contínuo fortalecimento e melhoramento da operação da rede que a região absorverá de maneira mais eficaz os avanços atuais e futuros no campo da ciência e da tecnologia de informação.

Nesse mesmo texto, em relação às coleções de periódicos ou revistas científicas, Zaher e Packer, (1993, p.195) observam que, “o desenvolvimento de coleções nacionais de publicações periódicas, embora reconhecidas como o veículo mais importante para a comunicação do conhecimento científico, persiste como problema crônico devido à falta de recursos econômicos e à carência de políticas nacionais de aquisição e racionalização das coleções”.

O propósito do presente trabalho é, então, discorrer sobre os diversos aspectos do desenvolvimento de coleções de revistas científicas, sob o prisma atual da inserção do formato eletrônico nessas publicações, e das atividades de cooperação entre bibliotecas da Rede Brasileira de Informação em Ciências da Saúde, liderada pela BIREME, com a participação de bibliotecas e instituições do País.

¹ Ver Anexo 1 para descrição mais completa desse Sistema Regional.

2 OBJETIVO GERAL

Analisar os aspectos de desenvolvimento de coleções de revistas científicas nas bibliotecas cooperantes da Rede Brasileira de Informação em Ciências da Saúde e identificar rumos do desenvolvimento cooperativo dessas coleções diante das novas tecnologias.

2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- 1 Verificar a existência de procedimentos formalizados no âmbito de desenvolvimento de coleções de revistas científicas nas bibliotecas da Rede Brasileira de Informação em Ciências da Saúde identificadas como cooperantes do catálogo coletivo mantido por essa Rede.
- 2 Identificar a situação do desenvolvimento cooperativo de coleções de revistas científicas nessas bibliotecas, com o advento do formato eletrônico, relacionado à aquisição planejada e/ou compartilhada e aos recursos financeiros utilizados para disponibilizar revistas científicas.
- 3 Analisar a utilização do Portal de Revistas Científicas e de seu Catálogo Coletivo SeCS da BVS obtendo elementos sobre o provável futuro deste último, sob a ótica da adoção do formato eletrônico.

3 DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES

Visando atender bem aos seus clientes e, ao mesmo tempo, obter o melhor custo/benefício de seus investimentos, as bibliotecas definem determinados agrupamentos, estoques de informação, ou coleções. Para Atkinson (1996), citado por Vergueiro (1997, p.104), uma coleção é “um subconjunto altamente seletivo de objetos de informação disponíveis, segregados e favorecidos, ao qual o acesso é possibilitado e a atenção do cliente/usuário é dirigida, em oposição aos objetos excluídos”. Dessa forma, desenvolvimento de coleções pode ser definido como um conjunto de processos utilizados de maneira a possibilitar o planejamento e formação de uma coleção útil e balanceada de materiais para uma biblioteca, por um período de tempo contínuo.

Ainda, de maneira simples e direta, desenvolvimento de coleções é definido por Carvalho & Klaes (1991) “como um conjunto de atividades que leva a uma tomada de decisão sobre que materiais adquirir, manter ou descartar”. Para que isso se cumpra, os bibliotecários responsáveis por estas atividades estão à frente de processos que compreendem seleção e aquisição, identificação de recursos financeiros e alocação desses recursos em orçamentos, análise da coleção e preservação, decisões de descarte, comunicação com os usuários e marketing.

Todas essas funções e tarefas exigem o conhecimento da instituição e da biblioteca, de seus departamentos e serviços prestados e da comunidade que as compõem, além de ser altamente desejável que haja facilidade de comunicação com os colegas, superiores, usuários e constituintes da instituição.

Os processos de desenvolvimento de coleções devem ser definidos em critérios que compoñham os itens de uma política escrita e formalizada pela Instituição à qual pertence a biblioteca, para dar o contorno necessário à tomada de decisão, de modo que essa seja realizada de maneira uniforme e consistente. Esses processos estão baseados em contínuas

avaliações de necessidades de informação dos usuários, projeções demográficas e análises de estatísticas de uso dos materiais. Atualmente, todos esses processos e funções estão “coloridos” e, de alguma forma, alterados, pelo desafiador mundo da informação eletrônica, embora mantenham grande grau de similaridade com o desenvolvido anteriormente no ambiente da informação predominantemente impressa (ALA, 1996, p.1) ².

Outros conhecimentos e habilidades são igualmente exigidos ou desejáveis desse bibliotecário, como o conhecimento dos códigos de ética, culturais e legais de sua organização e de seu país; eficiência em planejamento de tarefas e administração de tempo; bom relacionamento e domínio dos perfis dos fornecedores.

3.1 PROCESSOS E FUNÇÕES DE DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES

A seguir serão vistos os processos que compõem a atividade de desenvolvimento de coleções, conforme detalhados pela ALA (1996, p.3). Uma descrição resumida da aplicação prática desses processos pode ser vista no trabalho apresentado por Andrade (1994) ao VIII Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias.

a. Planejamento

Para um planejamento que resulte em sucesso em termos de desenvolvimento de coleções são necessárias a eficiente administração do tempo e a preparação intelectual. Certas responsabilidades requerem conhecimento profundo dos assuntos com os quais a biblioteca trabalha, por meio de estudos, análises e relatórios que demandam tempo. O desenvolvimento de coleções é desafiador por exigir também que essas tarefas sejam mescladas com a referência, instrução de uso da biblioteca, ou catalogação. Por isso é imprescindível planejar

² Texto original traduzido. ALA American Library Association www.ala.org

uma rotina de trabalho semanal e plano a médio e longo prazo, minimizando corridas de última hora.

b. Considerações éticas, legais e culturais

O entendimento de seu papel profissional na estrutura da biblioteca, do papel desta na organização, assim como dos valores e da ética vigentes, traz benefícios para a efetividade do profissional responsável por Desenvolvimento de coleções. Por outro lado, e ao mesmo tempo, o profissional deve entender que a atividade, por si mesma, pode provocar dilemas éticos que deverão ser resolvidos em relação a si próprio e à organização.

O conhecimento da estrutura da organização, da missão desta e da biblioteca, da história organizacional da biblioteca facilitará a resposta à pergunta - ‘Esta é uma instituição que valoriza...?’ .

A identificação das habilidades interpessoais necessárias para uma boa “navegabilidade”, ou inserção na organização, é necessária, para que possa atuar no planejamento de projetos, em negociações, na condução de reuniões, no estabelecimento de metas e administração do tempo.

Também as recomendações do Código de Ética do Bibliotecário³, da Declaração dos Direitos da Biblioteca⁴ e dos Princípios e Padrões para a Prática da Aquisição (Andrade; Vergueiro, 1996, p.114) devem estar presentes nas decisões diárias.

O domínio das determinações da Lei de Direito Autoral⁵ é imprescindível, assim como da conduta da biblioteca em relação a essas recomendações e cumprimento da legislação

³ Resolução CFB nº 3Z7/86 - D.O.U (04-11-1986)

Disponível em: <http://www.geocities.com/Paris/Parc/5273/codigoetica> Acesso em 17 dez 2006.

⁴ Library Bill of Rights. Adotada pela ALA em 1948. Disponível em: <http://www.ala.org/ala/oif/statementspols/statementsif/librarybillrights.htm> Acesso em 6 fev. 2007.

⁵ Informação de Copyright (Direitos Autorais) Lei de 19 Fev 1998

Disponível em: <http://www.labcon.com.br/livreto/copyright.htm> . Acesso em 17 dez 2006.

c. Perfis da comunidade e biblioteca

É importante que o responsável por desenvolvimento de coleções saiba interpretar e entenda cada um dos perfis estabelecidos para a sua biblioteca, de acordo com a sua comunidade ou clientela, assim como entenda como relacionar o perfil de um fornecedor com a política da biblioteca para uma determinada área ou assunto. Os perfis devem ser estabelecidos e revistos sempre que necessário, assim como a qualidade dos serviços em prover materiais realmente de interesse para a coleção. As bibliotecas podem trabalhar com o perfil das necessidades de informação para que os vendedores as alertem quando publicações relevantes estejam disponíveis para venda. Também devem estar bem definidos os parâmetros de aprovação, ou de possível rejeição, dos materiais que sejam ofertados.

d. Política de Desenvolvimento de coleções

Quando se fala ou escreve sobre políticas a primeira pergunta que poderia surgir seria sobre o que são políticas? Ou o que é uma política? De acordo com Lemos (1987),

Política é um conjunto de preceitos e orientações, baseado em princípios suficientemente genéricos e consensuais, que levam a determinadas ações dirigidas a determinados fins. Qualquer política deverá procurar atingir objetivos que correspondam às aspirações sentidas pela comunidade, em seus diversos segmentos e segundo seus interesses mais diversificados. É dever do Estado atender às reivindicações e direitos dos cidadãos, de forma justa e equitativa [...]. Uma política pode ser adotada para estimular e orientar o desenvolvimento de um setor mesmo incipiente, quando existem indícios concretos de que ele tende a adquirir alta relevância econômica ou social.

Assim, para nortear o desenvolvimento de coleções, e a propriedade dos materiais colecionados para uma biblioteca, é altamente recomendável que seja elaborado um documento denominado de “Política de Desenvolvimento de Coleções”. Para ser bem sucedida, segundo publicado pelo Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de São

Paulo (1998), a política poderá conter os seguintes itens, dentre outros que sejam avaliados como necessários pelos tomadores de decisão:

- Objetivos da instituição
- Missão da biblioteca
- Breve descrição da comunidade a que serve
- Diretrizes de distribuição de verbas
- Necessidades de crescimento e equilíbrio do acervo
- Breve descrição e definição dos temas da coleção da biblioteca
- Categorização da coleção
- Prioridades de aquisição conforme níveis da coleção
- Normas de acordos cooperativos

É interessante observar que, quando se inicia a escrita das políticas da biblioteca as informações aparecem, uma vez que sempre existe uma política, mesmo que esta não tenha sido ainda elaborada formalmente. A escrita desse documento irá comprovar as políticas correntes ou fazer com que discussões sobre o assunto tragam soluções para problemas não resolvidos (ALA, 1996).

Assim também essa política irá fornecer “subsídios para discussões com autoridades superiores, tanto para a obtenção de novas aquisições como para recusa a imposições estapafúrdias” (Vergueiro, 1987, p. 197)

e. Seleção e aquisição

A responsabilidade primária do selecionador (ou do profissional responsável por Desenvolvimento de Coleções) é identificar e construir um corpo coerente de conhecimento em dado(s) assunto(s), que vá ao encontro das necessidades de informação dos clientes identificados na sua comunidade.

Cabe ao selecionador, geralmente, participar da elaboração ou elaborar a política de desenvolvimento da coleção, definir o programa anual de aquisição assim como coordenar estudos de desenvolvimento de acervo e sua avaliação periódica.

Os conhecimentos desse profissional são primordiais para a construção de uma coleção de sucesso. Além do entendimento das áreas de assuntos da biblioteca é importante que esse esteja aliado às habilidades e técnicas biblioteconômicas. A necessária preparação intelectual, ou aprimoramento de conhecimentos, podem ser planejados e agendados com pessoas da própria organização, da biblioteca, ou em cursos de extensão, assim como o aperfeiçoamento na utilização eficaz de equipamentos e sistemas.

As atividades do dia-a-dia dizem respeito à seleção de títulos em qualquer formato que poderão fazer parte da coleção, realizando a análise de materiais que podem estar em demonstração, assim como solicitar e administrar faturas, pró-forma ou definitivas, que serão encaminhadas para aquisição ou prestação de contas, avaliar materiais doados e administrar a permuta.

A seleção deve levar em conta a qualidade do conteúdo, sua adequação ao escopo da coleção, a autoridade do autor ou corpo editorial, a demanda existente para o material, a acessibilidade da língua, o custo, que deve ser justificável, a atualidade da obra, a conveniência de formato e sua compatibilidade com os equipamentos da biblioteca, a disponibilidade destes em outras bibliotecas, e seu valor, que pode ser efêmero ou

permanente. Deve ser analisada ainda a quantidade de exemplares necessários, as áreas de abrangência do título, a qualidade visual e auditiva dos materiais especiais.

Por outro lado, para garantir que o planejado nas diversas fases do desenvolvimento de coleções seja colocado em prática, principalmente o relativo à seleção e ao que foi especificado na política da biblioteca, todas as atividades inerentes ao processo de aquisição devem ser cumpridas com eficiência. Para Andrade e Vergueiro (1996) cabe à aquisição o trabalho minucioso de identificar, localizar e obter itens para a coleção, exigindo perseverança e atenção a detalhes, de maneira à “evitar um descompasso entre o que foi escolhido primordialmente para aquisição e aquilo que afinal chega às mãos do usuário”.

Dessa forma, a preocupação com a organização dos processos deve ser constante, para garantir que o item selecionado ingresse na coleção da biblioteca no menor tempo e custo de aquisição. As dificuldades para que isso se cumpra são diversas, desde as ligadas à legislação que rege a compra desses itens, tanto no setor público como na iniciativa privada, até as relativas às condições da própria instituição, que definem também os responsáveis pela aquisição, a execução do pagamento dos itens e a prestação de contas das despesas efetuadas. (Andrade; Vergueiro, 1996, p.5-6).

Já os recursos eletrônicos continuam produzindo mudanças nas bibliotecas e nos trabalhos de desenvolvimento de coleções. A responsabilidade primária do selecionador continua sendo a seleção de materiais relevantes para os assuntos identificados como de atuação da biblioteca. Mas a seleção de materiais eletrônicos é mais complexa do que a de recursos impressos. Além dos processos de decisão que envolvem todos os itens relativos ao material convencional, também deverá haver conhecimento de equipamentos ou *hardware*, ferramentas de busca ou pesquisa, catalogação, treinamento para utilização dos recursos adquiridos, e uma nova dimensão de preservação e arquivamento.

f. Recursos financeiros e orçamentos

O selecionador, para assumir a sua parcela de responsabilidade no processo de desenvolvimento de coleção, deve entender o orçamento destinado a esse fim de forma integral, relacionando-o à estrutura organizacional da biblioteca e a sua governança. O orçamento pode ser dividido por tipos de materiais, como assinaturas de periódicos, alocação por departamentos, etc. Os relatórios de aquisição servirão de base para os orçamentos a serem propostos, comparando-se, por exemplo, os gastos com determinados tipos de materiais e assuntos em relação aos demais.

Os fatores determinantes do orçamento são a comunidade atendida, o número de estudantes, professores, disciplinas, as áreas de pesquisa, empréstimos entre bibliotecas, demografia da vizinhança, dentre outros que poderão ser identificados. Também é importante a análise de preço médio dos materiais das diversas áreas, a predominância de seriados ou livros.

O responsável por desenvolvimento de coleções deve estar atento, ainda, às formas de obtenção de recursos, uma vez que praticamente nenhuma biblioteca, atualmente, pode obter toda a informação que os usuários demandam somente com o seu próprio orçamento.

Cada biblioteca deve desenvolver e cultivar fortes relações com possíveis doadores para reduzir a diferença entre o orçamento existente e o necessário para atender à comunidade. Para isso deve haver entendimento, também pelo responsável por desenvolvimento de coleções, das necessidades financeiras da instituição e da biblioteca, de forma a buscar oportunidades que possam inserir a biblioteca nos programas de desenvolvimento da própria instituição, além da relação existente entre o orçamento da biblioteca e a formação de fundos extras, por exemplo, por meio de projetos, programas e atividades de apoio, agências de financiamento, etc.

g. Conservação/preservação

Dependendo da idade da coleção, há uma necessidade crescente nas bibliotecas por planos de preservação. É preciso que o selecionador conheça o valor de sua coleção, assim como dos títulos individuais de cada disciplina, de forma a poder tomar decisões apropriadas. Para isso, deve conhecer as técnicas de preservação existentes e decidir sobre encadernação, microfilmagem, fotocópias ou digitalização.

Mesmo que o selecionador não tenha a *expertise* técnica de um especialista em preservação ou conservação, ele necessita incluir os procedimentos de preservação nas atividades de seleção, descarte e aceite de doações. Os procedimentos e processos de revisão e aceite de doações devem ser de total conhecimento do selecionador e itens indispensáveis na política de desenvolvimento de coleções.

h. Descarte/desbastamento

Independente do foco e filosofia de seleção da biblioteca, o descarte ou desbastamento, é parte integrante do desenvolvimento de coleções e talvez o elemento de maior dificuldade em sua execução. Este processo é mais usual em bibliotecas cujo objetivo primordial seja o empréstimo de materiais e atualização da informação, como deve ser nas bibliotecas públicas.

As razões para o desbastamento podem ser diversas, como necessidade de espaço, condição física do item, circulação, duplicação, relevância em relação ao currículo, acuidade em relação ao nível determinado da coleção em levantamentos, idade e exatidão do material.

Estudos de utilização dos materiais servirão para incluir item de reposição de materiais muito usados, compra de itens adicionais, preservação ou até uma mudança de ênfase em determinadas parcelas da coleção.

Por outro lado, nas bibliotecas acadêmicas, o selecionador poderá desbastar duplicatas, retirar da coleção de referência para transferir para as estantes de livre acesso, dessas para as de coleções especiais, armazenamento ou venda. De qualquer forma, todas essas ações devem ser conduzidas com total entendimento das políticas de desenvolvimento de coleções, profundo conhecimento da pesquisa, referência, necessidades gerais de leitura dos usuários, e com um olhar sobre a comunicação com esses usuários.

i. Marketing e comunicação

Para alcançar sucesso em suas atividades de desenvolvimento de coleções, o responsável deve estar totalmente integrado com a organização, estabelecendo relações de comunicação e trabalho com todo o corpo de funcionários da biblioteca, departamentos e divisões com os quais seja necessário trabalhar de forma muito próxima, para que estes possam também contribuir com o próprio Desenvolvimento de coleções e com o gerenciamento dos processos inerentes a ele.

O responsável deve entender a filosofia, as prioridades, as políticas e procedimentos sob as quais cada um dos funcionários e seus departamentos atuam. É essencial, ainda, compreender o fluxograma das atividades como, por exemplo, depois da aquisição para onde encaminhar os materiais e qual o caminho que estes seguirão até chegar ao usuário, podendo inclusive realizar treinamentos nesses setores para aprendizado e melhoria de desempenho dentro da organização.

Os benefícios para a biblioteca são incalculáveis, quando esse profissional entende como e o que deve ser comunicado aos membros da instituição, ao pessoal da biblioteca e aos usuários. Muitas ações podem ser realizadas para melhorar o processo de comunicação, mas primeiramente deve-se desenvolver a arte de ouvir, sobre as dúvidas, idéias e conhecimento

(*expertises*) dessa comunidade, assim como ampliar o próprio entendimento da natureza da coleção e do perfil de seus membros.

O responsável por desenvolvimento de coleções deve comunicar toda informação de interesse aos membros da instituição, utilizando-se de elementos como a promoção de entrevistas e reuniões para facilitar a compreensão sobre os processos tais como orçamentos, política, dispêndios, planos anuais, dentre outros, assim como elaborar, ou participar da elaboração e divulgação de novos materiais, bibliografias, guias, *homepages*, quadros, etc.

j. Avaliação dos procedimentos de desenvolvimento de coleções

O processo de construir uma coleção requer habilidades já delineadas nos itens anteriores, como selecionar, traçar uma política adequada e comunicar-se com os membros da instituição e usuários. O ponto central para a decisão de título a título é o conhecimento do perfil e das necessidades de informação de sua clientela. O quanto se consegue satisfazer essas necessidades poderá ser determinado, em parte, por avaliações da coleção, que poderão demonstrar o quão apropriado continua sendo o que foi definido anteriormente ou necessitará ser redefinido. Fatores externos, tais como mudanças demográficas ou nos orçamentos, programas retirados ou incluídos nos currículos, devem ser monitorados constantemente. O responsável por desenvolvimento de coleções deve estar sempre atento para determinar quais as avaliações que podem subsidiar a informação necessária para refinar a coleção, redefinir a política ou promover a atualização dos perfis do usuário e da biblioteca, de forma a melhor atender às demandas de sua comunidade.

Dessa forma, pode-se concluir que desenvolvimento de coleções é um trabalho de planejamento, que exige metodologias, realizado por meio de processos que afetam e são afetados por fatores externos a ele, além de ininterrupto. A atividade deve ser vista como algo rotineiro nas bibliotecas, tal qual a classificação, a catalogação e o empréstimo, colocando-se

claramente o que se deseja alcançar e sob que critérios os processos e procedimentos serão norteados. (Vergueiro, 1989)

3.2 PANORAMA DE DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES

De acordo com Figueiredo (1998) é atribuído a Gabriel Naudé o primeiro tratado de biblioteconomia, em 1627, *Avis pour dresser une bibliothèque*, no qual foram discutidos extensivamente os princípios de seleção de livros. No século XVII a própria natureza da biblioteconomia estava sendo formalizada e a seleção de livros aparece em obras publicadas nesse período: “o bibliotecário tem que conhecer tanto livros como pessoas, o bastante para fornecer livros apropriados para seus leitores, sem hesitação [...]” (Figueiredo, 1998, p.11)

Nos séculos seguintes a preocupação continuou centrada na seleção e obtenção de materiais para preservar o conhecimento. Mas é no século XX que a preocupação em tornar o processo de construção de uma coleção de biblioteca mais “ciência do que arte” apareceu com força, com o entendimento de que as atividades envolvidas nesse processo iam além da seleção, no que influíram fatores já citados anteriormente, como a explosão informacional, os custos das publicações e a necessidade de orçamentos sempre maiores para manter acervos, por um lado e, por outro, a diminuição real dos valores desses orçamentos.

Vergueiro (1993, p. 15), cita que “John Ryland lembra aos presentes em uma conferência sobre aquisição de livros e periódicos realizada em Charleston que, na realidade, o desenvolvimento e a administração de coleções é muito mais do que seleção [...] e irá abranger diversas tarefas [...]”.

Para melhor compreensão dessas mudanças em desenvolvimento de coleções será apresentado, no próximo item, um resumo do que ocorreu no âmbito das bibliotecas de pesquisa das universidades na América do Norte e, em seguida, um panorama de desenvolvimento de coleções no Brasil.

3.2.1 Desenvolvimento de coleções na América do Norte

Desenvolvimento de coleções é estudado com ênfase pelos membros da American Research Library (ARL), organização sem fins lucrativos de 123 bibliotecas de instituições pesquisa dos Estados Unidos e Canadá que compartilham de missões, aspirações e realizações similares. É uma associação relevante e distintiva, pela importância de seus associados e pela natureza das instituições representadas. As bibliotecas membro da ARL constituem uma grande parcela do mercado de bibliotecas e despendem mais de um bilhão de dólares cada ano em materiais.

A ARL tem como parte de sua missão “dar formato e influenciar o ambiente futuro das bibliotecas de pesquisa no processo da comunicação científica (*scholarly communication*)”. Em seu Relatório 225, de dezembro 2002, *Collections & Access for the 21st-Century Scholar: Changing Roles of Research Libraries*, a ARL cita que “no início deste século XXI, há um fluído e incerto ambiente que apresenta oportunidades de liderança e desafios para a biblioteca, especialmente em relação às decisões de gerenciamento e acesso a coleções” (ARL, 2002, p.1).

Anteriormente, a ARL havia publicado interessante relato sobre a história contemporânea de gerenciamento de coleções nas bibliotecas na América do Norte, iniciada na metade do século XX, codificada e profissionalizada num período de 35 anos, de 1950 a 1985 (ARL, 1999). Segundo esse, três acontecimentos significativos influenciaram grandemente a sua evolução:

- 1 A rápida expansão da educação superior, do nível de escolaridade e das coleções das bibliotecas.

2 A ampliação do conceito de desenvolvimento de coleções para o gerenciamento de coleções.

3 Os esforços em colecionar cooperativamente, assim como o crescimento de coleções duplicadas.

Nesse período, de 1950 a 1985, diversos estudos foram publicados para pleitear por melhores e mais eficazes formas de gerenciamento e desenvolvimento cooperativo de coleções e compartilhamento de recursos entre bibliotecas. Charles Osburn em sua publicação *Academic Research and Library Resources: Changing Patterns in America*, concluía que era necessário orientar esses serviços para um modelo de desenvolvimento de coleções onde fosse enfatizado cada gasto, a capacidade de resposta e o foco da atenção às necessidades dos usuários. (ARL, 1999, p.2). Em 1981, Paul Mosher, citado por ARL (1999,p.3), estabeleceu o primeiro “Instituto de Gerenciamento e Desenvolvimento de Coleções”, em Stanford. Ele desafiava as bibliotecas a saírem da perspectiva tradicional de desenvolvimento de coleções, que dava ênfase somente à aquisição, seleção e construção de coleções, para uma nova visão de gerenciamento de coleções que abrangeria um universo muito mais amplo de políticas, planejamento, análises e atividades de cooperação.

Mas o desenvolvimento cooperativo de coleções enfrentou dificuldades para sua implementação e sustentabilidade, nesses anos de 1950 a 1985. Muitos projetos falharam e para isso contribuiu a forte política de autonomia das bibliotecas, combinada com a dificuldade de mover materiais impressos de forma rápida e econômica através de distâncias geográficas reais.

Em meados de 1980 muitas universidades e bibliotecas experimentaram fases de limitações orçamentárias e declínio. O poder de compra das aquisições das bibliotecas foi afetado pela diminuição dos orçamentos e pelos altos custos dos periódicos, que fizeram com

que as bibliotecas comprassem cada vez menos monografias. E, enquanto ocorriam essas condições adversas de economia, os bibliotecários de gerenciamento (desenvolvimento) de coleções foram colocados de frente com a mais poderosa força de mudança: o emergir dos sistemas de informação digital. Os catálogos on-line foram seguidos pelas bases eletrônicas de referência e, em meados de 1990, por textos integrais de periódicos eletrônicos e coleções digitais. Bibliotecários e diretores de bibliotecas ficaram à frente de um novo e incerto ambiente; com todas as dificuldades de gerenciar as coleções impressas, os bibliotecários encontram agora dois formatos a considerar, o impresso e o eletrônico. E isso dentro do mesmo orçamento, além do conflito da aceitação do novo formato. Para complicar o quadro ainda mais, as universidades e bibliotecas, ainda de acordo com ARL (1999) precisavam lutar para desenvolver a infra-estrutura e habilitar seu corpo técnico para que atuasse nesse novo ambiente.

Robert Sewell, da Rutgers University, citado por ARL (1999, p.16), estudioso em desenvolvimento de coleções, descreveu aquele atual ambiente eletrônico como uma miríade com muitas interfaces diferentes; ferramentas de pesquisa que falhavam; carga local, acesso remoto e sistemas operacionais que sofriam problemas regulares e recorrentes; termos e condições radicalmente diferentes entre si que apareciam em acordos de licenciamento de uso; além de flutuações de preço ocorrendo entre produtos similares. Ressalta, entretanto, que a maioria das bibliotecas universitárias teve extraordinária capacidade de adaptação nesse caótico período de formação. E conclui:

Até o momento, o sistema de informação digital é ainda imaturo para ser acreditado como um meio seguro para colecionamento e preservação do registro da comunicação científica. Mas o que se coloca e se ouve dos estudantes e dos jovens é o refrão: - *Se não estiver na Web, não existe.* (ARL,1999, p.16)

Isso reafirma que, nesse século XXI, meios impressos são apenas uma parte das coleções das bibliotecas. A mídia eletrônica, os formatos audiovisuais, são também transmissores de informação e as escolhas ou seleção do material que deve formar a coleção tem inumeráveis formatos, além de assuntos e ambientes mutáveis (Figueiredo, 1999, p.57).

3.2.2 Desenvolvimento de coleções no Brasil

No Brasil, segundo Vergueiro (1987, p.193-4), as bibliotecas “são, em geral, compostas por coleções que não chegaram a desenvolver-se de forma adequada [...] mas cresceram aleatoriamente”. Naquela época, Vergueiro dizia que desenvolvimento de coleções “não é ainda uma preocupação muito comum aos bibliotecários [...]. Falha dos profissionais, mas também falha de formação adequada que, até recentemente, não tratava o assunto em grande detalhe. Apenas a partir da entrada em vigor do novo currículo mínimo, em 1984, [desenvolvimento de coleções] passou a constar obrigatoriamente entre as chamadas matérias técnicas”.

Vergueiro (1993, p.19) volta a enfatizar que “pouco – ou quase nada – pode ser apresentado como um dado realmente inquestionável, passível de ser transformado em regra geral, de que as bibliotecas brasileiras têm sido objeto de um efetivo esforço em direção ao desenvolvimento de suas coleções”.

Embora nas bibliotecas universitárias e especializadas exista um relativo grau de preocupação com os acervos, provavelmente em virtude de maior exigência de sua clientela em relação a eles,

[...] a preocupação com o desenvolvimento de coleções em bibliotecas apresenta um nítido incremento a partir das últimas décadas, quando se tornou cada vez mais claro, para bibliotecários e administradores em geral, que era praticamente impossível acompanhar o ritmo alucinante de crescimento de materiais informacionais. E isso não só em relação à necessidade de espaços físicos para acomodação de novos itens como ao tratamento adequado desse material. (Vergueiro, 1993, p. 13)

Desenvolvimento de coleções foi tema de 37 trabalhos apresentados em congressos e seminários de Biblioteconomia no Brasil, a partir de 1979 e até 1998. Esses trabalhos foram localizados em busca realizada com os descritores ‘desenvolvimento e coleções’ na Base de Literatura Cinzenta em Ciência da Informação (BLC) , desenvolvida e mantida pelo Núcleo de Pesquisa de "Produção Científica" do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da ECA/USP, e disponível para consulta na biblioteca da ECA/USP, assim como em seu *site*.

Dentre os trabalhos localizados, há alguns bem direcionados ao tema, com propostas de metodologias, políticas, avaliações e estatísticas, assim como outros que apresentam os resultados das avaliações e metodologias aplicadas. Mais seis trabalhos foram localizados nos *sites* dos seminários nacionais, Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias (SNBU) 2000 e 2002. Em 2004, também no SNBU⁶, o Prof. Dr. Valdomiro Vergueiro apresentou excelente comunicação oral, com panorama sobre a atualidade, ressaltando a importância e necessidade das bibliotecas terem suas políticas formalizadas.

Uma análise mais detalhada nos resultados da pesquisa acima citada permitiu identificar dois resultados de trabalhos em desenvolvimento de coleções nas bibliotecas da área de Saúde no Brasil. O primeiro, de Ciarcia (1985), apresenta estudo temático e qualitativo de periódicos biomédicos correntes para avaliação desse acervo na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, integrante da Rede Brasileira de Informação em Ciências da Saúde. Este trabalho incluiu em sua análise a comparação das coleções entre bibliotecas dos institutos anexos à faculdade, bibliotecas particulares de disciplinas e serviços situados no Hospital das Clínicas que também pertence à USP, bem como de faculdades, hospitais e institutos circunvizinhos, além da biblioteca do Instituto de Ciências Biomédicas da USP, por sua especialização nas disciplinas básicas e pelo acordo existente de rápido e intenso intercâmbio bibliográfico. Neste trabalho há um item, sobre avaliação de título para

⁶ Ver SNBU 2004. Relatório Geral. Disponível em:
http://www.bczm.ufrn.br/snbu2004/segundas/relat_geral.html Acesso em 3 fev. 2007.

aquisição ou descarte, que remete a desenvolvimento cooperativo de coleções de revistas na Rede:

[...] ao se avaliar um título para aquisição ou descarte, deve-se verificar primeiramente se este é adquirido ou não por outra biblioteca. No caso específico de cancelamento, deve-se verificar se a baixa cotação do título nesta avaliação é devida à mudança ou fusão de títulos, ou se é um periódico recente e, portanto, não houve tempo para ser incluído em listas ou serviços de indexação. Há necessidade também de se complementar este estudo com informações a respeito das coleções da BIREME e demais bibliotecas da USP, além de outras bibliotecas locais e regionais. (Ciarcia,1985, p.284).

O segundo trabalho, de Krzyzanowski, Carvalho e Bocatto (1994), da biblioteca da Faculdade de Odontologia da USP, apresenta projeto elaborado à W.K. Kellogg Foundation com objetivos de incrementar atividades do Serviço de Documentação Odontológica (SDO), constituir-se de fato em Centro Cooperante Nacional de Informação na Área de Ciências da Saúde Oral e de criação da Sub-Rede Nacional na Área de Ciências da Saúde Oral, para a qual o SDO passaria a atuar como Centro Coordenador, atividades estas ligadas à Rede Brasileira de Informação em Ciências da Saúde.

Nos objetivos desse projeto estão colocadas claramente as atividades de cooperação que permitem ampliar a disseminação da informação, com a formação de núcleo básico de bibliotecas na área de odontologia, captar informações na área odontológica regional para ingresso em base de dados de Odontologia (BDO) e LILACS, permitir o acesso à literatura odontológica aos seus usuários através dos serviços de busca automatizada e obtenção de documentos por meio de empréstimo-entre-bibliotecas, comutação bibliográfica on-line, facsímile e internet e cooperar com SDO na criação do Catálogo Coletivo Nacional de Revistas de Odontologia.

3.3 PARADIGMAS MODERNOS DO DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES

De acordo com Figueiredo (1999), influências ambientais significativas, como os fatores econômicos, o número de publicações disponíveis e as tecnologias inovadoras de informação, vêm ocasionando mudanças de ordem prática e filosófica nos princípios de desenvolvimento de coleções em bibliotecas, pressionando para o aparecimento de novos paradigmas. Apesar da ênfase moderna na prestação de serviços aos usuários, uma biblioteca continua sendo, essencialmente, uma coleção de livros e de outros tipos de materiais, e nenhuma prestação de serviço pode ser bem feita se não tiver suporte numa coleção desenvolvida com critério, de acordo com os interesses e necessidades dos usuários.

Os formatos tradicionais não são necessariamente obsoletos. Os materiais impressos, assim como todos os outros suportes existentes, podem ser ainda desejáveis, porque requererem pouca manutenção, são relativamente baratos, não exigem máquinas ou estratégias de busca. E Figueiredo (1999, p.59) questiona, “o que é ou forma uma boa coleção”? E segue: quando uma coleção é considerada ótima, está sendo vista como a melhor em uma área de assunto. Mas talvez não passe numa avaliação que meça como ela responde às necessidades da comunidade a que tem de servir. Também sempre se supôs que o tamanho fosse uma boa medida, mas a partir da década de 70, com a recessão americana, uma nova geração de bibliotecários passou a demandar que a medida do valor da biblioteca fosse feita em termos de número de usuários e de sua satisfação. É mais importante que a biblioteca provenha acesso à informação requerida do que o tamanho da coleção propriamente dita.

Tão logo mais bibliotecas de todos os tipos se tornem ligadas umas com as outras e com o mundo de informação disponível eletronicamente, a posse extensa de materiais tornar-se-á uma meta menos enfatizada[...] Não quer dizer que estudantes não mais lerão livros ou que o material recreativo, ou para enriquecimento intelectual, desaparecerá das coleções. Numa coleção bem gerenciada, tais itens permanecerão. O acesso à informação do mundo externo é que terá que ser considerado e [também] colocado nos orçamentos. (Figueiredo,1999, p.60).

A coleção tem que ser equilibrada do ponto de vista do uso realizado; as composições das coleções refletirão muito mais os padrões de uso do que as opiniões dos especialistas. Deve haver coleta regular de dados estatísticos propiciados por sistemas automáticos de circulação que devem ter meios para avaliar o uso padrão real dos materiais, continuada e sistematicamente, por assunto, idade, relação com os currículos ou interesses locais. Onde houver maior uso constatado, a coleção deverá ser fortalecida; em caso inverso, a coleção poderá ser mais fraca e, para área de assuntos sem demanda, não é necessário manter coleção alguma, mas ter conhecimento de bibliotecas próximas que possam atender sem problemas os usuários.

Figueiredo (1999, p. 63), ressalta ainda que:

[...] essa nova percepção com relação às coleções das bibliotecas, ou este novo paradigma, criou certo tipo de choque com antigos preceitos biblioteconômicos, ou seja, modernamente é valorizado o desenvolvimento de coleções úteis, isto é, tendo em vista a sua utilização pelos usuários (ou o chamado uso comprovado). Isso vem contra o princípio tradicional de a biblioteca ter que preservar o conhecimento, princípio esse só aplicável, hoje em dia, nas bibliotecas nacionais ou nas chamadas bibliotecas de último recurso.

Em seu artigo *Future Perfect*, Ashworth, citado por Figueiredo (1999, p.64-5) prega que “[...] é preciso acabar com o conceito de que todo o conhecimento é necessário ou mesmo desejável: quanto maior for a média de publicações em qualquer área, maior será a proporção de material de baixo nível [ou que atenda às necessidades do usuário]”. Ashworth introduziu o conceito de obsolescência da literatura, um dos mais utilizados atualmente para se manter uma coleção útil, principalmente nas áreas de ciência e tecnologia, devendo as bibliotecas estabelecer um processo de descarte permanente, armazenando apenas a coleção útil. Bibliotecas especializadas podem atingir até 75% a 80% de nível de sucesso no atendimento,

a custo moderado, que podem ser aumentados em mais 5% sem necessidade de maiores investimentos, por meio de refinamento da política de seleção, através do estudo de uso de maneira regular; aplicação de dados já conhecidos sobre obsolescência da literatura na área de atuação e cooperação estreita com outras bibliotecas para obtenção de materiais em áreas marginais da coleção.

Manter grandes coleções ou desenvolver coleções coerentes apenas com a aceitação de pedidos que visem atender às necessidades imediatas de usuários, não é mais aconselhável nas bibliotecas hoje. É necessária uma política coerente com as prioridades da instituição e um trabalho de seleção conjunto entre comissões de bibliotecários e de usuários realmente motivados e com interesse pelo assunto. Por outro lado, “esforços para equilibrar ou integrar as doutrinas de acesso ou posse continuarão a modificar definições e percepções fundamentais sobre coleções em todas as bibliotecas”. (Figueiredo, 1999, p.63).

As implicações da introdução e integração do acesso às atividades relacionadas à coleção precisam ser entendidas pelo pessoal de referência e pelos selecionadores. Como o pessoal da referência é o mais ciente das necessidades de informação dos usuários, seu papel na formulação de políticas para desenvolvimento de coleções é crítico para o sucesso dessa atividade. Para manter as políticas de coleção “vivas” e responsivas aos usuários, inovações significativas ou outras mudanças relevantes têm que ser continuamente examinadas e incluídas ou refletidas na política para o Desenvolvimento de coleções (Figueiredo, 1999, p.63-64).

Assim, para as bibliotecas no século XXI, a busca de equilíbrio em relação aos formatos dos objetos informacionais e a posse e acesso desses são questões fundamentais que se apresentam, assim como as atividades em cooperação, envolvendo decisões que poderão limitar ou ampliar o atendimento eficaz aos usuários e a relação custo/benefício da prestação de serviços.

3.3.1 Bibliotecas eletrônicas e virtuais

Neste início do século XXI, são visíveis as mudanças ocasionadas pela inserção da automação em atividades informacionais. Essas transformações afetam tanto a estrutura e operações das bibliotecas quanto os usuários dessas instituições, e criam expectativas sobre a manutenção das bibliotecas detentoras da informação impressa, devido à digitalização de documentos e a automação dos diversos serviços oferecidos.

Para Santos e Passos (2000, p.1) atualmente “as realidades impressas, virtuais e digitais convivem simultaneamente, não havendo um parâmetro de que essa ou aquela forma de acesso seja a melhor ou pior. Existem facilidades, como também as restrições, mas o que realmente importa são o desempenho e contribuição de cada um desses formatos, no desenvolvimento do conhecimento humano”.

A terminologia utilizada para definir as bibliotecas disponíveis por meio da *Web* tem sido alvo de discussão. De forma genérica, e não se atendo a rótulos, as bibliotecas eletrônicas permitem a localização do documento que depois deverá ser acessado fisicamente; para isso os grandes sistemas de bibliotecas continuam buscando as melhores formas de empréstimo unificadas e o envio dos documentos físicos às casas de seus usuários. Já as bibliotecas digitais têm seus textos e demais documentos recuperáveis integralmente, de modo gratuito ou regulamentado. Temos ainda a definição de biblioteca virtual, como sendo,

[...] a reunião de um ferramental de computação, estoque e comunicação digitais juntamente com o conteúdo e *software* necessário para se reproduzir, emular, estender os serviços oferecidos por bibliotecas convencionais baseadas em papel e outros meios de coleção, catalogação e disseminação da informação. Uma biblioteca [virtual] completa deve ser capaz de oferecer todos os serviços essenciais de uma biblioteca tradicional, assim como

explorar as bem conhecidas vantagens do estoque, pesquisa e comunicação digital. (Levy, 1995, citado por Santos e Passos, 2000, p. 1)

No Brasil, as bibliotecas virtuais representam um dos tópicos que mais têm recebido a atenção dos profissionais da informação. O primeiro levantamento realizado pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), unidade de pesquisa integrante da estrutura do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), intitulado Perfil das Bibliotecas e Serviços de Informação Brasileiros na Internet, identificou, em julho de 1996, um total de 50 endereços de bibliotecas brasileiras na Internet. (SILVA e colab., 1996). Atualmente este número é muito mais representativo e o próprio IBICT mantém o Programa de Informação para Gestão de Ciência, Tecnologia e Inovação (PROSSIGA), criado já em 1995 com o objetivo de promover a criação e o uso de serviços de informação na Internet voltados para as áreas prioritárias do Ministério da Ciência e Tecnologia, assim como estimular o uso de veículos eletrônicos de comunicação pelas comunidades dessas áreas. As Bibliotecas Virtuais Temáticas são coleções referenciais que reúnem e organizam informações, presentes na Internet, sobre determinadas áreas do conhecimento. Elas são desenvolvidas por meio da parceria do IBICT com Instituições que desejam organizar e difundir seus conteúdos temáticos no ambiente *Web*. Hoje o Prossiga detém mais de 20 bibliotecas virtuais em diferentes especialidades.

As Bibliotecas Virtuais, conforme definição do IBICT, “são coleções organizadas de documentos eletrônicos, onde cada fonte de informação possui dois atributos relacionados: os relativos ao seu conteúdo e os que identificam de forma descritiva o documento”. (IBICT, 2006)⁷

Na área de Saúde, na América Latina e Caribe, a BIREME deu início, em 1998, a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), uma coleção ou rede de fontes de informação científico-

⁷ Disponível em: <http://prossiga.ibict.br/bibliotecas/> Acesso em 17 dez. 2006.

técnica em saúde operada na *Web* de modo cooperativo por produtores, intermediários e usuários de informação em saúde, com o objetivo de promover o acesso equitativo à informação. Na figura 1 é mostrada a BVS na *Web*, tal como está organizada atualmente.



Figura 1 – Biblioteca Virtual em Saúde na *Web* (out. 2006)

Atualmente 24 países adotam o modelo da BVS, resultando em uma Rede BVS na *Web*, com um portal regional e 107 portais nacionais, temáticos e institucionais, conforme representado na figura 2.

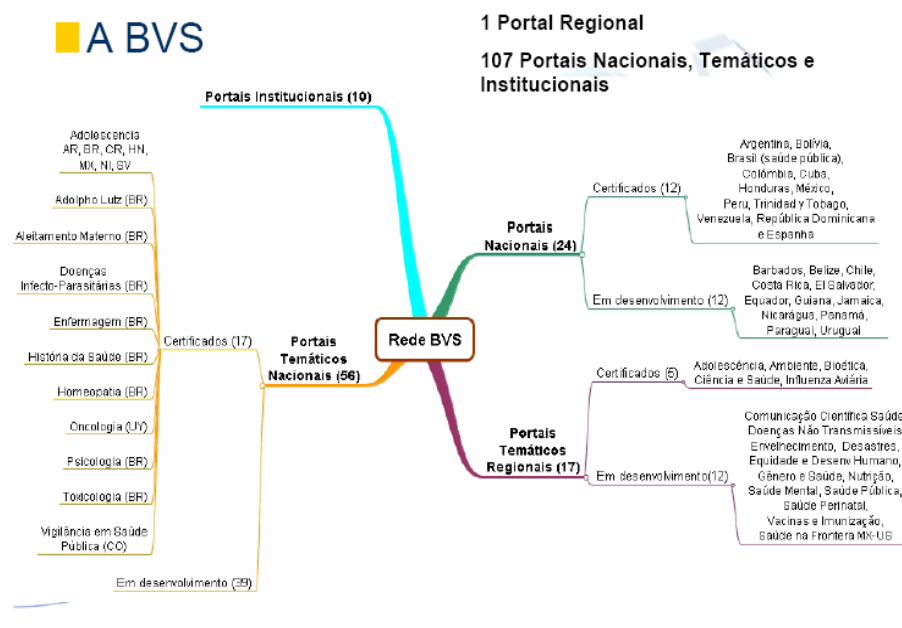


Figura 2 – Representação de distribuição da Rede BVS em out. 2006⁸.

De acordo com o Guia da BVS 2005 (BIREME, 2005)⁹, a arquitetura de suas fontes de informação tem como objetivo assegurar que essas sejam produzidas de forma descentralizada e conectadas em rede, o que amplia sua visibilidade e sua acessibilidade, evitando a duplicação de trabalho. Para isso, as fontes de informação devem ser criadas, organizadas, estruturadas e alimentadas de acordo com metodologias compatíveis, desenvolvidas no contexto da BVS, sob a coordenação da BIREME.

Assim, cada uma das fontes de informação tem suas próprias metodologias que incluem manuais, guias e programas que facilitam sua implantação. O conjunto dessas fontes forma a rede de fontes de informação da BVS, composta por: literatura científica (acesso à base de dados referenciais e em texto completo, catálogo de revistas científicas, acesso ao documento, seja em papel ou texto eletrônico), diretórios (eventos, cursos, profissionais,

⁸ Fonte: Apresentação Verônica Abdala, Reunião Rede Brasil, SNBU 2006. Disponível em http://www.eventos.bvsalud.org/BVSB2006/public/documents/veronica_reuniao_rede-121848.pdf

Acesso em 31 jan. 2007

⁹ Disponível em <http://bvsmodeo.bvsalud.org/php/level.php?lang=pt&component=16&item=118>

Acesso em 17 dez. 2006

instituições), sites na Internet, indicadores de saúde, legislação, comunicação e espaços com informação de apoio à tomada de decisão, etc. devem ser identificadas de acordo com as demandas de informação de cada país ou área temática, que definirão os tipos que serão desenvolvidos e operados.

3.3.2 Revistas científicas eletrônicas (e-journals)

A revista científica ou *journal*, principal canal formal de publicação acadêmica, representa o espaço de divulgação e registro dos resultados de pesquisa e elaborações teóricas realizadas. Tem como função construir uma base coletiva ou corpo consolidado de conhecimento. Para o pesquisador, a publicação de artigos, indicador de seu desempenho acadêmico, é utilizada pelas instituições como um dos critérios para premiações e promoções, além de reconhecimento pessoal para o autor.

Desde o final do século XIX, com o estabelecimento da revisão dos artigos pelos pares (*peer-review*) esse meio de comunicação institucionalizou-se como sistema reconhecido pela comunidade acadêmica, criando um arquivo público de coleções armazenadas em bibliotecas, cada vez mais fragmentado, em razão de um parcelamento da ciência em áreas especializadas. Em conseqüência têm audiências cada vez mais restritas, causando a diminuição das edições e o encarecimento do custo da publicação, conforme Marcondes; Sayão (2002).

Notadamente na segunda metade do século XX houve um crescimento exponencial do volume de informação publicada em revistas científicas. Por meio do site do International Standard Serials Number (ISSN) , órgão da Unesco que tem por missão receber e registrar as revistas publicadas, assim como a ocorrência de cada eventual mudança de título e/ou editora, mantendo o histórico da publicação ao longo do tempo – no ano de 2006 verifica-se a

existência de 1.227.057 títulos, sendo 755.664 correntes e 18.573 títulos brasileiros¹⁰. Os custos das assinaturas, a proliferação de publicações eletrônicas e demais questões envolvidas, vêm trazendo à tona uma série de questionamentos sobre o futuro das publicações impressas e a situação atual das revistas científicas. O impacto dos avanços tecnológicos, que afetam e modificam as atividades dos indivíduos desenvolvidas em âmbito científico, tecnológico, econômico, político e social, nos séculos XX e XXI, têm influenciado também na edição de publicações científicas. Observa-se que a utilização da Tecnologia da Informação (TI) na área editorial e da biblioteconomia possibilitou incomparável e imprescindível agilidade para o acesso à produção científica internacional, e a evolução do texto, para o suporte eletrônico, possibilitou o surgimento e desenvolvimento de livros e revistas nesse suporte.

Para o mercado de livros parecia não haver possibilidade de mudança imediata para o formato eletrônico (Marcia Zeng, 1998) tal qual estava rapidamente acontecendo com os periódicos. Ainda hoje essa situação permanece, embora os livros eletrônicos já tenham avançado em direção a uma maior expansão de uso.

Ao contrário do que ocorre com os livros, as revistas tornaram-se eletrônicas com maior facilidade. Segundo Robert Haeyes (1999),

[...] são os artigos de revistas que mais se prestam à recuperação e à armazenagem eletrônicas, por tornar um artigo prontamente acessível, e pela menor importância que fascículos completos ora apresentam. Adicionalmente, o *CD-Rom* ou *DVD – Digital Video Disk* aparecem como excelentes formas para juntar grande número de artigos para arquivamento. Assim, na próxima década, é quase certa a completa transferência das revistas científicas para o suporte eletrônico, na forma de biblioteca digitais.

Há mais de 10 anos, ou em 1992, apareceram as primeiras revistas eletrônicas. As editoras não sabiam como vendê-las e nem os bibliotecários e usuários sabiam como lidar

¹⁰ Fonte: ISSN. Disponível em: <http://www.issn.org/en/node/330> Acesso em 3 fev. 2007.

com elas, além de que esse formato não impunha credibilidade. Levou uma década, mas as revistas eletrônicas vêm firmando seu espaço. Anualmente, em artigos publicados na revista *Library Journal*, sempre na edição de 15 de abril de cada ano, duas autoras americanas, Lee Van Orsdell e Kathleen Born, têm analisado os preços das revistas científicas e o caminhar das mudanças ocorridas com o formato eletrônico, análises que são apresentadas a seguir, de forma resumida e com ênfase nos pontos de interesse para este trabalho.

Em 2002, o impresso parecia ainda dominar o mercado e todas as negociações para expandir o uso do formato eletrônico eram usualmente iniciadas com as assinaturas do formato impresso, como a parte difícil do provável acordo. Nesse ano, contudo, alguns consórcios (analisados aqui os americanos e europeus, mas que refletem uma situação que se pode dizer praticamente global) – solicitaram que o impresso fosse negociado separadamente do eletrônico, colocando o on-line no centro das negociações, porque já começava a despontar a preferência por esse formato. E o modelo de compra e venda de assinaturas de revistas passou a ser “on-line + impresso”, em vez do “impresso + on-line” do momento inicial.

Segundo Orsdell e Born (2002), “é difícil acreditar na rapidez com que as revistas eletrônicas se tornaram o padrão na comunicação acadêmica”. Em 1994, havia menos do que 75 revistas eletrônicas que atendiam ao processo de revisão por pares. Em 1998, cerca de 30% dos títulos do *Science Citation Index*¹¹ estavam on-line; 4 anos depois a porcentagem de revistas on-line nessa publicação era de 75%, respectivamente 63% nas Ciências Sociais e 34% em Artes e Humanidades. A maioria dos grandes editores científicos tem suas publicações on-line nesse ano de 2002.

O ano de 2003, marcado pelo escândalo financeiro no mercado vendedor de revistas científicas, de proporções mundiais, apresentou um panorama nada fácil, quando a agência de

¹¹ Base de dados não gratuita do ISI/Thomson contendo, dentre outros, índices de citação de artigos dos principais títulos de periódicos internacionais Disponível em: www.isinet.com Acesso em 18 dez. 2006

assinaturas RoweCom faliu e deixou de arcar com os compromissos assumidos previamente com editores e bibliotecas, Os orçamentos das bibliotecas continuavam limitados e com os preços das assinaturas sempre em ascensão, como acontecia ano após ano. A preocupação com fusões, monopólios e altas margens de lucro das editoras, criticadas abertamente pelos consumidores, foi generalizada. As editoras estavam “empurrando” o chamado “*Big Deal*”, acordo em que entregavam um pacote fechado de títulos para as bibliotecas, com preço contratado para mais de um ano e que restringia cancelamentos. Ainda que parecendo irresistíveis para muitas bibliotecas, alguns desses pacotes não pareceriam mais tão bons em contratos de 2 ou 3 anos. E as bibliotecas iniciaram movimentos para forçar as editoras a serem mais moderados na venda desses contratos.

Com a “ira crescente”, formas alternativas de disseminar a publicação acadêmica foram aparecendo em todos os lugares. Novas possibilidades, com os acadêmicos retendo o direito de *Direitos Autorais*, o estabelecimento dos “*open archives*” e repositórios institucionais, “entravam em silêncio nas consciências dos bibliotecários, administradores e sociedades acadêmicas” (Orsdel; Born, 2003).

Ao contrário do que possa parecer, os arquivos abertos não são uma proposta anárquica que elimina os critérios de qualidade da ciência; muitos deles utilizam o esquema de *peer-review*, ou uma separação entre textos avaliados e não-avaliados; e muitos destes textos são cópias livres de artigos já publicados ou a serem publicados em revistas científicas convencionais.

Em 2004 (Orsdel; Born, 2004) as bibliotecas, que sofreram durante uma década ou mais com a disfunção do crescimento do sistema acadêmico de comunicação científica, acharam aliados qualificados ao redor do globo. Dessa vez, as vozes que disseram “*não*” ao *Big Deal* eram de membros de instituições de muito prestígio, como Cornell, Harvard, MIT e a Universidade de Califórnia. Estas universidades falaram para muitos quando declararam sua

intenção de escolher título a título as suas assinaturas de revistas científicas, “baseada no valor do conteúdo e não no tamanho do *embrulho*”.

O destino do chamado *Big Deal* não foi decidido nessa época de renovação, mas, e ainda conforme as análises de Orsdell e Born, há outros sinais de que o modelo de extremo-lucro das editoras está para enfrentar séria competição, e que esta avança sob a bandeira da “Iniciativa de Acesso Aberto a Arquivos” (*Open Access Initiative - OAI*). Assim, por esta e outras razões, “o mundo começa a reconhecer que o sistema vigente estaria, de fato, quebrado e deveria ser reparado”. (Orsdel; Born, 2004, tradução nossa)

Continuando a análise anual, Orsdel e Born (2005), iniciam seu relato dizendo que:

“O mercado de comunicações acadêmicas que, em 2004, explodiu com a notícia de bibliotecas de pesquisa relutando em negociar nas bases fixadas pelas editoras, governos investigando sistema de publicações científicas e reformadores vendendo o modelo de negócio ‘autor paga a publicação do artigo’, determinou um estado inquieto de calma relativa”.

Não houve nenhuma resposta imediata ao modelo vigente: os preços das assinaturas não caíram e os orçamentos das bibliotecas acadêmicas não aumentaram. O movimento de *Open Access* ganhou contornos de modelo, iniciativas governamentais nos Estados Unidos e Grã-Bretanha começaram a exigir que autores colocassem em arquivos públicos na *Web* os resultados de pesquisa financiados por eles, assim como importantes fundações privadas de pesquisa, como *Wellcome Trust*, adotaram essa política. O advento do *Google Scholar* parecia incentivar os acadêmicos a cooperar com o movimento de acesso aberto, mas ainda era especulação. Por sua vez, bibliotecários continuaram a analisar dados de uso, correlacionar preços, e cortar cada revista que não fosse essencial, enquanto as editoras trabalhavam sobre complicados modelos de preços, procurando um meio de manter esse mercado rentável.

Finalmente, em 2006, é publicado o relatório “*Journals in the time of Google*” As mesmas autoras realizam a análise de “um ano com realidades que competiram entre si: a compra e venda de revistas eletrônicas continua, enquanto o conteúdo livre na *Web* captura a imaginação do mundo acadêmico. O anterior foi eclipsado pelo último, e nenhuma maravilha” (Orsdell; Born, 2006). As manchetes foram dominadas por projetos rivais que tentam digitalizar bibliotecas inteiras plenas de livros, sobrepondo-se a argumentos mundiais de direitos autorais. O crescimento robusto de repositórios de acesso abertos e o movimento em direção a auto-arquivamento por autores, povoou a *Web* com uma quantidade inesperada de conteúdo livre que estava inicialmente disponível só por meio da compra de assinaturas.

Quem teria adivinhado que em junho 2005, Google teria 56% das referências pesquisadas em artigos das revistas da HighWire, enquanto PubMed Central, um repositório famoso de ciências de vida, teria menos que 9%? Se essa constatação não fosse o bastante, 72% de acadêmicos pesquisados para um relatório em auto-arquivamento disseram usar o Google para encontrar literatura acadêmica na *Web*. Os editores de revistas de todos os tamanhos e importância formam seus planos de negócio ao redor deste fenômeno, compartilhando metadata com o Google e outros mecanismos de busca na *Web*. (Orsdell; Born, 2006)

O movimento de *Open Access* outra vez ocupou o lugar central no mercado de revistas, eclipsando preços, fusões de editoras e o *Big Deal*. Políticas públicas envolvendo acesso aberto foram discutidas em reuniões em todo o globo e medidas foram tomadas. As editoras responderam ao crescente debate e interesse no acesso aberto de várias maneiras – algumas amigáveis, outras não. E o que é esperado em 2007? Além de um aumento entre 7 a 9 % no preço das assinaturas das revistas científicas, o aumento do movimento de acesso aberto (Orsdell; Born, 2006).

De qualquer forma, a informação, além de ser um bem social e cultural, apresenta custos crescentes, tornando-se impraticável para um indivíduo isoladamente, e até mesmo

para uma Instituição como um todo, assim como para as bibliotecas, isoladamente, controlar, adquirir e/ou tornar acessível e disponível a massa de informação produzida e distribuída em diferentes meios.

Neste contexto, gerenciar esses lados antagônicos (bem social x alto custo e numerosa oferta) - com vistas a facilitar o desenvolvimento da pesquisa científica em nível local, nacional e internacional, é o grande desafio para os gestores da informação na atualidade, que têm por responsabilidade tornar acessível e manter assinaturas regulares das revistas científicas necessárias à sua comunidade, dentro de orçamentos que chegaram aos seus máximos limites.

Assim, a adoção da prática de união formal de interesses das bibliotecas, por meio de colaboração, cooperação ou consórcios, para seleção, aquisição, racionalização de custos e atividades, manutenção e preservação da informação, apresenta-se como uma das formas adotadas pelas Instituições e por profissionais envolvidos para reduzir ou dividir os custos orçamentários, ampliar o universo da informação disponível aos usuários e efetivar o sucesso das atividades de cooperação e compartilhamento muitas vezes existentes informalmente (Krzyzanowski, Taruhn, 1998).

3.4 PRESSUPOSTOS EM DESENVOLVIMENTO COOPERATIVO DE COLEÇÕES

A cooperação entre bibliotecas vem se manifestando de várias formas, há muito tempo. Embora não se conheça a data exata em que, modernamente, o termo consórcio de bibliotecas foi usado pela primeira vez, esse conceito há muito está presente na área da Biblioteconomia, embutido nas palavras cooperação, coordenação e colaboração. De acordo com Kopp (1998)¹², meios específicos de alcançar essa cooperação foram identificados em artigo publicado por Campbell em 1879, intitulado *Grouping of places for library purposes*.

¹² Texto original traduzido.

Ao longo dos séculos, a cooperação aparece em textos de diversos autores, como Mac, em 1885, e Dewey, em 1886, na revista *Library Journal*; em número especial da *Public Libraries* em 1905 e, ainda, com Downs, em 1939, em simpósio sobre o futuro das bibliotecas. A partir de 1960 o termo consórcio começa a tomar vulto na literatura biblioteconômica, coincidindo com os primeiros desenvolvimentos importantes em automação de bibliotecas e uso crescente de computadores na pesquisa em bases de dados. O papel do consórcio seria o de formalizar o compartilhamento de *expertises* nessas atividades de automação. Nos anos 70 e 80 as atividades desenvolvidas em consórcio são as que permanecem ainda hoje, como a produção de catálogos coletivos e/ou sistemas locais compartilhados, estabelecimento de privilégios recíprocos de empréstimo e atividades de aquisição, dentre outras. Alguns desenvolvimentos tecnológicos, à essa época, algumas vezes fizeram com que as bibliotecas, momentaneamente, dessem menos atenção à união em consórcio, como aconteceu quando do advento do *CD-Rom*, em que houve a falsa impressão de que a biblioteca poderia voltar a ser auto-suficiente no atendimento a todas as demandas de seus usuários.

Mas, principal e justamente em razão de fatores tecnológicos, a necessidade de trabalhos em colaboração entre as bibliotecas ressurgiu, com força máxima, nos anos 90. E a palavra consórcio é a que melhor tem definido essas associações. Kopp (1998) cita ainda que, na publicação *The National Electronic Library: a Guide to the Future for Library Managers*, Allan Charnes, um dos autores dessa obra em colaboração, conclui que “a estrutura de consórcio parece ser o meio mais promissor para se constituir uma biblioteca eletrônica nacional”.

Com a publicação eletrônica há uma proliferação de informações em mais de um suporte ou formato, embora, por outro lado, o formato eletrônico dos catálogos on-line e bases de dados bibliográficas, facilite a premissa de compartilhamento, permitindo que bibliotecas

localizem com facilidade, em diversos acervos, os materiais necessários aos usuários. Dessa forma, a cooperação entre bibliotecas, especialmente em sua moderna forma de compartilhamento de recursos, tem recebido grande atenção nas duas últimas décadas, principalmente com o suporte das novas tecnologias.

Para a American Library Association (ALA,1994), embora esteja havendo um interesse sempre crescente no desenvolvimento cooperativo de coleções, como uma estratégia para fazer frente à inflação e aos orçamentos diminuídos das bibliotecas, acordos de cooperação poderão trazer economia de dinheiro, ou não. Há ainda o reconhecimento da necessidade de que o método de financiamento das bibliotecas e centros de informação seja necessariamente modificado, com a entrada de recursos advindos de projetos junto a agências de fomento, dentre outros. O indubitável é que a cooperação promove melhoria na alocação de recursos e faz com que maior variedade de materiais de fontes diversificadas esteja disponível,...

Também pela ALA são apresentadas diversas hipóteses introdutórias dirigidas aos envolvidos e interessados nesse tema. Essa audiência é formada potencialmente por administradores de entidades políticas, de instituições, de bibliotecas e, ainda, por recursos humanos de bibliotecas que façam parte de programas cooperativos. É feito, ainda, um alerta para essa audiência, no sentido de esclarecer que a cooperação pode incorrer em obrigações financeiras e legais, e os programas, para serem bem sucedidos, demandam que o suporte para essas questões venha dos mais altos níveis organizacionais. Em resumo, isso significa que o responsável pela provisão financeira nas organizações, ou as entidades políticas que intentem cooperar, devem estar preparadas para encaminhar quaisquer questões legais, financeiras, políticas ou administrativas envolvidas no esforço de cooperação.

3.4.1 Modelos de cooperação

A cooperação e o compartilhamento de recursos entre duas ou mais bibliotecas pode envolver programas altamente formalizados ou o compartilhamento casual para o atendimento aos usuários, podendo simplesmente surgir por interesses comuns ou ser criado para atender a objetivos comuns. Cada uma das formas dependerá das características individuais das instituições envolvidas, da administração do programa, dos modos de cooperação e da necessidade de fontes de financiamento.

Os membros de uma atividade em cooperação poderão ser reunidos por facilidades geográficas, por tipo de bibliotecas, para compra de itens específicos e particulares; responsabilidades por partes ou retenção de áreas particulares de coleções; atividades pontuais; empréstimo entre bibliotecas, preservação, programas de automação, dentre outras.

3.4.2 Melhores práticas em modelos de cooperação

Todos esses elementos e características, vistos anteriormente, aparecem de forma muito clara em um trabalho do Center of Research Libraries (CRL), consórcio de universidades, faculdades e de bibliotecas independentes de pesquisa norte-americanas, fundado em 1949, como o centro Inter-Library de Midwest (MILC). Esse consórcio adquire e preserva recursos tradicionais e digitais para a pesquisa e ensino, e os torna disponíveis às instituições membro com o empréstimo inter-bibliotecário e a entrega eletrônica. Hoje existem quase duzentas instituições participando, uma coleção de aproximadamente quatro milhões de itens e serve não somente como um repositório de materiais avaliados para a pesquisa, mas como uma parceria dinâmica comprometida com objetivos além do alcance de uma única universidade ou biblioteca.

Dentre os projetos e programas desenvolvidos pela CRL, destacamos o realizado pelo grupo de trabalho “Melhores Práticas em Desenvolvimento Cooperativo de Coleções”, apresentado em conferência sobre esse tema, em novembro 2002, co-patrocinada pela American Research Libraries (ARL). Esse grupo do CRL/ARL tem como missão “identificar as circunstâncias ou elementos que facilitem ou impeçam o sucesso de desenvolvimento cooperativo de coleções, de forma a distinguir as práticas que sustentam programas relevantes e viabilizados”.

Para identificar esses elementos o grupo realizou primeiramente uma pesquisa ampla, com 82 respondentes para um questionário, criando o que denominaram um “mapa da pesquisa”, classificando-os por tamanho, objetivos ou foco e composição, assim como a representatividade de projetos estrangeiros, com a finalidade de identificar e posteriormente entrevistar os responsáveis por 20 programas de diferentes categorias de atividades. Depois de identificados, esses foram avaliados em termos de missão e objetivos; tipo de cooperação, área, assuntos e formato e, ainda, longevidade. Foi considerado também o que se havia obtido na literatura e considerados projetos que tivessem a reputação de bem sucedidos. Seleccionados 18 projetos, esses foram divididos em três categorias: seleção de monografias e seriados em formato não eletrônico; licenciamento e aquisição compartilhada de recursos eletrônicos e acesso, armazenamento e preservação.

Cada uma dessas três categorias foi analisada em termos de formação e financiamento; processo decisório, organização e administração, financiamento e infra-estrutura. O elemento comum que contribui para a sustentação de todos é uma positiva história de compartilhamento de recursos e cooperação, que reflete em confiança e credibilidade para estabelecer acordos que podem definir e limitar seus acervos locais. Para novos participantes, a importância de fazer parte desse sistema ou atuar nesses grupos influi fortemente.

Também são elementos importantes um foco bem definido, objetivos explícitos colocados em acordos formalizados, a existência de um comitê, inclusive para elaborar relatórios sobre políticas e procedimentos, e uma coordenação que atue na implementação e comunicação. O grande desafio da administração é conciliar as variadas culturas e estruturas organizacionais.

Fatores críticos são a comunicação e transparência para manter a credibilidade, a necessidade de ter a percepção da alta administração de que colaborar é positivo para a organização e obter novos recursos de financiadores ou outros.

O desenvolvimento de tecnologia que permita ao usuário o acesso e recebimento dos materiais informacionais é fundamental. Dados sobre o acervo, catálogo on-line e estrutura para empréstimos recíprocos são críticos para o sucesso, assim como treinamento e ensino permanentes.

Em projetos de armazenamento e preservação, como em outros tipos de cooperação, a infra-estrutura tecnológica que permita identificação rápida e eficaz recuperação de recursos é essencial à viabilidade. Um catálogo coletivo que contenha os registros para os materiais dos projetos compartilhados é essencial. Contrariamente, a ausência deste tipo de infra-estrutura pode trazer uma desvantagem enorme.

Particularmente os consórcios para acesso à informação em meio eletrônico têm estrutura sólida quando observados o uso estratégico de fundos para aquisição, compromisso com a comunicação e uma ótima estrutura para acesso às informações. Também é importante a construção cuidadosa de um comitê consultivo representativo das diversas instituições, composto por todos os envolvidos, mantenedores e bibliotecários.

Para estabelecer o consórcio, são fatores críticos os fluxos de recursos das administrações das instituições que o compõem, a vontade e a visão de cooperar e as

conexões políticas das lideranças. Uma linha adicional de recursos é recomendável para manter o fluxo dos pagamentos em dia e para trazer maior credibilidade à iniciativa.

Um desafio para os consórcios é a dificuldade das instituições em ultrapassar o seu “*paroquialismo*” e pensar globalmente. Movimentos para além dos limites conhecidos, o medo das mudanças e a perda de controle são barreiras para alguns – sempre existe a suspeita da implantação de soluções centralizadas – assim como conciliar necessidades opostas dos diversos membros, o que exige um aprendizado acerca de ser flexível e adaptável para obter a confiança de que os esforços estão sendo equitativos.

Nos consórcios complexos um aspecto organizacional importante é a existência de um *staff* centralizado e específico. A habilidade de adaptação à mudança com relativa facilidade é parte da longa duração dos projetos de sucesso. O estabelecimento de boas relações com os vendedores, mostrando a eles as necessidades específicas e também a adaptação das licenças de uso a diferentes situações, são práticas indispensáveis.

4 PROGRAMAS NO BRASIL PARA ACESSO A REVISTAS CIENTÍFICAS

Como visto anteriormente, os custos dos objetos informacionais, do armazenamento e da recuperação têm exigido, desde há muito, que bibliotecários e administradores repensem/reavaliem constantemente a necessidade ou possibilidade de disponibilizar localmente todos os itens de suas coleções.

O acesso à informação é a chave da biblioteca no presente. E esse acesso é dependente da efetividade dos sistemas técnicos e humanos, de diretrizes e requerimentos eficazes, da definição da filosofia e mecanismos exigidos pelo desenvolvimento cooperado e coordenado de coleções.

A cooperação entre bibliotecas está recebendo uma grande atenção, há algumas décadas, com a catalogação cooperativa, armazenamento e/ou preservação compartilhados, catálogos coletivos e empréstimos entre-bibliotecas. De acordo com Vergueiro (1993, p.15),

É a evolução das instituições em um mundo de constantes mudanças que, por meio dos modernos sistemas de comunicação, tornou as coleções acessíveis em nível mundial. O limite para uso dos acervos, utilizando-se do compartilhamento de recursos informacionais – que, praticamente, não conhece fronteiras -, é o próprio limite do conhecimento recuperável. Como pensar, diante disto, em armazenar documentos apenas para si? Ficou bem claro, a partir dessa mudança de atitude, que nenhuma biblioteca poderia ser auto-suficiente, atrevendo-se a procurar dar-se ao luxo de suprir todas as necessidades informacionais de seus usuários com recursos próprios.

Dessa forma, encontra-se completamente inserido no contexto de desenvolvimento de coleções em bibliotecas, o conceito de cooperação e compartilhamento de recursos. Krzyzanowski (1994, p. 48) descreve que,

Em 1954, por decreto federal nº. 35.124, foi criado o IBBD - Instituto Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (Castro,1985), atual IBICT - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, que deu início a projetos de serviços cooperativos básicos, incluindo o fornecimento de cópias reprográficas às bibliotecas brasileiras e estrangeiras e, diretamente a pesquisadores, constituindo um trabalho pioneiro na época, em âmbito nacional. Deve-se mencionar, com destaque, o Programa de Comutação Bibliográfica - COMUT, criado no ano de 1980, sob a responsabilidade da CAPES, através da portaria 456 de 05.08.1980, do Ministério da Educação. Esse Programa vem envolvendo Bibliotecas Universitárias e Especializadas, por meio de mecanismo eficiente de acesso à informação existente nos seus acervos, através da reprodução de documentos (artigos científicos, teses e partes de livros). Para tal atendimento as bibliotecas atualmente participantes do programa, se utilizam de outro suporte cooperativo de informação, que é o Catálogo Coletivo Nacional de Periódicos do IBICT, em microfichas e CD-ROM, abrangendo o acervo de 704 bibliotecas do País, com 354.484 coleções (IBICT, 1994)... Conscientes, ainda, de que a integração de esforços não deveria ficar apenas a nível institucional [como estava ocorrendo com a criação de sistemas de bibliotecas nas universidades] o IBICT, a FINEP e a USP promoveram em 1984, na USP, Seminário de Bibliotecas Universitárias, para estabelecer, através de reflexão conjunta de equipes de bibliotecas universitárias e agências governamentais de fomento, critérios que orientassem o planejamento de sistemas de bibliotecas. Nesse sentido, foi implantado, em 1986, o Programa Nacional de Bibliotecas Universitárias, o PNBUI, junto ao Ministério de Educação e Cultura do Brasil, Secretaria de Educação Superior – MEC/SESu, em Brasília, com o objetivo de formular diretrizes e ações para o desenvolvimento e eficiência da cooperação entre bibliotecas.

Assim, aproximadamente há duas décadas, têm sido desenvolvidos no Brasil programas de acesso a revistas científicas e consórcios de bibliotecas também para acesso a revistas, bases de dados e publicações com acesso gratuito, agora eletrônicos.. Alguns com sucesso e continuidade, outros não. Para Miranda (2004) “a implantação de sistemas e serviços de informação no Brasil, assim como as políticas públicas que orientam suas

atividades, seguem trajetórias erráticas e descontínuas”. Não cabe aqui discutir a afirmação, mas apenas citar e sugerir que a leitura desse texto poderá elucidar os fatores negativos e positivos desses, de acordo com a análise do autor.

Para efeito do presente trabalho destacam-se a seguir os programas direcionados às comunidades universitárias, especialmente com relação a revistas científicas.

4.1 PROGRAMA DE AQUISIÇÃO PLANIFICADA DE PERIÓDICOS – PAP

O PAP, Programa de Aquisição Planificada de Periódicos para Bibliotecas Universitárias –, que se integrou ao contexto maior do PNBU, decorreu da decisão do MEC/SESu, amplamente apoiada pela CAPES, de investir fortemente nas coleções de periódicos técnicos, científicos e de humanidades das Bibliotecas Universitárias, que se constituem em grandes depositárias desse tipo de informação no país, no ano de 1984. (Chastinet; Lima, 1985). Segundo Mueller (1991, p. 111),

Os periódicos escolhidos para serem adquiridos pelo programa foram indicados por especialistas em cada área. Participaram do programa 19 universidades espalhadas em todo o território nacional, que ofereciam um total aproximado de 743 cursos, classificados em 63 áreas de conhecimento. O programa selecionou ao todo 2.334 títulos. O número de títulos financiados, entretanto, foi bem maior, pois um título poderia ser financiado para mais de uma universidade. De acordo com o PNBU, em sua primeira fase o PAP financiou 7.079 assinaturas.

O Portal Periódicos CAPES, com revistas em formato eletrônico e disponível na *Web*, é uma continuidade deste Programa de Periódicos, assim como do Programa Biblioteca Eletrônica (ProBE), que serão vistos a seguir.

Sendo assim, o objetivo do PAP, de assegurar a acessibilidade, em território nacional, de periódicos estrangeiros mais importantes nas áreas de conhecimento nas quais o país mantém cursos de mestrado e doutorado, continua com o Portal CAPES, embora esse tenha tido a possibilidade de ampliação em razão dos recursos de *Web* e publicações gratuitas hoje existentes.

4.2 PROGRAMA BIBLIOTECA ELETRÔNICA ProBE

No Brasil, as universidades do Estado de São Paulo estimuladas pelos modernos modelos de formalização de associações criaram, em 1999, com o apoio financeiro da FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, o primeiro consórcio da América Latina para a aquisição cooperativa de revistas científicas eletrônicas, denominado ProBE – Programa Biblioteca Eletrônica. (Krzyzanowski; Taruhn, 1998)

O ProBE apresentou como objetivo adquirir e tornar disponível o acesso a textos completos de revistas científicas eletrônicas internacionais, de forma compartilhada e cooperativa. Originalmente formado por USP, UNESP, UNICAMP, UNIFESP/ BIREME e UFSCar, até o ano de 2001 ingressaram no consórcio mais 35 instituições de ensino e pesquisa, totalizando 41 instituições, com uma comunidade de 140.000 usuários potenciais, com acesso a 2.340 títulos com textos completos da Elsevier Science, Academic Press, Ebsco (com títulos da MIT e Blackwell), High Wire Press e Gale Group, assim como do SciELO.

Em 2000 o ProBE foi ampliado para um programa nacional sob a responsabilidade financeira da Coordenação Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior CAPES, que também financiava o Programa PAP, anteriormente. Assim o Portal Periódicos CAPES é uma evolução para o meio eletrônico daquele Programa, com algumas características do consórcio ProBE como, por exemplo, com a participação de representantes, na Comissão de Avaliação

existente, de membros do Comitê Brasileiro de Bibliotecas Universitárias (CBBU). Também no Comitê Gestor do Portal há a presença do profissional bibliotecário.

Por outro lado, a estrutura de *hardware*, *software* e arquivos de publicações ou coleções de revistas do ProBE, cujo acesso continua na *Web* embora parcialmente, encontram-se atualmente sob responsabilidade de uma das instituições deste consórcio.¹³

4.3 PORTAL BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO CIENTÍFICA CAPES

O Portal Brasileiro de Informação Científica CAPES [Portal Periódicos CAPES] é um programa nacional criado com financiamento da CAPES, agência governamental federal do Ministério de Educação do Brasil. A CAPES¹⁴ “vem desempenhando papel fundamental na expansão e consolidação da pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado) em todos os estados da Federação - conquista das maiores no campo da Educação brasileira e da Ciência & Tecnologia.”

O Portal CAPES tem a finalidade de proporcionar o acesso à informação eletrônica para as Instituições de ensino Superior - IES, para reduzir as diferenças regionais do Brasil. Segundo o texto introdutório do site do Portal¹⁵, professores, pesquisadores, alunos e funcionários de 182 instituições de ensino superior e de pesquisa em todo o País têm acesso imediato à produção científica mundial atualizada através deste serviço oferecido pela CAPES.

O Portal Periódicos CAPES oferece acesso aos textos completos de artigos de mais de 10.919 revistas internacionais, nacionais e estrangeiras, e a mais de 90 bases de dados com resumos de documentos em todas as áreas do conhecimento. Inclui também uma seleção de importantes fontes de informação acadêmica com acesso gratuito na *Web*.

¹³ ProBE. Disponível em <http://probe.bvs.br> Acesso em 18 dez. 2006

¹⁴ Disponível em: <http://www.capes.gov.br/capes/portal/conteudo/10/historico.htm> Acesso em 18 dez. 2006

¹⁵ Disponível em: <http://www.periodicos.capes.gov.br> Acesso em 18 dez. 2006

O uso do Portal é livre e gratuito para os usuários das instituições participantes. e permitido exclusivamente através das estações de trabalho ligadas a Internet e instaladas nas dependências das Instituições ou em locais a elas associados. São usuários autorizados para acesso ao Portal nas instituições participantes deste programa, exclusivamente, docentes permanentes, temporários e professores visitantes; estudantes de graduação e pós-graduação; e funcionários permanentes ou temporários.

Todos os programas de pós-graduação, de pesquisa e de graduação do País ganham em qualidade, produtividade e competitividade com a utilização do Portal que está em permanente desenvolvimento.

4.4 CONSÓRCIO COPERE

Constituído por instituições particulares e alguns institutos de pesquisa, que faziam parte do ProBE mas que não deram continuidade a essa participação no Portal CAPES, no dia 12 de novembro de 2003 foram assinados os Termos de Consórcio pelas 6 (seis) instituidoras do Consórcio, a saber: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SENAC, Universidade de Ribeirão Preto, Universidade São Francisco, Universidade Católica de Santos, Universidade São Camilo.

O Consórcio de Periódicos Eletrônicos, denominado COPERE, conforme está descrito em suas normas¹⁶, [visa] à implementação de Biblioteca Eletrônica para Instituições de Ensino e Pesquisa Privadas, com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento da pesquisa, através da aquisição cooperativa de bases de dados referenciais e de textos completos de periódicos científicos internacionais, ambos eletrônicos, cujo uso será compartilhado pela comunidade científica dessas instituições. O Consórcio é aberto a adesões, de acordo com as

¹⁶ Normas para a administração do Consórcio de Periódicos Eletrônicos – COPERE referente à aquisição de acesso a periódicos eletrônicos com texto completo e bases de dados referenciais. Disponível em <http://www.portaldapesquisa.com.br/copere/html/normas.html>. Acesso em 25 out. 2005.

deliberações sobre o ingresso de novas Instituições no Consórcio e, desde há algum tempo, vem estabelecendo parcerias para acesso a publicações também por meio do Portal CAPES.

4.5 SISTEMA REGIONAL E BIREME

O Sistema Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde, ou Sistema Regional, tem por objetivo cooperar com o desenvolvimento da pesquisa, educação e atenção em saúde na América Latina e Caribe, colocando ao alcance da comunidade de profissionais da saúde informação científico-técnica produzida nacional e internacionalmente. A BIREME, como integrante e líder desse Sistema, vem reafirmando, ao longo de seus 39 anos, o propósito de trabalhar em cooperação para ampliar o acesso equitativo à informação na Região. Cerca de 786 bibliotecas cooperam com a BVS (BIREME, 2006), sendo 242 no Brasil e 544 nos demais países da América Latina e Caribe. Completam esta rede 477 Bibliotecas Unidades Participantes, que têm a função de promover a BVS entre suas comunidades de usuários.

A Rede Brasileira de Informação em Ciências da Saúde tem uma trajetória contínua de mais de trinta anos de trabalho cooperativo, contribuindo para o desenvolvimento da saúde no Brasil mediante a provisão do acesso à informação científico-técnica para a comunidade de profissionais da saúde. O papel da Rede Brasileira é de importância fundamental, pois o acesso à informação atualizada e relevante é essencial para subsidiar as atividades e os processos de tomada de decisão em planejamento, administração, pesquisa, ensino, promoção e atenção em saúde. Nesses anos, as bibliotecas e centros de documentação que participam da Rede Brasileira evoluíram tanto individualmente como em rede. Por um lado, através da incorporação dos progressos ocorridos nas ciências da informação e nas tecnologias de informação e, por outro lado, respondendo às novas demandas de informação em saúde. A adoção da BVS como modelo de trabalho cooperativo representa uma nova etapa na evolução da Rede Brasileira. (Packer, 2000).

Dentre os trabalhos em cooperação realizados por essa Rede, destaca-se aqui o relativo à descrição das coleções de revistas científicas dos centros cooperantes representadas no Catálogo Coletivo de Seriados em Ciências da Saúde – SeCS, que integra o Portal de Revistas Científicas em Ciências da Saúde na BVS.

4.5.1 Catálogo Coletivo de Revistas Científicas

Nos países não centrais, o problema das publicações acadêmicas é considerado um dos desafios cruciais para o desenvolvimento da capacidade científica nacional e regional. As revistas, que garantem prioridades de temáticas e abordagens, constituem condição indispensável para a efetividade da comunidade como um todo. São percebidas como elementos-chave no estabelecimento de sistemas de pesquisa independentes.

Com relação aos latino-americanos, além dos motivos citados como de preocupação para as bibliotecas, deve ser considerada também a sobrecarga causada por restrições

orçamentárias e as dificuldades de sobrevivência dos publicadores, fatores que consolidam coleções esfaceladas e de difícil tratamento padronizado.

No ano de 1989, foi proposto pela BIREME um projeto de “Implantação do Catálogo Latino Americano e do Caribe de Seriadados em Ciências da Saúde”, movido pela necessidade de administração eficaz de coleções de publicações seriadas na América Latina que permitisse o atendimento às necessidades de informação da comunidade de profissionais da área de Saúde, de qualquer nível, e em qualquer local que estivessem. Este projeto estabelecia como princípios básicos a cooperação, a participação e o uso compartilhado de recursos, com os seguintes objetivos:

- permitir a localização e o acesso físico aos documentos primários das publicações seriadas dos integrantes da Rede;
- desenvolver programas de aquisição planejada, de recomposição de acervos e distribuição de duplicatas;
- incentivar o intercâmbio e o compartilhamento de recursos entre bibliotecas, através do sistema de comutação.

Dentre os objetivos citados, o primeiro se concretizou no Catálogo Coletivo (figura 3), alimentado pelas bibliotecas cooperantes por meio do sistema Seriadados em Ciências da Saúde (SeCS). O segundo não se concretizou ainda de forma plena, no caso do desenvolvimento de aquisição planejada, de recomposição de acervos e distribuição de duplicatas. O terceiro objetivo está sendo cumprido por meio do Serviço Cooperativo de Acesso ao Documento (SCAD), que fornece cópias de artigos de revistas.

| recuperar artigos | | imprimir fechar | |
|---|---|-------------------|--|
| BMJ (Clinical research ed.) / British Medical Association. -- Vol.297, no.6640 (1988) --- London ISSN 0959-8146 | | | |
| Código do Centro | BR1.1 | | |
| Nome do Centro | BIREME - Centro Latino Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde --- Organização Pan-Americana da Saúde - OPAS | | |
| Coleções | 1990-1997 300-315; 1998 316(7137-7149),317; 1999 318; 319(7203-7225); 2000 320(7226-7238),321; 2001-2003 322-327; 2004 328; 329 (7456-7480); 2005 331(7509) | | |
| | 1990 300 IN; 1990 301 IN; 1991 302 IN; 1991 303 IN; 1992 304 IN; 1992 305 IN; 1993 306 IN; 1993 307 IN; 1994 308 IN; 1994 309 IN; 1995 310 IN; 1995 311 IN; 1996 312 IN; 1996 313 IN; 1997 314 IN; 1997 315 IN; 1998 316 IN; 1998 317 IN; 1999 318 IN; 1999 319 IN | | |
| | BR12.1 | | |
| | Biblioteca Setorial Biomédica --- Universidade Federal do Espírito Santo - UFES | | |
| | 1989 298(6665-6671,6674-6689); 299(6690-6693,6695-6715); 1991 302(6767-6768,6770-6792),303; 1992 304(6818-6838,6840-6843),305; 1993 306(6869-6885,6887-6894),307; 1994 308(6921-6945); 309(6946-6949,6951-6953); 1995 310(6988-6995); 311(6996-7012,7014-7021); 1996 312(7022-7038); 313(7048-7062,7064-7072); 1997 314; 2001 322; 323(7303-7315,7319-7327) | | |
| | 1991 302 IN; 1991 303 IN; 1992 305 IN; 1993 307 IN; 1994 308 IN; 2001 322 IN; 2002 323 IN | | |
| | BR14.1 | | |
| | BIBC - Biblioteca Central --- Centro de Ciências da Saúde --- UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro | | |

Figura 3 – Catálogo Coletivo SeCS da BVS, na Web

De acordo com dados de maio/2006 (BIREME, junho 2006) o Catálogo SeCS contém atualmente a descrição bibliográfica de 9.937 títulos, que deve ser indexado em uma base de dados reconhecida na área de Saúde. Desses, 7.762 títulos possuem pelo menos uma coleção descrita, sendo que a média é de, aproximadamente, quatro coleções descritas para cada título de revista constante no Catálogo.

Há um total de 31.426 coleções registradas e 82 bibliotecas cooperam com o Catálogo SeCS, 45 no Brasil e 37 nos outros países da América Latina e do Caribe. No ano de 2002, em trabalho conjunto com os centros cooperantes que contribuem para a atualização do Catálogo Coletivo SeCS, foi discutido e aprovado um termo formal de Acordo de Cooperação, contendo especificamente itens de interesse desses e da BIREME, como coordenador dessa cooperação (Anexo 2). Na figura 4 é mostrado o crescimento do número de coleções registradas entre os anos de 1996 a 2006.

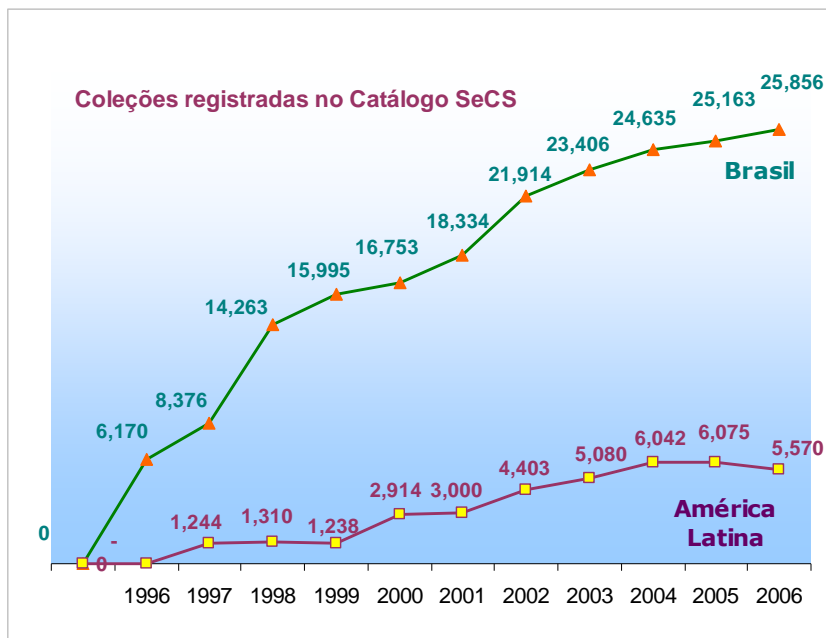


Figura 4 – Crescimento de coleções registradas no Catálogo SeCS, 1996-2006

No Catálogo SeCS também está representada a coleção de revistas científicas da UNIFESP, administrada e coordenada pela BIREME em razão de convênio firmado entre estas instituições. Por sua completude, conformada exclusivamente por títulos da área da saúde, essa coleção é considerada a mais importante da América Latina e Caribe. Constituída por 4.269 coleções correntes de revistas, disponíveis em papel ou acessíveis por meio eletrônico, novos fascículos são recebidos ou disponibilizados para acesso através de assinaturas pagas, doação, permuta e atualmente pela participação em programas de acesso ao formato eletrônico. Para o desenvolvimento de coleções dessas revistas científicas, a BIREME desenvolveu Política específica, conforme pode ser vista no Anexo 3. O seu uso corresponde a uma média de 2 mil consultas por dia, por usuários da Biblioteca Central da UNIFESP, também centro cooperante da Rede Brasileira e por todos os usuários da BVS, potencialmente.

4.5.2 Portal de Revistas Científicas da BVS

Na BVS, a partir de 1996, para agregar a informação sobre a disponibilidade e forma de acesso ao formato eletrônico das revistas, foi desenvolvido o Portal de Revistas Científicas da BVS (figura 5), que incorporou dados de registro bibliográfico dos títulos, o registro das coleções do Catálogo SeCS e tornou disponível o acesso a revistas eletrônicas assinadas pela BIREME, assim como as obtidas através de iniciativas como o Portal Periódicos CAPES, SciELO, ProBE, HINARI¹⁷, dentre outras.

Esse Portal ampliou assim o papel, já cumprido com o Catálogo Coletivo SeCS, de funcionar como uma fonte central facilitadora do acesso cooperativo e compartilhado a coleções de revistas da área de saúde¹⁸.



Figura 5 – Página do Portal de Revistas Científicas da BVS, na Web

¹⁷ HINARI – Health InterNetwork Access to Research Initiative, promovido pela Organização Mundial de Saúde em conjunto com os maiores editores científicos, tem como objetivo oferecer acesso a um maior número de revistas de biomedicina e de outras áreas das ciências sociais, de forma gratuita ou praticamente gratuita, a instituições públicas de países em desenvolvimento. Disponível em : <http://www.who.int/hinari/en/> . Acesso em 3 fev. 2007.

¹⁸ Na Reunião da BVS 2005 (<http://> Foi apresentada a proposta de Política de ampliação de acesso à revistas científicas na América Latina e Caribe que pode ser vista no Anexo 4 .

Até maio de 2006 o Portal conta com cerca de 13 mil registros de títulos de revistas, onde aproximadamente 5 mil títulos possuem informação sobre o acesso ao texto eletrônico e os *links* correspondentes (figura 6).



Figura 6 – Portal de Revistas na BVS, mostrando títulos e informação disponível

Por outro lado, complementando os serviços oferecidos na BVS, e integrado ao Portal/Catálogo Coletivo de Revistas Científica, há o Serviço Cooperativo de Acesso a Documentos (SCAD), importante recurso que viabiliza o acesso ao texto completo de documentos não disponíveis ou não acessíveis aos usuários em meio eletrônico, cuja página na *Web* é mostrada na figura 7. O SCAD está integrado às bases bibliográficas da BVS e à base de dados referencial Medline¹⁹, o que permite a geração on-line de um pedido de fotocópia, a partir de uma referência identificada no processo de pesquisa bibliográfica ou a localização automática do documento nas coleções das bibliotecas cooperantes e o conseqüente direcionamento do pedido. SCAD está em funcionamento desde 1969 e em

¹⁹ Possui livre acesso na Internet como subconjunto da base Pubmed. Disponível em: <http://www.pubmed.org> Acesso em 3 fev. 2007

operação via Internet desde 1996. Para mais informação sobre o SCAD e análise de seu valor e utilização, confira Abdala (2002).



Figura 7 – Página para acesso ao SCAD da BVS, na Web

Dessa forma foi mostrado que o gerenciamento de recursos e de informação nas bibliotecas, assim como os projetos cooperativos, nos dias atuais, são de fundamental importância. Jiménez, 2001, citado por Amorim, 2002, afirma que:

Na América Latina e no Caribe, o crescimento da produtividade de seus países é indispensável para entrar e permanecer nos mercados mundiais. [...] Por isto, os consórcios estabelecidos entre unidades de informação, como um tipo de mercado em rede, [...] são por sua vez fatores-chave para alcançar níveis de produção de conhecimento um pouco mais elevados que os atuais.

5 METODOLOGIA

A metodologia, em uma ciência, constitui o espaço por excelência da reflexão de um campo de conhecimento sobre si mesmo. As características concretas de produção de uma ciência são dadas, em última análise, por seus paradigmas científicos, que fornecem como que um reservatório disponível das possibilidades teóricas, metodológicas e técnicas num dado momento da disciplina em uma situação social determinada. (Lopes, 2003)

A metodologia na pesquisa compreende uma série de pontos de decisão e a instância técnica é o lugar da construção dos dados ou do objeto empírico. Há inúmeras técnicas para a obtenção dos propósitos de uma pesquisa. A documentação indireta, ou levantamento de dados, é o primeiro passo de qualquer pesquisa científica. Outra técnica de metodologia científica, a observação direta extensiva, onde se inclui o questionário, que deve conter uma lista de perguntas cuja temática corresponde, em princípio, a uma “tradução” das hipóteses da pesquisa sob forma interrogativa. Tal tradução deve levar em conta o provável nível de informação dos respondentes e ser submetida a um rigoroso controle no decorrer da elaboração para evitar, ou pelo menos avaliar, as possíveis distorções que ela pode introduzir. Bordieu recomenda “refletividade e relativismo cultural como duas qualidades necessárias para conduzir investigações sem imposição de problemáticas, numa perspectiva de questionamento mais do que observação unilateral”. (Bourdieu,1980, citado por Lopes, 2003, p.133).

A metodologia relativa a esta dissertação incluiu a busca bibliográfica e questionário. Os passos e cuidados para esta pesquisa serão vistos a seguir.

5.1 UNIVERSO DA PESQUISA

Bibliotecas participantes da Rede Brasileira de Informação em Ciências da Saúde que realizam o envio regular de dados de suas coleções de revistas para atualizar o Catálogo Coletivo SeCS do Portal de Revistas da BVS., atualmente somam a 45 centros cooperantes, de acordo com lista fornecida pela BIREME, atualizada em agosto 2006. Esses centros têm sua identificação completa no Anexo 5. No quadro 1 é mostrada a distribuição desses centros cooperantes no Brasil, por Estado da Federação.

Quadro 1 - Distribuição de cooperantes do Catálogo SeCS no Brasil, em 2006

| <i>Estado da Federação</i> | <i>Número de Centros Cooperantes</i> |
|----------------------------|--------------------------------------|
| Bahia | 2 |
| Distrito Federal | 1 |
| Espírito Santo | 1 |
| Goiás | 1 |
| Minas Gerais | 2 |
| Pará | 2 |
| Paraná | 3 |
| Pernambuco | 1 |
| Rio Grande do Sul | 3 |
| Rio Grande do Norte | 1 |
| Rio de Janeiro | 14 |
| São Paulo | 14 |
| Total | 45 |

5.2 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para a pesquisa bibliográfica nesta dissertação, foi realizada revisão da literatura localizada por meio da utilização de bases de dados como Dedalus (USP), a Base de Literatura Cinzenta em Ciência da Informação (BLC), do Núcleo de Produção Científica do CBD/USP e o LISA (*Library Information Science Abstracts*), disponíveis na Biblioteca da ECA, e outros, específicos, que indexam artigos de revistas de editoras, como Elsevier e ProQuest. Também foram utilizados documentos da internet obtidos em pesquisas no Google²⁰, de outros que serviram para estudos em diversos momentos de atuação na área de desenvolvimento de coleções, além dos pesquisados localmente na BIREME.

Para a coleta dos dados da pesquisa realizada foi utilizado questionário que, antes de ser enviado aos selecionados, foi submetido à pré-teste. Dois profissionais bibliotecários não envolvidos diretamente com os trabalhos da Rede Brasileira e outros três profissionais que atuam na Rede analisaram as questões e enviaram as suas observações. Dessa forma, algumas modificações foram introduzidas, o que permitiu um melhor atendimento aos objetivos da pesquisa, assim como aprimorar a própria dinâmica do questionário, que se encontra no Apêndice 1.

O questionário foi enviado aos participantes de forma eletrônica, por meio da *Web*. Essas pesquisas, conhecidas pelo nome de *web surveys*, construídas em softwares diversos, por meio de um módulo específico, permitem criar formulários on-line com facilidade. Para esta pesquisa foi utilizada a ferramenta de software livre PHPSurveyor em linguagem PHP.

Os questionários foram enviados com texto explicativo, utilizando-se o próprio correio eletrônico do PHPSurveyor para os diretores dos centros cooperantes identificados. Nesse correio foi colocado um *link* para o questionário na *Web*, para ser preenchido, ou com o clique

²⁰ Os termos utilizados nas pesquisas foram “desenvolvimento e coleções”, “desenvolvimento de coleções e cooperação”, “cooperative collection development”.

do *mouse* em espaços determinados, para respostas quantitativas, ou em texto livre para complementos ou explicações/observações a essas respostas, listadas no Apêndice 2.

O questionário constituiu-se de itens elaborados com base nos estudos e artigos discutidos no referencial teórico, divididos em categorias conforme a seguir:

- Identificação da biblioteca cooperante
- Procedimentos formalizados de Desenvolvimento de coleções (A.1 a A.4.1)
- Desenvolvimento cooperativo de coleções de revistas científicas (B.1 a B.6)
- Portal de Revistas e Catálogo SeCS da BVS (C.1 a C.5)

Recebidas as respostas, optou-se por realizar a transferência destas para uma planilha Excel, facilitando a tabulação, análises e construção de gráficos demonstrativos.

Para adequada exposição dos resultados dos dados coletados foi solicitada a colaboração de especialista na área de estatística, o que permitiu avaliar o intervalo ou nível de confiança (*confidence interval*) em relação ao percentual de respostas recebidas e o total da população pesquisada.

Na área de estatística, o intervalo ou nível de confiança é a probabilidade que o valor do parâmetro em estudo possui de pertencer ao intervalo centrado na estimativa estatística e aos limites determinados pelo erro amostral. O erro amostral é a diferença entre o resultado da amostra e o tamanho da população pesquisada. Assim, o erro amostral pode ser controlável associando-se os resultados com o grau de confiança elevado. Por exemplo, se for obtido um número de respostas igual a 40% para um parâmetro pesquisado, com um erro amostral igual 2%, teremos 95% de probabilidade de que o valor verdadeiro populacional pertencerá ao intervalo de 38% a 42%, ou seja, 40% ($\pm 2\%$). (Oliveira e Grácio, 2005)

O site The Survey System disponibiliza ferramenta com fórmula pré-programada para esse cálculo de intervalo de confiança²¹, baseada no número total de respostas à pesquisa, o tamanho da população pesquisada e o percentual de respostas obtidas para a pergunta formulada. Na fórmula para o cálculo também já está incluído o erro amostral, bastando inserir os dados solicitados.

²¹ Conforme método para cálculos utilizado no site “The Survey System” (Find Confidence Interval) Disponível em: <http://www.surveysystem.com/sscalc.htm>. Acesso em 22 jan. 2006.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos questionários enviados aos 45 centros cooperantes foram obtidas 27 respostas, o que representou um percentual de 60% de retorno.

Os resultados obtidos são apresentados a seguir, de acordo com a organização do questionário, em quatro grandes blocos, quais sejam:

- Identificação dos respondentes
- Procedimentos formalizados de desenvolvimento de coleções
- Desenvolvimento cooperativo de coleções de revistas científicas
- Portal de Revistas e Catálogo SeCS da BVS

6.1 IDENTIFICAÇÃO DOS RESPONDENTES

Dentre os 27 respondentes, 23 identificaram-se como bibliotecas universitárias e 4 como especializadas (Figura 8). Desses centros, 77,8% ($\pm 10\%$) iniciaram a cooperação com o catálogo SeCS entre os anos de 1989 a 1999 e, 22,2% a partir do ano 2000.

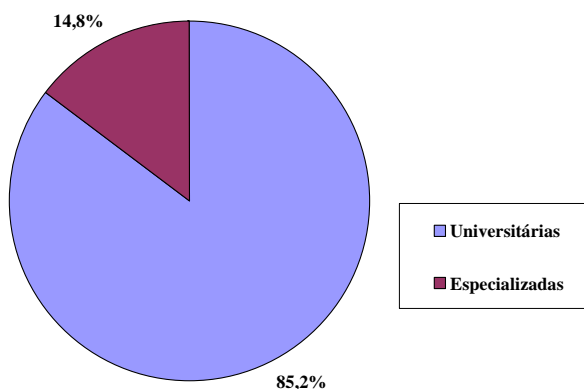


Figura 8 – Caracterização das bibliotecas respondentes

As bibliotecas cooperantes do catálogo coletivo SeCS são, em sua maioria, bibliotecas universitárias, ou sejam 85,2% ($\pm 8,57\%$). No Brasil é nas universidades que a pesquisa é realizada, além do ensino, e onde estão localizadas as maiores bibliotecas da área de saúde. Apenas 4 bibliotecas especializadas (14,8%), dentre os respondentes, participam do Catálogo.

O fato de que a maioria dos respondentes (77,8%) iniciou sua cooperação nas décadas de 80-90 mostra que a cooperação para construção de catálogo coletivo e localização de fascículos impressos foi muito importante para a época. Em 1989, a criação de catálogo coletivo de periódicos científicos foi definida como uma atividade prioritária da BIREME, que se complementava com os processos de permuta e doação de material entre diversas outras bibliotecas. Durante os três primeiros anos de organização desse catálogo coletivo, houve um grande esforço em reunir e completar as coleções das principais revistas médicas do mundo, nas áreas básicas, clínicas e de especialidades, de forma a permitir e facilitar a entrega de artigos para os usuários. (Taruhn, Abdala, 2004).

A comutação bibliográfica continua atuante e novas adesões (22,2%) ocorreram a partir do ano 2000, o que pode demonstrar que o interesse por esse registro de coleções em papel se mantém, mesmo com a introdução do formato eletrônico de revistas.

6.2 PROCEDIMENTOS FORMALIZADOS DE DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES

Para a obtenção de dados que permitissem identificar se as bibliotecas cooperantes do Catálogo SeCS atuam com procedimentos fundamentais de desenvolvimento de coleções, quatro questões foram colocadas, referentes a:

a. Política de desenvolvimento de coleções

A tabulação das respostas permitiu verificar que 51,9% ($\pm 12,2\%$) das bibliotecas respondentes possuem documento formalizado de política de desenvolvimento de coleções (Figura 9), revisado periodicamente por 85,7% delas e não revisado por 14,2 %.

Essas políticas formalizadas incluem critérios para seleção (100%), aceite de doações (100%), descarte (91%), avaliação da coleção (100%) e permuta (91%).

As demais bibliotecas (48,1%) não possuem documento formalizado.

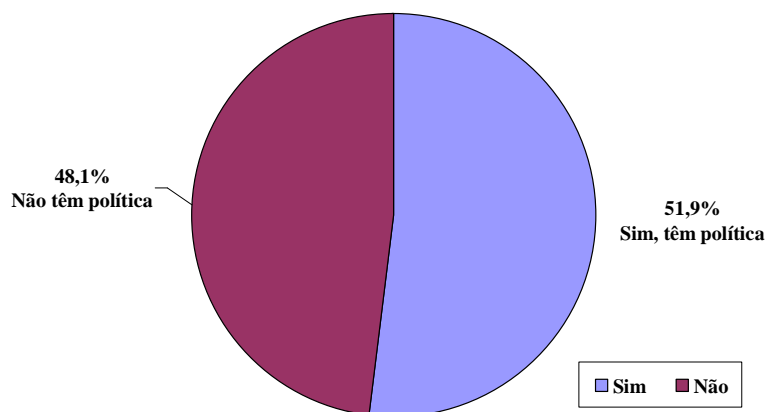


Figura 9 – Percentual de bibliotecas com e sem política de desenvolvimento de coleções

Os dados obtidos vêm ao encontro das análises presentes na literatura brasileira, onde se verifica que grande parte das bibliotecas não tem política de desenvolvimento de coleções sendo que estas se desenvolvem aleatoriamente, atendendo possivelmente a pedidos pontuais de aquisição. Somente nas bibliotecas universitárias é que alguns trabalhos vêm sendo feitos para nortear esse processo de decisão com normas aprovadas pela instituição e que sejam do

conhecimento de todos (Vergueiro,1993). De qualquer modo, o resultado encontrado, próximo aos 50%, poderá merecer estudo futuro que permita verificar o progresso e tendência para um dos lados.

O fato das políticas sofrerem revisão periódica, conforme afirmado por quase 86% das respondentes, tem aspecto muito positivo uma vez que inovações significativas, ou mudanças relevantes, devem ser continuamente examinadas, incluídas ou refletidas na política, permitindo o desenvolvimento de coleções que atendam aos objetivos da comunidade.

b. Avaliação da coleção de revistas

A avaliação das coleções de revistas foi realizada, em algum momento nos últimos cinco anos, por 70,3% ($\pm 11\%$) dos respondentes, não sendo realizada por 29,7%. Os aspectos avaliados foram:

- uso (94,7%)
- obsolescência (73,7%)
- fator de impacto (57,9%)
- completeza das coleções (47,4%)

Foram considerados também, por 5,1% dos respondentes, os títulos com maior abrangência, a área temática, a disponibilidade em meio eletrônico e o preço.

Entre os que avaliaram a coleção, 89,5% ($\pm 7,4\%$) responderam que houve a aplicação dos resultados da avaliação e 10,5% que não houve aplicação.

O fato de a maior parte das bibliotecas respondentes estarem realizando avaliações de suas coleções é um aspecto muito positivo. A coleta regular de dados para avaliar o uso real dos periódicos, os assuntos, idade, relação com os currículos, valor do título visto pelo seu

fator de impacto, e a aplicação dos resultados obtidos, pode permitir o fortalecimento ou diminuição de determinadas áreas, assim como a manutenção daquelas coleções que atendam perfeitamente à demanda dos usuários.

c. Treinamento dos responsáveis por desenvolvimento de coleções

Em relação ao treinamento de profissionais responsáveis por desenvolvimento de coleções, 66% declaram não haver nenhum treinamento formal e 34% ($\pm 11\%$) que há algum tipo de treinamento.

Dois interessantes artigos tratam desse tema. Vergueiro (1987) apresenta observações importantes acerca do desconhecimento ou indiferença aos procedimentos de desenvolvimento de coleções, por “falha dos profissionais, mas também falha de formação adequada que, até recentemente, não tratava o assunto em grande detalhe”.

Este panorama parece manter-se 15 anos mais tarde; em seu artigo, Tuckera e Torrenceb (2004) mostram praticamente a mesma situação em bibliotecas americanas. Esses autores analisaram a situação do profissional recém-formado quando colocado diante da complexidade de acervos a serem gerenciados, não possuindo o preparo adequado por parte das escolas nem treinamentos adequados nas bibliotecas que os encarregam dessa tarefa. Assim, comprovar que, dentre as respondentes, apenas 34% dizem realizar treinamento, mas o descrevem de forma genérica ou equivocada:

Realizado pela biblioteca central.

Treinamento no sistema SeCS.

Apenas duas respostas demonstram percepção desses processos. São elas:

Treinamento em serviço observando os padrões considerados de relevância para a instituição, contemplando: análise da coleção, estudo sobre o perfil do usuário, mapeamento, análise e submissão de novos títulos.

Remanejamento de coleções, preservação, consulta de catálogos

d. Pesquisa do perfil da comunidade

O estudo do usuário ou perfil da comunidade já foi pesquisado por 26% dos respondentes e 74% ($\pm 10,3\%$) nunca pesquisaram. Esse perfil foi pesquisado por uma biblioteca em 1991 e pelas demais entre os anos de 2001 e 2006.

O perfil da comunidade e/ou do usuário pode ser considerado o fator mais importante para adequado desenvolvimento de coleções e deve estar descrito na Política. Sendo assim, o cruzamento das respostas à pergunta sobre ter ou não política e ter ou não estudado o perfil, permite demonstrar que apenas 18,5% das respondentes disseram sim aos dois tópicos; 33,3% disseram ter política, mas não ter definido o perfil; 7,4% não têm política mas têm perfil, e 40,7% disseram não aos dois tópicos.

Quadro 2 – Demonstrativo de percentual de bibliotecas em relação à política e pesquisa do perfil da comunidade

| <i>Têm política e perfil da comunidade</i> | <i>Têm política e não pesquisou perfil da comunidade</i> | <i>Não têm política e pesquisou perfil da comunidade</i> | <i>Não têm política e não têm perfil da comunidade</i> |
|--|--|--|--|
| 18,5% | 33,3% | 7,4% | 40,7% |

Um dos respondentes, no espaço livre destinado às observações finais, colocou a seguinte frase relacionada a esse tópico:

Sim. Temos apenas um comentário, ou seja, sobre o Perfil da Comunidade. Pois, ele é definido, embora seja de forma aleatória e não por meio de pesquisa estruturada.

Dessa forma, e com os dados obtidos, pode-se perceber ainda uma grande lacuna de entendimento dos processos de desenvolvimento de coleções que sejam adequadas aos usuários, quase desconhecidos ou analisados de forma aleatória.

6.3 DESENVOLVIMENTO COOPERATIVO DE COLEÇÕES DE REVISTAS CIENTÍFICAS

Com as respostas às questões formuladas, buscou-se identificar a situação do desenvolvimento cooperativo de coleções de revistas científicas nas bibliotecas da Rede Brasileira, com o advento do formato eletrônico, relacionado à aquisição planejada e/ou compartilhada e aos recursos financeiros utilizados para disponibilizar revistas científicas.

a Participação em programa cooperativo para aquisição de revistas

Dos respondentes 48,1% afirmaram fazer parte de um programa cooperativo de aquisição de revistas e 51,9% ($\pm 12\%$) não fazem parte.

A análise das respostas permitiu verificar que, dentre as que responderam sim, foram considerados os programas de aquisição dos grandes sistemas de bibliotecas universitárias do país (30%), que são denominados programas planejados, isto é, seguem um planejamento.

Ainda, foram citados o Programa Periódicos CAPES, o ProBE, o Programa de Biblioteca Eletrônica e também a BIREME como programas de aquisição cooperativos. Dentre esses, o ProBe realizou ações de aquisição cooperativa com apoio de financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e buscou formas de agir

em cooperação no desenvolvimento e aquisição das coleções de seus consorciados, mas pode-se considerar que não durou o suficiente para que esse objetivo fosse alcançado.

O Portal CAPES é um programa centralizado de aquisição de títulos de revistas, agora em meio eletrônico, financiado pelo governo federal. Como é acessado por quase todas as instituições governamentais de ensino superior no país, a imagem de cooperação permeia seu universo. A participação de algumas instituições da iniciativa privada, com pagamento pelo uso de títulos de seu interesse, assim como dos diretores de bibliotecas que compõem o Comitê Brasileiro de Bibliotecas Universitárias (CBBU) em algumas reuniões e atividades, permite conferir-lhe alguma forma de cooperação entre bibliotecas e dirigentes do Portal, o que pode ser avaliado como ponto positivo.

A BIREME coordena atividades de cooperação na descrição das coleções de revistas no Portal de Revistas da BVS, não realizando aquisição de forma cooperativa com a Rede Brasileira.

Dessa forma, embora possa ser considerado que a cooperação permeie os programas citados, foi visto que 51,9% ($\pm 12\%$) dos respondentes afirmaram não participar de programas de aquisição cooperativa.

Aquisição cooperativa, em sua acepção plena, inclui decisões conjuntas e união de verbas. Assim pode-se concluir que a aquisição considerada como cooperativa pelos respondentes é aquela realizada por um órgão central (centralizada) ou a que obedece a um planejamento (planificada).

b. Programa cooperativo para manter coleção única de revistas

Foi identificado que 48,1% dos respondentes têm interesse em participar de programa em cooperação para manter coleções únicas de revistas, e 51,9% ($\pm 12\%$) não têm interesse.

O maior interesse, dentre os que responderam afirmativamente, foi o por manter coleção única, principalmente para títulos muito especializados, para os de baixo uso (53,8%), para coleções retrospectivas (30,8%) e para títulos muito caros e de menor interesse (7,7%). Um dos respondentes observa que:

Entre as bibliotecas universitárias existem trabalhos cooperativos de doações de coleções retrospectivas.

O resultado permite avaliar que, embora alguns trabalhos em cooperação possam estar sendo realizados, em sua maioria não são formalizados ou divulgados de forma ampla.

c. Acesso ao Portal CAPES Periódicos

Dos respondentes, 88,8% afirmaram fazer parte do Programa Periódico CAPES e 11,2% ($\pm 7,8\%$) responderam negativamente (Figura 10). A maior parte das que respondeu afirmativamente são bibliotecas universitárias e da área governamental. As que não participam foram identificadas como universidades particulares e institutos de pesquisa que, embora governamentais, possivelmente não atendem aos requisitos da CAPES para acesso ao Programa.

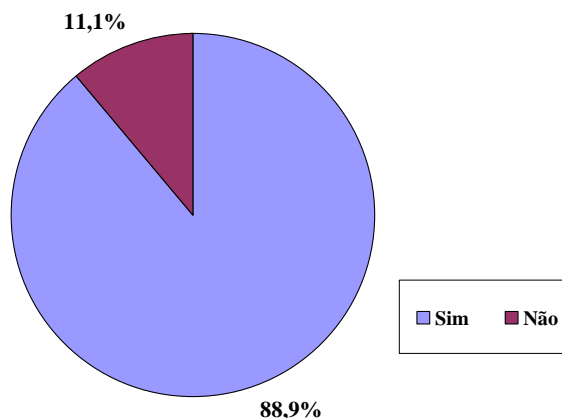


Figura 10 – Bibliotecas respondentes com acesso, ou não, ao Portal CAPES Periódicos

Dentre as bibliotecas que fazem parte do Portal CAPES, 70,8% ($\pm 12,5\%$) realizam aquisição adicional de revistas, e 29,2% não realizam. A verba para essa aquisição é da própria instituição (70,6%), advinda de doações (11,8%) e também de outras fontes (11,8%).

Este resultado é, possivelmente, decorrente do não atendimento, pelo Portal CAPES, de todos os títulos de interesse das bibliotecas respondentes, tendo como consequência a complementação da coleção com outras aquisições de assinaturas de revistas.

Dentre as 11,2 % que não fazem parte do Programa CAPES, 66,7% realizam aquisição de revistas, somente com verba da instituição, e 33,3% não realizam aquisição de revistas.

As bibliotecas que não são atendidas pelo Portal CAPES e não realizam nenhuma assinatura, provavelmente atendem aos seus usuários por meio de artigos obtidos em outras bibliotecas e do acesso aos títulos gratuitos do Portal de Revistas da BVS, atualmente 1.849.²²

Os resultados mostram que as bibliotecas atendidas pelo Portal são as que também têm mais recursos para aquisição adicional, o que pode fazer pensar sobre a real situação da

²² <http://portalderevistas.bvs.br> (“Pesquisa avançada – Texto eletrônico / disponível e gratuito”). Acesso em 18 jan. 2007.

propalada diminuição de verbas para as coleções das bibliotecas, assim como necessidade efetiva dos títulos adicionais.

d. Possibilidade de somar recursos de orçamento para aquisição de revistas

Dos respondentes, 66,6% ($\pm 11,3\%$) apontaram não ter possibilidade de somar recursos de orçamento para aquisição cooperativa de revistas e 33,4% responderam que sim, poderiam ter essa possibilidade.

As explicações apresentadas para a impossibilidade de somar recursos são, em sua maioria, a falta de dotação orçamentária própria e constante, ou dotação irrisória; a vinculação a programas centrais das grandes instituições e a falta de autonomia para essa decisão de participação, uma vez que essa exigiria consulta a outros tomadores de decisão na instituição.

Dentre os que responderam existir a possibilidade da soma de recursos para aquisição cooperativa, foi citada uma futura iniciativa desse tipo de programa dentro da própria instituição que, embora de grande porte e existente há tempos, não tem essa ação de cooperação, nem internamente.

Mesmo por aquelas que responderam existir a possibilidade de somar recursos, foram citadas condições para que isso fosse aceito, como a necessidade de consulta aos órgãos centrais e das condições que seriam exigidas dessa participação, também pelo fato de estarem, algumas, sob a administração direta do governo que tem legislação sobre a forma de realizar aquisições.

Favoráveis às ações de aquisição cooperativa identificaram-se as seguintes respostas:

Porque seriam divididos os gastos, não teria necessidade de obter todos os títulos necessários com recurso próprio, mas sim alguns, e seria feito a troca, empréstimo com as outras que teriam os títulos que nós não temos.

Sim. Porque esta instituição acredita sobremaneira no processo cooperativo e consorciado, como alternativas de minimizar custos e fomentar a oferta de produtos e serviços de informação em ciência e tecnologia.

Porque é uma opção interessante para ampliar o acesso e não aumentar os custos.

As respostas permitem observar a predominância de certo isolacionismo nas ações das bibliotecas cooperantes, sob a perspectiva da aquisição cooperada. O fato de uma grande instituição particular e com muitos anos de existência não ter visão sistêmica de cooperação na aquisição de revistas, até o presente, pode denotar que, dentre os respondentes, atividades nesse sentido não têm sido priorizadas.

6.4 PORTAL DE REVISTAS DA BVS E CATÁLOGO SeCS

Nessa seção do questionário foram formuladas questões que permitissem analisar a utilização do Portal de Revistas Científicas e de seu Catálogo Coletivo SeCS da BVS, obtendo elementos sobre o provável futuro deste último, sob a ótica da adoção do formato eletrônico.

a. Portal de Revistas da BVS

Dos 27 respondentes, 96,3% afirmaram utilizar sempre o Portal de Revistas da BVS, e 3,7% disseram utilizar eventualmente. O Portal é utilizado pelos bibliotecários (100%), usuários das bibliotecas (96,1%) e também pela comunidade externa (11,5%).

b. Catálogo Coletivo SeCS

Da mesma forma, o catálogo Coletivo SecS, parte integrante do Portal é também utilizado por 96,3% dos respondentes, e eventualmente utilizado por 3,7% ($\pm 4,5\%$). O catálogo é utilizado pelos bibliotecários (100%), um pouco menos pelos usuários (73%) e outros (4%), estes identificados como usuários externos advindos de outras instituições.

A menor utilização do Catálogo SeCS pelos usuários deve-se, provavelmente, ao fato de ser desconhecida a sua finalidade de permitir a localização das coleções em formato impresso existentes nas bibliotecas da Rede. Essa finalidade é valorizada pelos respondentes, sendo observado por alguns a sua utilização exclusivamente para a localização de artigos para os usuários:

Consulta e localização de artigos.

Para fazer atendimento de comutação.

Para que o aluno possa ir buscar na BIREME.

Para localização de revistas que não existem no acervo local.

c. Atualização do Catálogo SeCs

Todos os respondentes são bibliotecas que participam da atualização do Catálogo SeCs, sendo que 81,5% ($\pm 9,3\%$) enviam atualização mensal e as demais enviam semestralmente (11,1%), anualmente (3,7%) ou, ainda, 3,7% citam o fato de estarem refazendo a entrada de dados por ter perdido os registros.

Os resultados permitiram aferir que Portal e Catálogo SeCS da BVS são utilizados pela grande maioria dos respondentes para localizar fascículos específicos, atender à comutação e a pedidos de usuários.

A maioria também envia mensalmente os registros de fascículos relativos a títulos de revistas em formato impresso. Para os títulos em formato eletrônico existe um *link* que direciona as instituições autorizadas para o Portal CAPES. Todas as respostas podem permitir afirmar que, para os respondentes, a existência desse serviço na BVS e na Rede é valorizado, sendo esses próprios centros os responsáveis pela sua manutenção e atualidade.

d. Verificação da existência de coleção atualizada de título para decisão de nova assinatura ou cancelamento

A existência do título no Portal para decisão de nova assinatura é verificada por 55,6% dos respondentes e não o é por 44,4%. Para cancelamento de assinatura, 33,3% consultam o título e coleções e 66,7% não os consultam.

Essa questão teve por finalidade verificar se o Portal de Revistas da BVS estaria sendo consultado para essas decisões, em razão da recomendação existente em acordo realizado com representantes da Rede para que se mantenha pelo menos uma coleção de cada um dos títulos constantes no Portal²³. Assinaturas de títulos que possuem somente uma coleção descrita não devem ser canceladas, assim como deveriam ser evitadas assinaturas de títulos que são assinados por muitos centros cooperantes.

A pesquisa permitiu verificar que, em conjunto, para ambas as decisões, de nova assinatura ou cancelamento, o Portal é consultado por apenas 33,3% dos respondentes, permitindo avaliar que, sob o aspecto de desenvolvimento cooperativo de coleções, esses itens não estão sendo suficientemente observados.

²³ Proposta formulada no “Acordo de desenvolvimento cooperativo de coleções de revistas científicas na BVS. Estabelecimento de diretrizes e funções (Anexo 2) e também na “Proposta de política de ampliação de acesso à revistas científicas na América Latina e Caribe” (Anexo 4)

e. Formato das revistas e preferência dos usuários

Sobre o formato das revistas, 44,4% ($\pm 12\%$) declararam que os usuários preferem revistas eletrônicas; 33,3% não declaram preferência; 14,8% preferem revistas impressas e 7,4% não sabem.

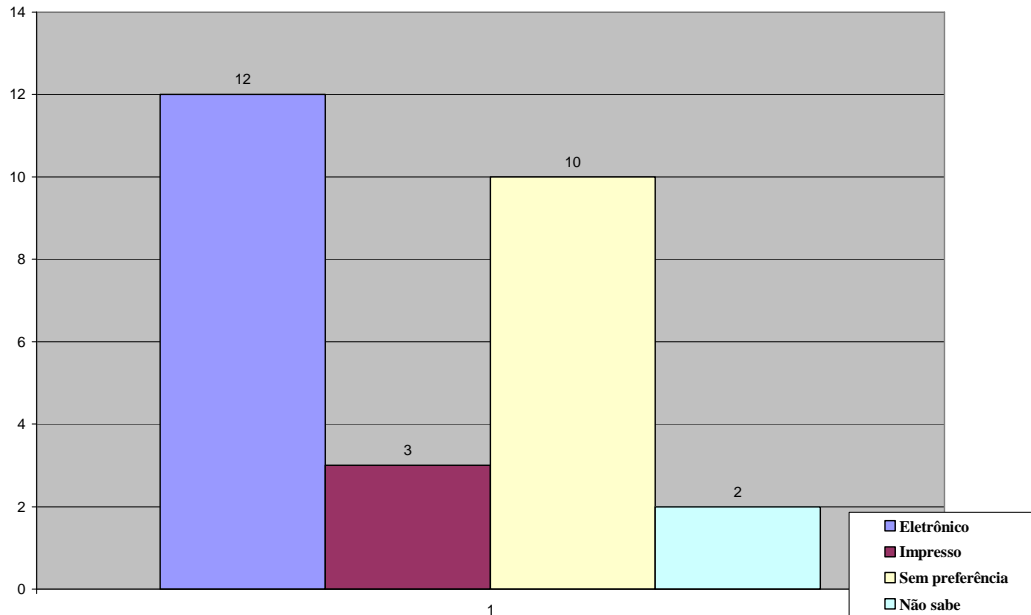


Figura 11 – Formatos de revistas e preferência dos usuários

De acordo com as respostas nota-se uma tendência dos usuários a preferirem revistas eletrônicas, mas que não pode ser afirmada como totalmente verdadeira, uma vez que a soma das outras respostas alcança um percentual de mais de 55%. Segundo as observações a esta questão pode-se notar ainda uma indefinição, ou por esse tipo de pesquisa não ter sido realizado, ou porque para os usuários o principal é obter a informação, não importando o formato:

Porque o importante para os usuários é a recuperação da informação não importando o meio onde está registrada.

O pesquisador atual é imediatista. Além disso, não é necessário imprimir. Os pesquisadores mais antigos gostam do contato com o papel.

Na maioria das vezes, nossos usuários chegam com a referência do artigo que desejam. Mesmo tendo espaço para divulgação de periódicos recebidos recentemente, as revistas [impressas] raramente são consultadas.

Ou dos que declaram preferir o formato eletrônico:

Primeiro, pela facilidade e rapidez no processo de recuperação da informação atualizada. Segundo, pela forma assistemática de assinaturas do periódico impresso.

E dos que afirmam preferir o impresso:

Ainda há certa resistência por parte do usuário em relação às revistas eletrônicas.

Cultura do papel, creio.

f. Em razão do formato eletrônico de revistas, como é visto o futuro do Catálogo SeCS

Esta questão, em formato aberto para respostas, permitiu verificar que a grande maioria (96,2%) considera que o Catálogo continuará a existir, mesmo com as revistas em formato eletrônico. Somente duas respostas são contrárias, uma apontando para a sua extinção

e outra para a diminuição de seu uso. Entre as que afirmam a sua continuidade, destacam-se as seguintes respostas:

Nem todos os pesquisadores do Brasil acessam as revistas eletrônicas. O catálogo pode apontar, além das publicações impressas, as coleções eletrônicas de cada Centro Cooperante.

Talvez não tenha muitas mudanças, pois um catálogo de periódicos não depende de um formato de revista para existir, o importante é saber onde e como podemos encontrar o fascículo desejado.

Acredito que o Catálogo Coletivo continuará sendo fundamental, principalmente em relação a informação de disponibilidade do formato eletrônico dos títulos.

Considero-o muito importante. Deverá permanecer como uma ferramenta complementar, inclusive e principalmente nas buscas retrospectivas. Entretanto acredito que o SeCS deveria passar por uma readequação de versão e oferecer novos recursos.

Além das questões formuladas foi solicitado aos participantes que fizessem, se preferissem, comentários adicionais sobre o assunto tratado. Poucos o fizeram, mas no contexto da pesquisa, destaca-se:

Nas Partes A - Procedimentos formalizados de desenvolvimento de coleções e B - Desenvolvimento cooperativo de coleções de revistas científicas, respondi de acordo com procedimentos normativos vigentes [onde atuo]. Creio que seria de grande valia esse tipo de questionamento, pois as bibliotecas Universitárias, principalmente, muitas vezes estão ligadas aos sistemas institucionais para desenvolvimento de coleções.

A relação geral dos comentários apresentados encontra-se no Apêndice 2. .

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta pesquisa permitiram analisar aspectos de desenvolvimento de coleções de revistas científicas nas bibliotecas da Rede Brasileira de Informação em Ciências da Saúde, cooperantes do Portal de Revistas da BVS da BIREME, e identificar possíveis rumos do desenvolvimento cooperativo dessas coleções frente às novas tecnologias, especificamente o formato eletrônico de revistas.

A utilização do questionário via *Web* foi vantajosa no sentido de ter possibilitado a obtenção, em pouco tempo, de um número representativo de respostas que possibilitaram cumprir os objetivos propostos, conforme pode ser visto a seguir.

Em relação ao primeiro objetivo, qual seja “verificar a existência de procedimentos formalizados no âmbito de desenvolvimento de coleções de revistas científicas nas bibliotecas da Rede Brasileira de Informação em Ciências da Saúde...”, os resultados obtidos permitiram identificar que parte das bibliotecas participantes demonstram alguma preocupação com a gestão eficaz das coleções de revistas, mas alguns pontos ainda são pouco considerados. Assim, embora a metade delas afirme ter política formalizada para o desenvolvimento de suas coleções, somente 25,9% têm definido o perfil de sua comunidade.

O fato 74,1% afirmarem não manter pesquisa do perfil pode mostrar a existência de uma certa incoerência em algumas nas políticas formalizadas, uma vez que uma das finalidades de desenvolvimento de coleções é a de identificar e construir um corpo coerente de conhecimento em dado(s) assunto(s), que vá ao encontro das necessidades de informação dos clientes identificados na sua comunidade.

Com esses resultados pode-se ainda deduzir que as coleções talvez sejam construídas de forma aleatória, também porque 48,1% dos respondentes disseram não ter políticas documentadas.

Uma das razões para esse panorama pode ser a falta de preparo adequado dos profissionais responsáveis por essa atividade de desenvolvimento de coleções. Cabe ao selecionador, geralmente, participar da elaboração ou elaborar a política de desenvolvimento da coleção, definir o programa anual de aquisição assim como coordenar estudos de desenvolvimento de acervo e sua avaliação periódica. Os conhecimentos desse profissional são primordiais para a construção de uma coleção de sucesso. Além do entendimento das áreas de assuntos da biblioteca é importante que esse esteja aliado às habilidades e técnicas biblioteconômicas.

A literatura tem demonstrado que, em geral, a formação desse profissional é deficiente, e as bibliotecas, com raras exceções, não oferecem treinamentos específicos sobre os processos de desenvolvimento de coleções e acerca do acervo que mantêm.

O segundo objetivo desta pesquisa foi “identificar a situação do desenvolvimento cooperativo de coleções de revistas científicas nas bibliotecas da Rede Brasileira, com o advento do formato eletrônico, relacionado à aquisição planejada e/ou compartilhada e aos recursos financeiros utilizados para sua disponibilização”.

O resultado das respostas à questão sobre a participação atual em programa cooperativo de aquisição de revistas revelou que aproximadamente metade das bibliotecas afirmou participar de algum programa (51,9% disseram não participar). Em sua maioria, os centros cooperantes fazem parte dos grandes sistemas de bibliotecas do país e estão envolvidos em programas planejados de aquisição.

As respostas sobre a possibilidade de manutenção de coleção única para títulos específicos mostraram a existência de ações de cooperação não formalizadas, permitindo deduzir que essas possam estar sendo desenvolvidas e mantidas mais por força de relações pessoais do que institucionais.

Somar recursos para aquisição é uma possibilidade remota para a maior parte das respondentes, quase 70% . A impossibilidade foi explicada pelos respondentes como relacionada a decisões centrais dos sistemas de bibliotecas ou das instituições, não havendo autonomia para essa ação, além da própria legislação brasileira que regula as compras e patrimônios das bibliotecas nas administrações federais, estaduais e municipais, considerada difícil de ser suplantada.

Além disso, 88,8% das respondentes têm acesso ao Portal CAPES Periódicos e dentre essas 70,8% realizam aquisição adicional de títulos, com verba das próprias instituições. A pesquisa demonstrou, assim, uma situação de acesso a grandes coleções, compartilhadas por todos os participantes, seja por meio do acesso ao Portal CAPES ou local, às próprias coleções, assim como pela comutação de artigos.

Dessa forma, pode-se praticamente afirmar que, nessa Rede, a situação de disponibilidade de revistas por meio de aquisição é privilegiada, uma vez que a literatura tem demonstrado a diminuição de verbas para assinaturas em diversos países, o que parece não ocorrer neste momento para a maioria dos respondentes à pesquisa aqui apresentada.

O terceiro objetivo, “analisar a utilização do Portal de Revistas Científicas e de seu Catálogo Coletivo SeCS da BVS, obtendo elementos sobre o provável futuro deste último, sob a ótica da adoção do formato eletrônico”, trouxe como primeiro resultado a afirmação de utilização do Portal e do Catálogo SecS por 96,3% das respondentes e eventualmente por 3,7%. A utilização se dá pelos bibliotecários e usuários, o que pode ser considerado uma valoração do serviço.

O futuro do catálogo foi apontado por mais de 96% dos respondentes como promissor e não atrelado ao formato das revistas. A necessidade de localização de fascículos é vista como atividade permanente. O que foi citado como importante é a adaptação do sistema de registro das coleções para a *Web* e readequação para oferecer novos recursos.

Quanto à consulta ao Portal da BVS para decisões, inerentes a desenvolvimento de coleções, acerca de cancelamento ou aquisição de assinaturas de títulos de revistas nas bibliotecas, o índice de quase 33,3% de bibliotecas que o consultam para verificar os dois quesitos mostra que, embora haja centros cooperantes preocupando-se com a manutenção de coleções únicas ou de como evitar duplicações em larga escala, pode-se considerar que, para atingir os resultados esperados pela BIREME nessas propostas, parece haver a necessidade de maior divulgação, aceite e adoção das políticas por todos os cooperantes.

Sobre os formatos das revistas, impressas ou eletrônicas, embora os resultados da pesquisa tenham apontado para a preferência dos usuários pelo formato eletrônico, essa preferência não pode ser afirmada sem que seja observada a soma das respostas as outras questões como “preferem o formato impresso”, “não declaram preferência” ou “não sabem por não ter sido pesquisado” que alcançaram 55% das respostas. Para os formatos eletrônicos foram considerados como pontos positivos a facilidade de busca e a comodidade de localização dessas pelos usuários em suas estações de trabalho, sem a necessidade de deslocamento até a biblioteca.

Esse resultado pode ser analisado pelo momento de transição que ainda se apresenta, onde os formatos impressos convivem com o eletrônico, quando e nem todas as revistas têm acesso on-line, como as da América Latina, lembradas por um dos respondentes. O que existe é a certeza de que o usuário precisa e quer a informação, independentemente de seu formato.

Ainda, o modelo para fornecimento de revistas eletrônicas às bibliotecas conhecido como *Big Deal*, que predomina atualmente, qual seja, pacotes inteiros e fechados de títulos de uma editora ou fornecedor, por preços equivalentes às coleções selecionadas anteriormente pela biblioteca cliente, poderá estar influenciando na decisão da necessidade, ou não, de desenvolvimento de coleções de revistas nas bibliotecas. Uma questão básica pode resumir o momento: - será ainda necessário selecionar ou o acesso a tudo que os editores oferecem é o

mais indicado? São movimentos que merecem ser monitorados e poderão servir como objetos de pesquisa futuros.

Da mesma forma, a literatura tem mostrado que desenvolver e fortalecer o espírito de cooperação entre bibliotecas requer uma mudança na forma de olhar o mundo, as outras bibliotecas, os usuários e os desafios que se apresentam decorrentes dessa cooperação como, por exemplo, conviver com a falta de benefícios tangíveis de modo imediato e a necessidade de equilibrar as necessidades dos usuários locais com o atendimento às necessidades das outras unidades de cooperação. Por outro lado, citando Anglada i Ferrer (2005):

O trabalho cooperativo acrescenta valor [...] pode-se comprovar a acumulação de conhecimento gerado ao se colocar em contato pessoas com experiências e problemas parecidos que, sem a cooperação, trabalhariam isoladamente. Isto produz, por um lado, sinergias positivas e, por outro, rompe inércias negativas. O trabalho em grupo estimula a inovação, fomenta a competitividade e atua como *benchmarking* constante. Ao mesmo tempo, debilita dinâmicas conservadoras e contrárias a mudança que existem em todas as organizações... O trabalho conjunto talvez não assegure o acerto, mas ao menos evita cometer grandes erros.

Estabelecer ações de cooperação é um desafio que exige liderança, perseverança e proatividade dos profissionais envolvidos. Para a Rede Brasileira Informação em Ciências da Saúde, coordenada pela BIREME e, especificamente para as bibliotecas cooperantes do Catálogo Coletivo SeCS, permanecem o desafio de atuar em estreita colaboração para divulgar amplamente os trabalhos realizados, modernizar o Catálogo Coletivo SeCS e promover ações que facilitem a sua comunicação e atuação, estimulando a formalização de diretrizes e treinamentos que possibilitem a adoção incondicional dos conceitos e propósitos dessa cooperação.

Dessa forma, e também com a formulação de propostas conjuntas para que dirigentes e governantes apoiem, poderão ser ampliados os resultados das ações dessa Rede que, há 40 anos, tem promovido grande melhoria na equidade para o acesso à informação em saúde.

REFERÊNCIAS

ABDALA, C.V. **Critérios de qualidade do serviço de fornecimento de documentos científicos sob a percepção do usuário final**. 2002. 130 f. Dissertação. (Mestrado em Ciências da Comunicação). - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION (ALA). **Guide for training collection development librarians**. Susan L. Fales, ed. Chicago and London: ALA, 1996. Collection Management and Development Guides, n.8

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION (ALA). **Guide to cooperative collection development**. Bart Harloe, ed. Chicago and London: ALA, 1994. Collection Management and Development Guides, n.6

AMERICAN RESEARCH LIBRARIES (ARL). **Collections & Access for the 21st-Century Scholar: Changing Roles of Research Libraries**. A Report from the ARL Collections & Access Issues Task Force. Washington, DC, dec. 2002. Disponível em: <http://www.arl.org/newsltr/225/main.html> Acesso em: 23 de julho de 2003.

AMERICAN RESEARCH LIBRARIES (ARL). Research Collection Committee at the Association for Research Libraries. **The Changing Nature of Collection Management in Research Libraries**. By Joseph Branin, Frances Groen and Suzanne Thorin. Washington, jun. 1999. Disponível em: <http://www.arl.org/collect/changing.html> Acesso em: 1 de agosto de 2002.

AMORIM, A. M. **A globalização do mercado de periódicos científicos eletrônicos e os consórcios de bibliotecas universitárias brasileiras: desafios à democratização do conhecimento científico**. 2002. 156 f. Dissertação. (Mestrado em Ciências da Comunicação). - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

ANDRADE, D.; VERGUEIRO, W.C.S. **Aquisição de materiais de informação**. Brasília, DF: Briquet de Lemos Livros, 1996.

ANDRADE, D. C. Desenvolvimento de coleções: a prática na FFLCH/USP. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 8. Campinas, 1994. **Anais...** Campinas: Biblioteca Central da UNICAMP, 1994. p. 259-69.

BIREME. Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde. **Biblioteca Virtual em Saúde – BVS**. Disponível em: <http://www.bireme.br/bvs/P/psystem.htm> Acesso em 19 de outubro de 2005.

BIREME. Centro Latino e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde. **Modelo da Biblioteca Virtual em Saúde. Guia da BVS 2005. Operação das Fontes de Informação da BVS**. Disponível em: <http://bvsmodelo.bvsalud.org/php/level.php?lang=pt&component=16&item=169> Acesso em 28 de outubro de 2006.

BIREME. Centro Latino e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde. Documento básico da BVS. Resumo executivo. In: Reunião do Sistema Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde San José, 6., 1998. Costa Rica - 23-24 de março de 1998. Disponível em: <http://www.bireme.br/bvs/P/pdoc.htm> Acesso em 19 de outubro de 2005.

BIREME – Centro Latino e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde. **Projeto: Implantação do Catálogo Coletivo Latino-Americano e do Caribe de Publicações Seriadas em Ciências da Saúde.** Documento interno. 1989

BIREME. Centro Latino e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde. **Histórico da BIREME.** Documento interno. 2002

BIREME. Centro Latino e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde. **Metodologia LILACS. Base de dados SeCS Seriados em Ciências da Saúde.** São Paulo, 2003. Disponível em: < <http://www.bireme.br/abd/P/Secs.htm>> Acesso em: 25 de setembro de 2003

BIREME. Centro Latino e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde. **Relatório de atividades para Comitê Consultivo Brasileiro.** Documento interno. Junho 2006

CARVALHO, M. C. R. de; KLAES, R. R. Desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias: proposta de metodologias e estatísticas. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 7., 1991. **Anais...** Rio de Janeiro: SIBI/UFRJ, 1991. p. 105-127

CENTER OF RESEARCH LIBRARIES (CRL). **Best practices in Cooperative Collection Development.** A report prepared by the CRL Working Group on Best Practices in Cooperative Collection Development for the CRL/ARI Conference on Cooperative Collection Development. Georgia: nov. 8-10, 2002. Disponível em: <http://www.crl.edu/awcc2002/bestpracticesrptrev.pdf> Acesso em 10 de setembro de 2003

CHASTINET, Y.; LIMA, I. M.C. O impacto da implantação do programa de Aquisição Planificada de Periódicos para Bibliotecas Universitárias. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 5., 1987. **Anais...** Porto Alegre: Biblioteca Central da UFRGS, 1987.

CIARCIA, T. V. Estudo temático e qualitativo de periódicos biomédicos correntes para avaliação do acervo da Biblioteca da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 4., 1985. **Anais...** Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1985. p. 274-290

CUNHA, L. Publicações científicas por meio eletrônico: critérios, cuidados, vantagens e desvantagens. **Perspec. Ciência inf.**, v.2, n. 1, p.77-92, jan./jun. 1997

FEDUNOK, S. A perspective on U.S. cooperative collection development. **INSPEL**, v.31, n.2, p. 47-53, 1997.

FERRER, L. A. i de; ROCA, J. M. La cooperaci3n es poder: la experiencia de las bibliotecas universitarias de Catalu1a (CBUC). [Trabalho apresentado no Seminário de Consórcios de Bibliotecas Ítalo-Ibero-Latino-Americanas – SCBIILA. São Paulo, 11-12 de agosto, 2005.] Disponível em: <http://bv.fapesp.br/scbiila/apresentacoes/espanha.ppt> Acesso em 2 fev. 2007.

FIGUEIREDO, N. M. de. **Desenvolvimento e avaliação de coleções.** 2.ed. Brasília: Thesaurus, 1998. 237p.

FIGUEIREDO, N. M. de. **Paradigmas modernos da Ciência da Informação: em usuários/coleções/referência e informação.** São Paulo: Ed. Polis, Associação Paulista de Bibliotecários, 1999.

GILLENSON, Sarah. **Why cooperate? A multi-disciplinary study of collective action.** London, Overseas Development Institute, 2004. Disponível em: http://www.odi.org.uk/publications/working_papers/wp234.pdf Acesso em 4 de março de 2004.

HAYES, R. M. The economics of digital libraries. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL : IMPACTO DAS NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO. UNIVERSIDADE E SOCIEDADE. USP, Instituto de Matemática e Estatística, Faculdade de Economia e Administração, 1999. Disponível em: <http://www.ime.usp.br/~cesar/simposio99/hayes.htm> Acesso em 25 de outubro de 2005.

KANE, L. T. Access vs. Ownership: do we have to make a choice? **College & Research Libraries**, v. 58, n.1, p. 61-67, jan. 1997.

KOPP, J. J. Library consortia and information technology: the past, the present, the promise. **ITAL**, Chicago, v. 17, n.1, p.7-12, mar. 1998.

KRZYZANOWSKI, R. F., TARUHN, R. Biblioteca eletrônica de revistas científicas internacionais: projeto de consórcio. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 27, n. 2, p. 193-197, maio/ago.1998.

KRZYZANOWSKI, R. F. Integração e compartilhamento das bibliotecas brasileiras na busca e obtenção da informação: um desafio de muitas décadas. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 8., 1994. **Anais...** Campinas: Biblioteca Central da UNICAMP, 1994. p. 47-54

KRZYZANOWSKI, R. F.; CARVALHO, T. de; BOCCATTO, V. R. C. Sub-rede nacional de informação na área de Ciências da Saúde Oral: um projeto de efeito multiplicador da gerência da informação em desenvolvimento pelo Serviço de Documentação Odontológica da FOU SP. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 8., 1994. **Anais...** Campinas: Biblioteca Central da UNICAMP, 1994. p. 183-95.

KRZYZANOWSKI, R. F., TARUHN, R. O uso da informação em suporte eletrônico: uma experiência do ProBE/FAPESP. **Rev. USP**, São Paulo, v. 55, p. 26-37, set./out./nov. 2002

LACROIX, E. M.; MEHNERT, R. The US National Library of Medicine in the 21st century: expanding collections, nontraditional formats, new audiences. **Health Information and Libraries Journal**, v. 19, n. 3, p. 126-132, sept. 2002

LEE, S. D. **Electronic Collection Development: A Practical Guide.** Neal-Schuman Publishers : 2002.

LEMOS, B. de. **Presente e futuro do periódico científico.** Correio Braziliense, Brasília, 13 jul. 1968. Caderno Cultural, p. 3. Disponível em: http://www.briquetdelemos.com.br/briquet/briquet_lemos6.htm Acesso em 13 de fevereiro de 2006.

LEMOS, B. de. Política de Informação em Ciência e Tecnologia. Conferência. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 14., 1987. **Anais...** Recife. 20 a 25 de setembro de 1987. Disponível em:

http://www.briquetdelemos.com.br/briquet/briquet_lemos3.htm 1 Acesso em 12 de setembro de 2005.

LIMA, R. C. M. de, FIGUEIREDO, N. M. de. Seleção e aquisição: da visão clássica à moderna aplicação de técnicas bibliométricas. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 13, n. 2, p. 137-50, jul. dez. 1984.

LOPES, M. I. V. **Pesquisa em comunicação**. 7.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

MARCONDES, C. H. ; SAYÃO, L. F. Documentos digitais e novas formas de cooperação entre sistemas de informação em C&T. **Ci. Inf., Brasília**, v. 31, n. 3, p. 42-54, set./dez. 2002.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1982.

MAGRILL, R. M. , HICKEY, D. J. **Acquisitions management and collection development in libraries**. Chicago, American Library Association, 1984.

MIRANDA, A. L. C. Biblioteca universitária no Brasil : reflexões sobre a problemática. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 1., 1979. **Anais...** Niterói, 1979.

MIRANDA, A L. C. Acervos de livros das bibliotecas das instituições de ensino superior no Brasil: situação problemática e discussão de metodologia para seu diagnóstico permanente. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 22, n. 1, p. 30-40, jan. abr. 1993.

MIRANDA, A L. C. Políticas e planejamento de sistemas de informação no Brasil: um caminho tortuoso. **In:** Encontro Nacional da Ciência da Informação, IV CINFORM. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2004.

MUELLER, S.P.M. Metodologia para avaliação de lista básica de periódicos. **Ci.Inf.**, Brasília, v.20, n.2, jul.dez. 1991, p. 111-8.

NICHOLAS, D., GUNTER B., WITHEY, R., HUNTINGTON, P., WILLIAMS, P. The digital information consumer. **Update**, London, v. 1, n. 1, p. 32-34, apr. 2002.

ORSDEL, L. V.; BORN, K. Doing the digital flip: has the advent of the e-journal finally turned the periodicals industry upside down? **Library Journal**. New York, Apr 15, 2002 v.127, n.7, p.51-5

_____. Big Chill on the Big Deal? **Library Journal**. New York, Apr 15, 2003, v.131, n.7, p. 39-44

_____. Closing in on open access. **Library Journal**. New York, Apr 15, 2004, v. 129, n.7, p.45-51

_____. Choosing sides. **Library Journal**. New York, Apr 15, 2005. v.130, n.7, p. 43-9

_____. Journals in the time of the Google. **Library Journal**. New York, Apr 15, 2006. v. 131, n.7, p.39-45

PACKER, A.L. O papel da Rede Brasileira de Informação em Ciências da Saúde na construção da Biblioteca Virtual em Saúde. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 12. 2000. **Anais...** Florianópolis: , 2000. Disponível em: http://www.bireme.br/bvs/snbu/snbu_doc.htm Acesso em 19 de outubro de 2005

SABBATINI, M. **As publicações eletrônicas dentro da comunicação científica.** São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 1999. Disponível em: <http://bocc.unisinos.br/pag/texto.php?html2=sabattini-marcelo-publicacoes-electronicas.html> Acesso em 20 dez. 2006

SAMPAIO, M.I.C. **Motivação no trabalho cooperativo: o caso da Rede Brasileira de Bibliotecas da Área de Psicologia – ReBAP.** 2005. 156 f. Dissertação. (Mestrado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

SANTOS, G. C.; PASSOS, R. O papel das bibliotecas e bibliotecários às portas do Século XXI: considerações sobre a convivência das informações impressa, digital e virtual. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 12. 2000. **Anais...** Florianópolis, 2000. Disponível em: <http://snbu.bvs.br/snbu2000/docs/pt/doc/t099.doc> Acesso em 24 de outubro de 2005.

SILVA, . A. G.; MARDERO, M. Á.I; CLAUDIO, S. Acompanhamento das bibliotecas brasileiras na Internet. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 26, n. 2, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19651997000200016&lng=pt&nrm=iso> Acesso em 28 de outubro de 2006.

TARUHN, R; ABDALA, C.V.M. Cooperative Development of Journals Collections in Health in Latin America and the Caribbean. In: WORLD LIBRARY AND INFORMATION CONGRESS: IFLA GENERAL CONFERENCE AND COUNCIL, 87., 2004. Acquisition and Collection Development – SI Collections for literacy and development: focus on Latin America. Buenos Aires, Argentina: 22-27 August 2004. Disponível em: <http://www.ifla.org/IV/ifla70/prog04.htm> Acesso em: 30 de setembro de 2004.

USP/SIBi. UNIVERSIDADE de São Paulo. Sistema Integrado de Bibliotecas. **Subsídios para o estabelecimento de política de desenvolvimento de acervos para as bibliotecas do SIBi/USP.** Coordenado por Diva C. de Andrade. São Paulo: SIBi/USP, 1998. Cadernos de Estudos; n. 7

VENTURA, R. Chartier vê revolução na história da leitura. **Folha de São Paulo:** São Paulo, 28 nov. 1993. Caderno MAIS!

VERGUEIRO, W.C.S. **Desenvolvimento de coleções.** São Paulo, Polis, APB, 1989. Coleção Palavra-Chave, 1.

VERGUEIRO, W.C.S. Desenvolvimento de coleções: uma nova visão para o planejamento de recursos informacionais. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 22, n. 1, p. 13-21, jan. abr. 1993.

VERGUEIRO, W.C.S. Estabelecimento de políticas para o desenvolvimento de coleções. **R. Bibliotecon.** Brasília, v.15, n.2, p.193-202, jul./dez. 1987

VERGUEIRO, W.C.S. O futuro das bibliotecas e o desenvolvimento de coleções: perspectivas de atuação para uma realidade em efervescência. **Perspect. cienc. inf.**, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, p. 93-107, jan.jun. 1997.

ZAHER, C. R.; PACKER, A. L. O desenvolvimento da informação em saúde na América Latina e Caribe e perspectivas futuras. **Ci. Inf.**, Brasília, v.22, n.3, p.193-200, set./dez. 1993

ZENG, M. Bibliotecas digitais e a organização do conhecimento. SIBi/USP, FABI/DPGB/PUC-Campinas, 1999. (Apostila de curso ministrado pela Profa. Dra. Marcia Zeng, em 24-27 maio 1999)

ANEXO 1 - DESCRIÇÃO RESUMIDA DO SISTEMA LATINO AMERICANO E DO CARIBE DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE

O Sistema Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde, (BIREME, 1998, 2002, 2003, 2006, passim), tem por objetivo cooperar com o desenvolvimento da pesquisa, educação e atenção em saúde na América Latina e Caribe, colocando ao alcance da comunidade de profissionais da saúde informação científico-técnica produzida nacional e internacionalmente.

O Sistema é coordenado pela Organização Pan-Americana da Saúde através da BIREME, centro especialmente criado para desenvolver o programa de informação em ciências da saúde da OPAS.

O Sistema Regional é produto da integração de sistemas nacionais, cuja estrutura prevê um Centro Coordenador Nacional e uma rede descentralizada de Centros Cooperantes formada por bibliotecas e centros de documentação da área da saúde. Ao Sistema também pertencem os Centros de Informação da sede da Organização Pan-Americana da Saúde, em Washington, os Centros especializados regionais da OPAS e os Centros de Documentação localizados nas Representações nos diferentes países. Em síntese, é a seguinte a estrutura desse Sistema Regional:

- o um Centro Coordenador Nacional (CCN) da Rede Nacional, para o Brasil a BIREME tem também esta função;
- o um Grupo Técnico, composto por representantes dos Centros Cooperantes da Rede Nacional (CC);
- o um Comitê Assessor, integrado por autoridades de Saúde; e
- o Centro de Documentação da Oficina Sanitária da OPAS/OMS no país.

b) Estrutura em nível regional

- o um Centro Coordenador Regional (BIREME);
- o um Grupo Técnico, composto por representantes dos Centros Coordenadores Nacionais (CCN);
- o Centros Regionais das Sub-redes especializadas em temas específicos;
- o Centros Regionais Especializados da Oficina Sanitária da OPAS; e
- o Biblioteca da Sede da OPAS em Washington.

A BIREME, centro da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) especializado em informação técnico-científica em saúde para a América Latina e Caribe foi criado especialmente para desenvolver o programa de informação em ciências da saúde da OPAS na Região. Estabelecida no Brasil em 1967, com o nome de Biblioteca Regional de Medicina (que originou a sigla BIREME), posteriormente passou a chamar-se Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciência da Saúde . Além da OPAS, a BIREME hoje atua em colaboração com os Ministérios de Saúde e da Educação do Brasil, Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo e Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP.

O Sistema Regional e a BIREME, ao longo de 30 anos, desenvolveram com êxito a capacidade dos países da Região de criar e operar sistemas nacionais de informação científico-técnica, em sintonia com o surgimento de novos paradigmas organizacionais e de tratamento da informação, atendendo à crescente exigência de literatura científica atualizada por parte da comunidade de pesquisadores e profissionais de saúde.

A ação da BIREME na Região pode ser dividida, grosso modo, em três períodos de evolução, cada um com uma duração de aproximadamente 10 anos. Cada período caracterizou-se por uma orientação principal na promoção da cooperação técnica, em sintonia com o paradigma organizacional e de tratamento da informação vigente.

Assim, no primeiro período, entre 1967 e 1976, a ação da BIREME centrou-se na operação dos serviços da biblioteca regional de medicina com vistas a responder de modo prioritário às necessidades de acesso à literatura científica das bibliotecas médicas da Região.

No segundo período, entre 1977 e 1986, a ação da BIREME orientou-se para a criação e desenvolvimento da rede de bibliotecas na Região, em busca da racionalização e uso compartilhado de suas coleções. Ao mesmo tempo, foi iniciado, através de processamento centralizado, o controle bibliográfico das revistas latino-americanas reunidas na publicação Index Medicus Latino-Americano. A ampliação e o enriquecimento do papel da BIREME, para mais além que o de uma biblioteca, refletiu na mudança, em 1982, de seu nome original, Biblioteca Regional de Medicina, para Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde.

No terceiro período, nos últimos 10 anos, a ação da BIREME orientou-se para a criação e desenvolvimento do Sistema Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde, com a participação ativa das bibliotecas e centros de documentação.

Na segunda metade dos anos 80, a BIREME promoveu um extraordinário avanço com a criação da metodologia LILACS para o tratamento descentralizado da literatura científica, a criação do vocabulário DeCS - Descritores em Ciências da Saúde, em três idiomas, a introdução massiva de tecnologias de informação, destacando-se o projeto LILACS/CD-ROM e a operação de LILACS e MEDLINE em computadores próprios da BIREME. Para ampliar a cobertura e eficiência de operação do Sistema Regional, a BIREME estimulou criação e desenvolvimento de sistemas especializados em diferentes áreas de Ciências da Saúde. Estes avanços foram consolidados na década de 90[...] Entretanto [...] com o predomínio crescente da Internet e de seu serviço WWW, como meio de organização e disseminação de informação, o modelo de operação da BIREME e do Sistema Regional mostrou-se progressivamente incapaz de sustentar na Região o mesmo nível de desenvolvimento de

produtos e serviços de informação alcançado no final da década de 80 e inícios da década de 90 [...]

É certo que as metodologias, produtos e serviços de informação, relacionados principalmente à literatura científico-técnica publicada em papel, criados pela BIREME, no final da década passada, ainda permanecem válidos. Entretanto, a demanda atual dos países requer um novo tipo de cooperação técnica que gira em torno da criação e operação de fontes de informação descentralizadas, através da Internet, mais amplas em seu alcance e multimídias em seu suporte, com mais valor agregado para atender necessidades de grupos específicos de usuários e com menos intermediação através de interfaces que viabilizem a interação direta dos usuários com as fontes de informação.

[Dessa forma] A BIREME se propõe a adotar a proposta da Biblioteca Virtual em Saúde como plataforma para a promoção da cooperação técnica em informação para os próximos anos, em sintonia com o novo paradigma organizacional e de tratamento de informação estabelecido pela Internet[...]

A criação e desenvolvimento da Biblioteca Virtual em Saúde se projetam como o quarto período na evolução da BIREME e do Sistema Regional. A proposta de criação e desenvolvimento da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), sob a liderança da BIREME, significa a adoção de um novo paradigma organizacional e de tratamento da informação [...] e à nova demanda de cooperação técnica.

A BVS representa uma expansão do modelo atual de cooperação técnica ao promover a produção e operação descentralizada de fontes de informação multimídias, conectadas em rede, com acesso direto e universal, sem limitações geográficas e de horário.

ANEXO 2 - PROPOSTA: ACORDO DE DESENVOLVIMENTO COOPERATIVO DE COLEÇÕES DE REVISTAS CIENTÍFICAS NA BVS. ESTABELECIMENTO DE DIRETRIZES E FUNÇÕES

São Paulo, outubro de 2002.

Escopo

Essa proposta²⁴ visa formalizar um Acordo de Desenvolvimento Cooperativo de Coleções de Revistas Científicas, no âmbito da BVS - Biblioteca Virtual em Saúde, assim como o estabelecimento de Diretrizes e Funções para a Rede Brasileira de Informação em Ciências da Saúde, composta por 89 centros e bibliotecas brasileiras que cooperam no registro de coleções para manter o Catálogo Coletivo SeCS - Seriadados em Ciências da Saúde.

Justificativa

O desenvolvimento cooperativo de coleções, tradicionalmente, tem sido um dos aspectos do compartilhamento de recursos entre bibliotecas. Em sua forma básica, a cooperação no desenvolvimento de coleções ocorre quando duas ou mais bibliotecas colaboram na aquisição e manutenção de coleções.

Atualmente, no âmbito da BVS, é um planejamento estratégico que visa ampliar o acesso às informações técnico-científicas em saúde, principalmente aquelas veiculadas em revistas científicas nacionais e internacionais.

Considerações

- a) Os custos das assinaturas de revistas científicas continuam crescentes, assim como é contínua a expansão do número de títulos publicados;
- b) É fato a transformação ocorrida com as revistas científicas em meio eletrônico, que permitem armazenamento centralizado e acesso altamente distribuído, rápido e com melhor custo/benefício;
- c) A implantação do Catálogo Coletivo SeCS, ocorrida em 1989, já tinha como objetivo desenvolver programas de aquisição planejada, de recomposição de acervos e distribuição de duplicatas;
- d) Se faz necessária a otimização de recursos e esforços dirigidos ao desenvolvimento do Catálogo Coletivo SeCS, no âmbito da BVS.

²⁴ Documento disponível em <http://secs.bvs.br>

Diretrizes

A BIREME e as bibliotecas componentes da Rede Brasileira de Informação em Ciências da Saúde envidarão esforços no sentido de:

- a) tornar disponível pelo menos uma coleção de cada título de revista indexada em bases de dados internacionais da área da Saúde, especificamente Medline e LILACS, assim como de revistas de áreas temáticas especializadas da BVS, ampliando o universo de coleções disponíveis para os usuários
- b) manter o registro atualizado no Catálogo Coletivo SeCS das coleções de títulos indexados na base LILACS, sob sua responsabilidade
- c) racionalizar assinaturas de revistas científicas, evitando duplicidade de esforços e recursos
- d) priorizar a completeza das coleções registradas no Catálogo Coletivo SeCS
- e) maximizar a divulgação das revistas científicas em formato eletrônico entre seus usuários

Funções

BIREME

Promover a interoperabilidade do SeCS

SeCS multiusuário (como a LILDBI)

Interface atualizada e amigável

Migração de dados para vários formatos de catálogos locais cooperativos – eliminar necessidade de duplicidade de trabalhos

Alimentação SeCS

- Possibilidade de inclusão de coleção retrospectiva
- Haver critérios para alimentação com os dados completos (com definição de prioridade para títulos sem coleção)

Duplicatas

- Criar lista na WEB de duplicatas dos títulos SeCS para facilitar a troca de fascículos entre as bibliotecas cooperantes
- Distribuir lista de duplicatas disponíveis para os centros cooperantes através de meios eletrônicos
- Criar meios para o envio de duplicatas pelo sistema de reembolso com bônus

Indicadores / Portal de Desenvolvimento de Coleções BIREME

- Prover indicadores de uso do SCAD das bibliotecas para toda a Rede

Buscar formas de ampliar a comunicação entre os membros da Rede em relação aos trabalhos de desenvolvimento cooperativo de coleção (listas de discussão, etc)

REDE

Responsabilidade de assinatura

- Racionalizar assinaturas de revistas, evitando duplicidades e/ou descontinuação de coleções únicas
- Assumir o compromisso de renovação de títulos para uso na Rede
- Buscar, quando necessária, a transferência de responsabilidade de assinatura entre Centros Cooperantes

Completeza de coleções

- Buscar e inserir coleções nos títulos somente descritos, atualmente sem coleções
- Priorizar a completeza das coleções registradas no Catálogo Coletivo SeCS
- Envidar esforços para ampliar as coleções de revistas de áreas temáticas da BVS
- LILACS
- Tornar disponível pelo menos uma coleção de cada título LILACS e se possível MEDLINE
- Manter a responsabilidade de registro das coleções dos títulos indexados na LILACS pela cooperante.

SCAD / Avaliação de Uso das Coleções

- Gerenciar os prazos de atendimento de solicitações de artigos para maior rapidez e uniformidade no atendimento pela Rede
- Considerar as avaliações de uso das coleções pelo COMUT
- Avaliar com mais cuidado título que seja único na região / Estado / País, buscando evitar a sua eliminação sem que seja assumido por outro centro cooperante
- Incluir valores econômicos em estudos de uso

Políticas locais (Formalização, etc)

- Ampliar e realizar a divulgação da política local e a inserção em acordos cooperativos estabelecidos
- Estabelecer política interna flexível, considerando os sistemas cooperativos que visam ampliar o compartilhamento de recursos
- Considerar os acordos de cooperação nas políticas locais e como critério de avaliação de uso das coleções

Revistas eletrônicas

- Promover a capacitação dos recursos humanos da biblioteca visando ampliação do uso de revistas eletrônicas
- Avaliar o custo / benefício da assinatura em papel versus on-line (equipamentos, atualização e manutenção)

ANEXO 3 – POLÍTICA DE DESENVOLVIMENTO DA COLEÇÃO DE REVISTAS CIENTÍFICAS DA BIREME²⁵

São Paulo, agosto de 2003

1 Missão e objetivos e da BIREME

Missão: Contribuir ao desenvolvimento da saúde fortalecendo e ampliando o fluxo de informação em ciências da Saúde.

Objetivos: A BIREME têm como objetivo, além daqueles que lhe são atribuídos através da resolução da Organização Pan-Americana da Saúde (denominada OPAS), a promoção da cooperação técnica em informação científico-técnica em saúde, com os países e entre os países da América Latina e do Caribe (denominada REGIÃO), com o intuito de desenvolver os meios e as capacidades para proporcionar acesso equitativo à informação científico-técnica em saúde, relevante e atualizada, de forma rápida, eficiente e com custos adequados.

2 Missão da coleção de revistas científicas

Permitir um acesso amplo, rápido e equitativo à revistas científicas, em papel ou em formato eletrônico, de propriedade também da Biblioteca Central da UNIFESP, conforme convênio firmado com os Ministérios da Saúde e de Educação do Brasil, estimulando dessa forma o desenvolvimento e uso compartilhado dessa coleção através das redes e associações de bibliotecas e centros de documentação nos países da REGIÃO.

3 Comunidade

- Usuários que exercem atividades de ensino, pesquisa, extensão e aprendizado desenvolvidas na UNIFESP
- Profissionais da área de Saúde, usuários do SCAD - Serviço Cooperativo de Acesso a Documentos

4 Formação da Coleção

A coleção de revistas científicas da BIREME está organizada de acordo com as seguintes categorias:

Lastro: títulos considerados clássicos ou consagrados da área de Saúde, tendo como fontes de pesquisa os indexados no Index Medicus (Medline), da National Library of Medicine - USA, na LILACS - BIREME, Journal Citation Report - JCR, do ISI Institute of Scientific Information.

²⁵ Documento disponível em <http://secs.bvs.br>

Básica: títulos fundamentais que constituem o núcleo das áreas de interesse, incluindo os títulos básicos de cada disciplina e linhas de pesquisa oferecidas pela UNIFESP, os mais solicitados por meio do SCAD e aqueles pertencentes às áreas temáticas em desenvolvimento na BVS.

Indexados LILACS: títulos indexados na base de dados LILACS deverão ter suas coleções descritas no Catálogo Coletivo SeCS e os títulos LILACS Brasil deverão estar colecionados e disponíveis para uso no acervo local.

5 Critérios Básicos de Seleção

Deverão ser priorizadas as indicações de novos títulos de periódicos cujos assuntos sejam relativos ao currículo acadêmico e linhas de pesquisa desenvolvidas na UNIFESP, os mais solicitados por meio do SCAD e aqueles pertencentes às áreas temáticas em desenvolvimento na BVS.

5.1 Critérios utilizados na seleção de novos títulos:

- qualidade do conteúdo, adequação ao currículo acadêmico, linhas de pesquisa e áreas temáticas da BVS;
- existência de outros títulos no assunto solicitado;
- identificação da demanda não atendida por meio do SCAD e Biblioteca Central UNIFESP;
- presença do título nas bases de dados consideradas no item 3;
- fator de impacto do periódico, conforme JCR – Journal Citation Report (ISI – Institute of Scientific Information);
- acessibilidade da língua;
- custo justificável;
- disponibilidade de acesso, conveniência do formato e compatibilidade com equipamentos existentes;
- disponibilidade em outras bibliotecas por meio do Catálogo Coletivo SeCS.

5.2 Observações sobre revistas impressas e em meio eletrônico

O título deverá ser adquirido para a coleção em um formato somente, evitando duplicidade; na decisão deverá ser considerado o custo, o uso, a demanda, os requerimentos de espaço para armazenamento e manutenção do acesso (permanência de disponibilidade).

Quando os fatores forem equivalentes, se dará preferência à versão eletrônica, pelo maior alcance do acesso através da rede de computadores.

O acesso às revistas eletrônicas estará sendo especialmente incentivado, de acordo com os objetivos da BVS Biblioteca Virtual de Saúde.

6 Recursos Orçamentários

Os recursos para aquisição advêm da CAPES, anualmente, por convênio firmado com o Ministério da Educação e Ministério da Saúde do Brasil.

7 Avaliação da Coleção de Revistas Científicas

A coleção de periódicos deverá ser avaliada anualmente de acordo com os seguintes critérios:

- Índice de uso das revistas, em determinado ano, pelos usuários da Biblioteca Central da UNIFESP
- Número de artigos solicitados, por título de revista, pelos usuários do Sistema SCAD
- Custo do artigo de acordo com o preço de renovação das assinaturas das revistas
- Coleções das bibliotecas cooperantes do Catálogo Coletivo SeCS – Seriados em Ciências da Saúde
- Índices e bases de dados de indexação das revistas
- Fator de impacto das revistas relativo ao ano das estatísticas de uso
- Disponibilidade para acesso eletrônico, via portais, por meio de acordos cooperativos.

8 Recebimento de doações

A solicitação de doações deve ser incentivada sempre que possível.

Todos os editores que têm as revistas indexadas na base LILACS devem encaminhar 2 exemplares para esses trabalhos, que após, deverão ser registrados no catálogo SeCS e incorporados à coleção.

Materiais recebidos como doações, sem solicitação antecipada, serão submetidos aos mesmos critérios de seleção descritos no item 4. As doações espontâneas com um número representativo de itens deverão ser precedidas de listagem ou seleção prévia. O doador deverá ser notificado que o material poderá ou não ser incorporado, mediante as normas estabelecidas. Caberá ao responsável por esses trabalhos a decisão de incorporar esse material ao acervo, repassá-lo a outras instituições ou descartá-lo.

Além dos critérios gerais da seleção, deve-se verificar também se são atendidas as seguintes condições:

Suprir falhas de coleção ou exemplares extraviados
Duplicatas de material existente, mas necessárias
Bom estado de conservação

9 Duplicatas de Periódicos

As duplicatas são registradas no sistema SeCS local e divulgadas para a rede de bibliotecas cooperantes e participantes.

10 Permuta de Periódicos

A seleção de materiais adquiridos por permuta deverá seguir os mesmos critérios descritos no item 4.

11 Descarte de Periódicos

O descarte é parte do processo de desenvolvimento da coleção e está sendo tratado de acordo com o descrito no “Projeto de descarte e remanejamento da coleção”.

12 Desenvolvimento cooperativo de coleções

Deverá ser observada a disponibilidade do acesso e o incremento de acordos de cooperação, em nível local e regional, buscando formas de compartilhar o uso das publicações com outras bibliotecas.

12.1 Acordos de cooperação BIREME

12.1.1 Catálogo Coletivo SeCS

A BIREME é parte integrante da Rede Latino-Americana e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde e responsável por ações de incentivo ao desenvolvimento cooperativo de coleções e manutenção do Catálogo Coletivo SeCS.

12.1.2 Atividades em consórcios

As atividades em consórcio, para o desenvolvimento das coleções eletrônicas e aquisição cooperativa de assinaturas de revistas científicas, deve ser incentivado e ampliado a níveis local e regional.

Entre os anos de 1998 a 2002 a BIREME participou do ProBE Programa Biblioteca Eletrônica da FAPESP, em consórcio com USP, UNICAMP, UNESP, UFSCar, UNIFESP, ITA e IPEN, e outros institutos de pesquisa do estado de São Paulo.

Atualmente integra o Portal CAPES Periódicos, que sucedeu o ProBE e assumiu as atividades para acesso compartilhado à revistas eletrônicas em âmbito nacional.

ANEXO 4 – PROPOSTA DE POLÍTICA DE AMPLIAÇÃO DE ACESSO A REVISTAS CIENTÍFICAS NA AMÉRICA LATINA E CARIBE

Considerando que:

- ❖ o acesso equitativo à informação em ciências da saúde é fundamental para a melhoria das condições de vida das populações da América Latina e Caribe (Região);
- ❖ que a Internet e, particularmente, a BVS Biblioteca Virtual em Saúde, podem potencialmente converter em realidade essa meta;

as instituições nacionais e internacionais são conclamadas à apoiar e contribuir para¹:

1. o desenvolvimento cooperativo de coleções de revistas científicas na BVS
 - com foco principal nas necessidades de informação dos usuários
 - com objetivo de diminuir duplicações de títulos e custos
 - com o propósito de ampliar o número de títulos com coleção descrita no Catálogo Coletivo SeCS, disponível no Portal de Revistas <http://portal-revistas.bvs.br>
2. a formalização de iniciativas nacionais na operação de serviços cooperativos, como empréstimo entre-bibliotecas e desenvolvimento de catálogos coletivos, para o acesso compartilhado de coleções nos formatos eletrônico e impresso;
3. a conformação de consórcios em âmbito nacional para acesso eletrônico a grupos selecionados de revistas científicas internacionais, buscando preços justos e acessíveis para países em desenvolvimento, forma de financiamento e compromisso das instituições envolvidas promovendo a ampliação do benefício das coleções individuais;
4. o incentivo ao uso de programas de acesso livre à revistas científicas;
5. a participação, divulgação e incentivo ao uso de Programas de Acesso à Informação em Revistas Científicas em formato eletrônico, como por exemplo, os seguintes:
 - Programa HINARI na Região para os países elegíveis de acordo com critérios
 - Programa Periódicos CAPES no Brasil e Argentina para as instituições participantes
6. o incentivo, na Região, à publicação de revistas eletrônicas em modalidade acesso livre;
7. a formação de usuários habilitados na busca e utilização de serviços de acesso à informação em saúde.

Nota: Esta proposta é decorrente das conclusões e recomendações do Grupo de Trabalho Acesso compartilhado à revistas científicas eletrônicas <http://www.bireme.br/crics5/E/grupos/grupo7/conclusao.htm>, reunido durante o CRICS 5 em Havana, Cuba, 2001, e não foi ainda formalizada pela BIREME.

**ANEXO 5 – RELAÇÃO DE CENTROS COOPERANTES DO CATÁLOGO
COLETIVO SeCS**

1 BR1.1

**Centro Latino Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde
Organização Pan-Americana da Saúde - OPAS**

Categoria: Centro Coordenador Nacional BVS

Rua Botucatu 862 - Vila Clementino

São Paulo - SP - Brasil

<http://www.bireme.br>

2 BR12.1

Biblioteca Setorial Biomédica

Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

Av Marechal Campos 1468

29040-090 Vitória ES

3 BR1264.1

Biblioteca Setorial Prof Alberto M Campos

Departamento de Odontologia

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Av Senador Salgado Filho 1787 Lagoa Nova

59056-000 Natal RN

4 BR1273.1

Biblioteca da Casa de Oswaldo Cruz

Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ

Av Brasil 4036 Sala 415 Manguinhos

Rio de Janeiro - RJ - Brasil

5 BR 13.1

Núcleo de Documentação – NDC

Divisão de Bibliotecas

Universidade Federal Fluminense – UFF

Rua Visconde do Rio Branco s/n

24240-006 Niterói RJ

6 BR1323.1

Biblioteca Central Irmão José Otão

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

Av Ipiranga 6681 Prédio 16

Caixa Postal 1429

90619-900 Porto Alegre RS

7 BR1365.1

Biblioteca Biomédica A

Medicina e Biologia Humana -CB/A

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Rua Professor Manoel de Abreu 444 2º Andar Vila Isabel

20550-170 Rio de Janeiro RJ

8 BR1366.1

Servico de Bibliotecas Biomedicas B - Odontologia e Enfermagem

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Av 28 de Setembro 157 5º Andar Sala 520 - Vila Isabel

20551-030 Rio de Janeiro RJ

9 BR14.1

Biblioteca Central - BIBC

Centro de Ciências da Saúde

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Caixa Postal 68032

21944-970 Rio de Janeiro RJ

10 BR15.1

Biblioteca de Manguinhos

Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ

Av Brasil 4365 - Pavilhão Haity Moussatché

21045-900 Rio de Janeiro RJ

11 BR16.1

Biblioteca de Ciências da Saúde

Universidade Federal do Parana - UFPR

Rua Padre Camargo 280 - 1º andar

80060-240 Curitiba PR

12 BR18.1

Biblioteca

Hospital das Clinicas de Porto Alegre

Faculdade de Medicina

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Rua Ramiro Barcelos 2400 3º Andar

90035-003 Porto Alegre RS

13 BR186.1

Biblioteca

Faculdade de Odontologia de Aracatuba

Universidade Estadual Paulista - UNESP

Rua José Bonifácio 1193

Caixa Postal 533

16015-050 Aracatuba SP

14 BR191.1

Biblioteca e Centro de Documentação em Dermatologia Sanitária Luiza Keffer

Instituto Lauro de Souza Lima

Coordenadoria de Controle de Doenças

Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo

Rodovia Cte João Ribeiro de Barros km 225/226 CP30021

17034-971 Bauru SP

15 BR21.1

Biblioteca J Baeta Vianna

Faculdade de Medicina

Escola de Enfermagem do Hospital das Clínicas

Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Av Prof Alfredo Balena 190 - Santa Efigenia

30130-100 Belo Horizonte MG

16 BR243.1

Serviço Técnico de Biblioteca e Documentação

Faculdade de Odontologia de São José dos Campos

Campus de São José dos Campos

Universidade Estadual Paulista - UNESP

Av Engenheiro Francisco Jose Longo 777

Caixa Postal 314

12201-970 São José dos Campos SP

17 BR26.1

Biblioteca Central

Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto

Prefeitura do Campus Administrativo de Ribeirão Preto

Universidade de São Paulo - USP

Av Bandeirantes 3900 Campus Universitário

14040-900 Caixa Postal 301

Ribeirão Preto SP

18 BR275.1

Biblioteca
Instituto Evandro Chagas
Secretaria de Vigilância em Saúde - SVS
Ministério da Saúde
Av. Almirante Barroso 492 - Marco
Caixa Postal 1128
66090-000 Belém PA

19 BR3.1

Biblioteca Central
Universidade Federal do Pará - UFPA
Rua Augusto Corrêa 1 – Campus Universitário - Guamá
66075-900 Belém PA

20 BR31.1

Serviço de Informação e Documentação Científica
Instituto de Infectologia Emilio Ribas - IIER
Secretaria de Estado da Saúde - SES
Av Doutor Arnaldo 165 Cerqueira César
01246-900 São Paulo SP

21 BR310.1

Biblioteca Professor Guilherme Simões Gomes
Faculdade de Odontologia de Pernambuco - FOP
Universidade de Pernambuco - UPE
Av. General Newton Cavalcanti 1650 - Tabatinga
54753-901 Camaragibe PE

22 BR32.1

Serviço de Biblioteca e Informação Biomédica - SBIB
Instituto de Ciências Biomédicas
Universidade de São Paulo - USP
Av. Prof. Lineu Prestes 1524 1º Andar - Cidade Universitária
05508-900 São Paulo SP

23 BR33.1

Divisão de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Medicina, Veterinária e Zootecnia e Biociências
Universidade Estadual Paulista - Campus de Botucatu - UNESP
Distrito de Rubião Junior S/Nº Caixa Postal 502
18618-000 Rubião Junior SP

24 BR337.1

Biblioteca

Faculdade de Odontologia

Núcleo Nacional de Informação em Ciências da Saúde Oral

Universidade Federal da Bahia - UFBA

Av. Araújo Pinho 62 / 64 4º andar - Canela

40110-150 Salvador BA

25 BR394.1

Biblioteca Frei Eugênio - BFE

Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro - FMTM

Rua Frei Paulino 80 - Abadia

38025-180 Uberaba MG

26 BR40.1

Divisão de Biblioteca e Documentação do Conjunto de Químicas

Universidade de São Paulo - USP

Avenida Prof. Lineu Prestes 950 - Cidade Universitária

São Paulo - SP - Brasil

27 BR 408.1

Biblioteca Setorial

Faculdade de Medicina

Universidade Federal Fluminense - UFF

Rua Marques do Paraná 303 - Anexo ao Hospital Universitário Antônio Pedro

24030-210 Niterói RJ

28 BR 408.3

Biblioteca

Faculdade de Farmácia

Universidade Federal Fluminense - UFF

Rua Mario Vianna 523 - Santa Rosa

24241-000 Niterói RJ

29 BR 409.1

Biblioteca

Faculdade de Veterinária

Universidade Federal Fluminense - UFF

Rua Vital Brasil Filho 64 - Santa Rosa

24230-340 Niterói RJ

30 BR41.1

Serviço de Biblioteca e Documentação - SBD

Escola de Enfermagem

Universidade de São Paulo - USP

Av. Doutor Enéas Carvalho de Aguiar 419 Cerqueira César

05403-000 São Paulo SP

31 BR414.1

Centro de Informação Nuclear - CIN
Comissão Nacional de Energia Nuclear - CNEN
Rua General Severiano 90 - Terreo - Botafogo
22294-900 Rio de Janeiro RJ

32 BR 430.1

Biblioteca
Associação Brasileira de Educação Médica – ABEM
Av. Brasil 4036 10º andar salas 1006 / 1008
21040-361 Rio de Janeiro RJ

33 BR433.1

Biblioteca Biomédica C - CB/C
Instituto de Medicina Social
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ
Rua São Francisco Xavier 524 - 7 Andar - Bloco E
20550-900 Rio de Janeiro RJ

34 BR440.1

Biblioteca do Hospital do Câncer I
Coordenação de Ensino e Divulgação Científica
Instituto Nacional de Câncer - INCA
Praça Cruz Vermelha 23 8º Andar Centro
20230-130 Rio de Janeiro RJ

35 BR 495.1

Biblioteca Central
Associação Paranaense de Cultura
Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR
Av Imaculada Conceição 1155 - Prado Velho
80215-901 Curitiba PR

36 BR501.1

Biblioteca de Ciências da Saúde / Sede Botânico
Universidade Federal do Paraná - UFPR
Av. Prefeito Lothario Meissner 3400 - Jardim Botânico
80210-170 Curitiba PR

37 BR512.1

Biblioteca Setorial
Centro de Ciências da Saúde - CCS
Universidade Estadual de Londrina
Rua Robert Kock 60
86051-970 Londrina PR

38 BR526.1

Biblioteca Lincoln de Freitas Filho
Centro de Informação Científica e Tecnológica CICT
Biblioteca da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca - ENSP
Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ
Rua Leopoldo Bulhões 1480 - Térreo - Manguinhos
21041-210 Rio de Janeiro RJ

39 BR584.1

Biblioteca Central
Universidade Federal de Goiás UFG
Caixa Postal 411 - Campus Samambaia
74001-970 Goiânia GO

40 BR65.1

Biblioteca Dr. Milton Soldani Afonso
Universidade de Santo Amaro - UNISA
Organização Santamarense de Educação e Cultura - OSEC
Rua Prof. Enéas de Siqueira Neto 340 - Jardim das Imbuías
04829-300 São Paulo SP

41 BR66.1

Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Medicina
Universidade de São Paulo - USP
Avenida Dr. Arnaldo 455 - 2º Andar
01246-903 São Paulo SP

42 BR663.1

Biblioteca
Instituto Fernandes Figueira IFF
Centro de Informação Científica e Tecnologia - CICT
Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ
Av. Rui Barbosa 716 2º Andar - Flamengo
22250-020 Rio de Janeiro RJ

43 BR67.1

Biblioteca/CIR - Centro de Informação e Referência
Faculdade de Saúde Pública FSP
Universidade de São Paulo - USP
Avenida Dr. Arnaldo 715
01246-904 São Paulo SP

44 BR68.1

Biblioteca Virginie Buff D'Àpice
Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia
Universidade de São Paulo - USP
Av. Professor Dr. Orlando Marques de Paiva 87
05508-900 São Paulo SP

45 BR85.1

Serviço de Biblioteca e Documentação
Instituto de Psicologia
Universidade de São Paulo - USP
Av. Prof. Mello Moraes 1721 - Cidade Universitária
05508-030 Caixa Postal 66261
São Paulo SP

Obs.: As perguntas marcadas com *(asterisco) são de resposta obrigatória.

Parte A - Procedimentos formalizados de desenvolvimento de coleções

*A.1 A Biblioteca possui um documento que contenha a Política de Desenvolvimento de Coleções de Revistas?

Sim Não

Se respondeu Não, passe para a questão A.4

*A.2 Este documento é revisado periodicamente?

Sim Não

*A.3 Neste documento estão incluídos os critérios para:

A.3.1 seleção? Sim Não

A.3.2 aceite de doações? Sim Não

A.3.3 descarte? Sim Não

A.3.4 permuta? Sim Não

A.3.5 avaliação da coleção?

*A.4 A Biblioteca realizou, nos últimos 5 anos, qualquer avaliação da coleção de revistas científicas?

Sim Não

*Em caso positivo, que aspecto(s) foi(ram) avaliado(s)?

Uso Obsolescência Fator de impacto Completeza Outro

Especifique: _____

*A.4.1 Se realizada a avaliação de revistas, houve aplicação do resultado?

Sim Não

*A.5 Existe treinamento para os responsáveis por DC, específico para o trabalho com o acervo?

Sim

Não

Em caso positivo, que tipo(s) de treinamento(s):

Parte B – Desenvolvimento cooperativo de coleções de revistas científicas

*B.1 A biblioteca está envolvida em algum programa cooperativo de aquisição planejado/cooperativo para adquirir revistas científicas?

Sim

Não

Em caso positivo, especifique: _____

*B.2 A biblioteca tem interesse em participar em programa cooperativo para manter coleção única em uma única biblioteca, para títulos:

de baixo uso

muito caros

muito especializados

de coleções retrospectivas

A biblioteca não tem interesse

A biblioteca já participa do programa cooperativo _____

*B.3 A biblioteca tem acesso ao Portal CAPES de Periódicos?

Sim

Não

Se respondeu Não, passe para a questão B.5

*B.4 Realiza a compra de outras assinaturas de revistas, além das que estão disponíveis no Portal CAPES de Periódicos?

Sim

Não

Em caso positivo, indique a proveniência da verba:

Instituição

Fundação

Agência de fomento

Doação

Outra: _____

Passe agora para a questão B.6

*B.5 Realiza a compra de assinaturas de revistas?

Sim

Não

*Em caso positivo, indique a proveniência da verba:

Instituição

Fundação

Agência de fomento

Doação

Outra: _____

*B.6 A biblioteca teria possibilidade de somar recursos de orçamento e associar-se a outras instituições para aquisição cooperativa de revistas científicas, como em um consórcio?

Sim

Não

*Por

quê? _____

Parte C – Utilização do Portal de Revistas e Catálogo SeCS da BVS

<http://portal.revistas.bvs.br/>

*C.1 O Portal de Revistas Científicas da BVS é utilizado na Biblioteca?

Sempre

Eventualmente

Não é usado

*Em caso positivo, especifique o público:

Bibliotecário da instituição

Usuários da biblioteca

Outros: _____

*Em caso negativo, por que não está sendo utilizado?

*C. 2 O Catálogo Coletivo SeCS da BVS, elemento integrante do Portal de Revistas com a descrição de coleções impressas, é utilizado na Biblioteca?

Sempre

Eventualmente

Não é usado

*Em caso positivo, especifique o público que utiliza:

Bibliotecário da instituição

Usuários da biblioteca

Ambos

Outros: _____

*Em caso negativo, por que não é utilizado?

*C.3 A existência de coleção atualizada de um título no Portal de Revistas Científicas da BVS é verificada?

Sim

Não

Em caso negativo, porque? _____

Em caso afirmativo, é verificada para:

decisão de nova assinatura

decisão sobre cancelamento de assinatura

Outro(s):

*C.3 A Biblioteca envia atualização de coleção para o Catálogo Coletivo SeCS com a seguinte periodicidade:

Mensal

Semestral

Anual

Outra

Não envia atualização

Em caso negativo, por quê?

*C.4 Nesta biblioteca os usuários preferem:

Revistas impressas

Revistas eletrônicas

Não sabe

Não declaram preferência

Outros

Por quê?

*C5 Em razão do advento do formato eletrônico de revistas científicas, como você considera o futuro do Catálogo Coletivo SeCS?

Se tiver quaisquer dúvidas em relação à pesquisa ou comentários adicionais, por favor utilize o espaço a seguir :

Uma vez mais, grata pela atenção e ajuda. Enviarei notícias sobre os resultados obtidos.

Grande abraço,

Rosane

A.1.1 QUESTIONÁRIO PARA Web

Entrada de dados

Desenvolvimento cooperativo de coleções de revistas científicas na Rede Brasileira de Informação em Ciências da Saúde

Senha:

Data: 2007-02-06 12:25

IP Adress: NULL

Identificação da Biblioteca

I.1 ***Identificação da Instituição:**

I.2 ***Biblioteca:**

I.3 ***Centro Cooperante:**

I.4 ***Caracterização da Biblioteca:** Favor escolher um alternativa..

[Responda esta pergunta somente sob as seguintes condições:]
-Para a pergunta 'I.4', a resposta foi 'Outra'

I.4.1 ***Especifique**

I.5 ***Iniciou a cooperação ao Catálogo Coletivo SeCS:** Favor escolher um alternativa..

Parte A - Procedimentos formalizados de desenvolvimento de coleções

A.1 ***A Biblioteca possui um documento que contenha a Política de Desenvolvimento de Coleções de Revistas?** Favor escolher um alternativa..

[Responda esta pergunta somente sob as seguintes condições:]
-Para a pergunta 'A.1', a resposta foi 'Sim'

A.1.1 ***Este documento é revisado periodicamente?** Favor escolher um alternativa..

[Responda esta pergunta somente sob as seguintes condições:]
-Para a pergunta 'A.1', a resposta foi 'Sim'

A.1.2 ***Neste documento estão incluídos os critérios para:**

[Responda esta pergunta somente sob as seguintes condições:]
-Para a pergunta 'A.1', a resposta foi 'Sim'

A.1.2.1 ***seleção?** Favor escolher um alternativa..

[Responda esta pergunta somente sob as seguintes condições:]
-Para a pergunta 'A.1', a resposta foi 'Sim'

A.1.2.2 ***aceite de doações?** Favor escolher um alternativa..

[Responda esta pergunta somente sob as seguintes condições:]
-Para a pergunta 'A.1', a resposta foi 'Sim'

A.1.2.3 ***descarte?** Favor escolher um alternativa..

[Responda esta pergunta somente sob as seguintes condições:]
-Para a pergunta 'A.1', a resposta foi 'Sim'

A.1.2.4 ***permuta?** Favor escolher um alternativa..

[Responda esta pergunta somente sob as seguintes condições:]
-Para a pergunta 'A.1', a resposta foi 'Sim'

A.1.2.5 ***avaliação da coleção?** Favor escolher um alternativa..

A.2 ***A Biblioteca realizou, nos últimos 5 anos, qualquer avaliação da coleção de revistas científicas?** Favor escolher um alternativa..

[Responda esta pergunta somente sob as seguintes condições:]
-Para a pergunta 'A.2', a resposta foi 'Sim'

A.2.1 ***Que aspecto(s) foi(ram) avaliado(s)?**

Uso

Obsolescência

Fator de impacto

Completeza

Outro

[Responda esta pergunta somente sob as seguintes condições:]

-Para a pergunta 'A.2.1', a resposta foi 'Outro'

A.2.1.1 *Especifique:

[Responda esta pergunta somente sob as seguintes condições:]

-Para a pergunta 'A.2', a resposta foi 'Sim'

A.2.2 *Se realizada a avaliação de revistas, houve aplicação do resultado? Favor escolher um alternativa..

A.3 *Existe treinamento para os responsáveis por DC, específico para o trabalho com o acervo? Favor escolher um alternativa..

[Responda esta pergunta somente sob as seguintes condições:]

-Para a pergunta 'A.3', a resposta foi 'Sim'

A.3.1 *Que tipo(s) de treinamento(s):

A.4 *O Perfil da Comunidade já foi pesquisado e definido? Favor escolher um alternativa..

[Responda esta pergunta somente sob as seguintes condições:]

-Para a pergunta 'A.4', a resposta foi 'Sim'

A.4.1 *Qual a data (ano) da última pesquisa realizada?

Parte B – Desenvolvimento cooperativo de coleções de revistas científicas

B.1 *A biblioteca está envolvida em algum programa cooperativo de aquisição planejado/cooperativo para adquirir revistas científicas? Favor escolher um alternativa..

[Responda esta pergunta somente sob as seguintes condições:]

-Para a pergunta 'B.1', a resposta foi 'Sim'

B.1.1 *Especifique:

B.2 *A biblioteca tem interesse em participar em programa cooperativo para manter coleção única em uma única biblioteca, para títulos:
 de baixo uso
 muito caros
 muito especializados
 de coleções retrospectivas
 a biblioteca não tem interesse
 a biblioteca já participa do programa cooperativo

[Responda esta pergunta somente sob as seguintes condições:]

-Para a pergunta 'B.2', a resposta foi 'a biblioteca já participa do programa cooperativo'

B.2.1 *Qual?

B.3 *A biblioteca tem acesso ao Portal CAPES de Periódicos? Favor escolher um alternativa..

[Responda esta pergunta somente sob as seguintes condições:]

-Para a pergunta 'B.3', a resposta foi 'Sim'

B.3.1

***Realiza a compra de outras assinaturas de revistas, além das que estão disponíveis no Portal CAPES de Periódicos?**

Favor escolher um alternativa..

[Responda esta pergunta somente sob as seguintes condições:]

-Para a pergunta 'B.3.1', a resposta foi 'Sim'

B.3.1.1 ***Indique a proveniência da verba:**

- Instituição
 Fundação
 Agência de fomento
 Doação
Outro

[Responda esta pergunta somente sob as seguintes condições:]

-Para a pergunta 'B.3', a resposta foi 'Não'

B.4 ***Realiza a compra de assinaturas de revistas?**

Favor escolher um alternativa..

[Responda esta pergunta somente sob as seguintes condições:]

-Para a pergunta 'B.4', a resposta foi 'Sim'

B.4.1 ***Indique a proveniência da verba:**

- Instituição
 Fundação
 Agência de Fomento
 Doação
Outro

B.5 ***A biblioteca teria possibilidade de somar recursos de orçamento e associar-se a outras instituições para aquisição cooperativa de revistas científicas, como em um consórcio?**

Favor escolher um alternativa..

B.5.1

Por quê?

Parte C – Utilização do Portal de Revistas e Catálogo SeCS da BVS

C.1 ***O Portal de Revistas Científicas da BVS é utilizado na Biblioteca?**

Favor escolher um alternativa..

[Responda esta pergunta somente sob as seguintes condições:]

-Para a pergunta 'C.1', a resposta foi 'Sempre' OU 'Eventualmente'

C.1.1 ***Especifique o público:**

- Bibliotecário da instituição
 Usuários da biblioteca
Outro

[Responda esta pergunta somente sob as seguintes condições:]

-Para a pergunta 'C.1', a resposta foi 'Não é usado'

C.1.2 ***por que não está sendo utilizado?**

C.2 ***O Catálogo Coletivo SeCS da BVS, elemento integrante do Portal de Revistas com a descrição de coleções impressas, é utilizado na Biblioteca?**

Favor escolher um alternativa..

[Responda esta pergunta somente sob as seguintes condições:]

-Para a pergunta 'C.2', a resposta foi 'Eventualmente' OU 'Sempre'

C.2.1 ***Especifique o público que utiliza:**

- Bibliotecário da instituição
 Usuários da biblioteca

Outro

[Responda esta pergunta somente sob as seguintes condições:]

-Para a pergunta 'C.2', a resposta foi 'Não é usado'

C.2.2 ***Por que não é utilizado?**

C.3 ***A existência de coleção atualizada de um título no Portal de Revistas Científicas da BVS é verificada?** Favor escolher um alternativa..

***A existência de coleção atualizada de um título no Portal de Revistas Científicas da BVS é verificada?**

[Responda esta pergunta somente sob as seguintes condições:]

-Para a pergunta 'C.3', a resposta foi 'Não'

C.3.1 ***Por quê?**

[Responda esta pergunta somente sob as seguintes condições:]

-Para a pergunta 'C.3', a resposta foi 'Sim'

C.3.2 ***É verificada para:** decisão de nova assinatura
 decisão sobre cancelamento de assinatura
Outro

C.4 ***A Biblioteca envia atualização de coleção para o Catálogo Coletivo SeCS com a seguinte periodicidade:** Favor escolher um alternativa.. Outro:

***A Biblioteca envia atualização de coleção para o Catálogo Coletivo SeCS com a seguinte periodicidade:**

[Responda esta pergunta somente sob as seguintes condições:]

-Para a pergunta 'C.4', a resposta foi 'Não envia atualização'

C.4.1 ***Por quê?**

C.5 ***Nesta biblioteca os usuários preferem:** Favor escolher um alternativa.. Outro:

C.5.1 **Por quê?**

C.6 ***Em razão do advento do formato eletrônico de revistas científicas, como você considera o futuro do Catálogo Coletivo SeCS?**

Parte Final

:: **Uma vez mais, grata pela atenção e ajuda. Enviarei notícias sobre os resultados obtidos. Grande abraço, Rosane**

F.1 **Se tiver quaisquer dúvidas em relação à pesquisa ou comentários adicionais, por favor utilize o espaço a seguir:**

APÊNDICE 2 –RESPOSTAS ÀS PERGUNTAS ABERTAS DO QUESTIONÁRIO

| |
|---|
| Os usuários preferem o formato de revistas eletrônico, impresso, não declaram preferência ou a biblioteca não sabe? |
| [Não sabe]: Não houve um estudo para levantar esta informação. |
| [Não sabe]: Hoje em dia muitas são eletrônicas e nos meio que empurramos isso pro usuário. É a tendência. Mas nunca perguntamos o que ele prefere. De qq maneira hoje em dia os serviços vão até os usuários por e-mail e ele vem menos a biblioteca |
| [Prefere eletrônico]. Facilidade de acesso remoto e simultâneo. |
| [Prefere eletrônico]. Porque podem acessar de qualquer lugar do Campus. |
| [Sem preferência]. Acho que são indiferentes a isso, o que lhes interessa é conseguir os artigos com rapidez. |
| [Sem preferência]. Formato eletrônico: para o usuário -Pela facilidade que a revista eletrônica oferece no acesso aos artigos; para a biblioteca - pelo espaço que economizamos no acervo. Formato impresso: para o usuário - pela facilidade no manuseio das revistas (alguns preferem a versão impressa); para a biblioteca: por não possuímos acesso eletrônico de alguns títulos. |
| [Prefere eletrônico]. Devido à agilidade e facilidade de acesso. |
| [Prefere eletrônico]. Facilidade. |
| [Prefere eletrônico].O pesquisador atual é imediatista. Além disso não é necessário imprimir. Os pesquisadores mais antigos gostam do contato com o papel. |
| [Prefere impresso]. Porque eles normalmente preferem pegar a revista e olhar o artigo, e também o custo para eles acaba sendo mais barato. |
| [Prefere impresso]. Ainda há certa resistência por parte do usuário em relação às revistas eletrônicas. |
| [Sem preferência]. Porque o importante para os usuários é a recuperação da informação não importando o meio onde a mesma está registrada. |
| [Sem preferência]. O importante para eles é obter o documento. Não importa a forma. |
| [Prefere eletrônico]. Primeiro, pela facilidade e rapidez no processo de recuperação da informação atualizada. Segundo, pela forma assistemática de assinaturas dos periódicos impressos. |
| [Prefere eletrônico]. Porque eles podem enviar por e-mail |

| |
|---|
| [Sem preferência]. utilizados os dois formatos, depende da disponibilidade do fascículo, se está no formato impresso ou eletrônico. |
| [Prefere impresso]. Cultura do papel, creio |
| [Sem preferência]. Na maioria das vezes, nossos usuários chegam com a referência do artigo que desejam. Mesmo tendo espaço para divulgação de periódicos recebidos recentemente, as revistas [impressas] raramente são consultadas. |
| [Sem preferência]. A obtenção do artigo com rapidez é o mais importante, independente do suporte informacional. |
| [Sem preferência]. Não há coleta deste tipo de informação na Biblioteca |
| [Sem preferência]. Para o pesquisador o que interessa é ter acesso ao texto em um menor espaço de tempo. |
| [Não sabe]. Precisamos fazer avaliação para essa resposta. |
| [Prefere eletrônico]. Devido à facilidade de acesso (não precisa ir à estante). |
| [Prefere eletrônico]. Pela facilidade de acesso, tendo em vista disponibilidade de tempo das pessoas para deslocamento até a biblioteca, bem como maleabilidade do horário de consulta aos documentos. |
| [Prefere eletrônico]. Revistas impressas ainda demoram a ser recebida pela biblioteca. |
| [Prefere eletrônico]. Pela comodidade de não saírem de seus laboratórios; Por poderem armazenar os documentos e enviá-los por e-mail, quando desejarem. |

| |
|--|
| Em razão do advento do formato eletrônico de revistas científicas, como você considera o futuro do Catálogo Coletivo SeCS? |
| Promissor e necessário |
| Acho que o catalogo coletivo SECs assim como o CCN continuam a ser imprescindíveis |
| Vejo o futuro do catálogo SeCS com a mesma importância que teve antes e que tem hoje. Se todos os títulos constantes do Catálogo SeCS estivessem em formato eletrônico e de acesso aberto, poderia questionar sobre o Catálogo, mas como isso não é verossímil, o Catálogo SeCS continua tendo sua importância estabelecida. |
| A tendência é diminuição do uso. |

| |
|--|
| Continuará a ser útil para indicar os endereços dos periódicos eletrônicos e ajudar a localizar títulos em papel. |
| Acredito que o Catálogo Coletivo continuará sendo fundamental, principalmente em relação à informação de disponibilidade do formato eletrônico dos títulos. |
| Talvez não tenha muitas mudanças, pois um catálogo de periódicos não depende de um formato de revista para existir, o importante é saber onde e como podemos encontrar o fascículo desejado. |
| O Catálogo continuará existindo mostrando a forma que a revista é publicada. |
| Não funcionará. |
| Nem todos os pesquisadores do Brasil acessam as revistas eletrônicas. O catálogo pode apontar, além das publicações impressas as coleções eletrônicas de cada Centro Cooperante. |
| Eu considero que continuará sendo útil, até o momento em que todos tenham acesso a internet e a textos completos gratuitos. Também em casos de quem não pode ter acesso a internet e somente ao impresso, então sempre continuará sendo útil. |
| Não acreditamos na extinção do Catálogo Coletivo SeCS, nos próximos anos. |
| Como sendo um grande centro detentor de informações ã pesquisadores e profissionais da área da saúde. |
| Imprescindível até que estejam digitalizadas todas as coleções em sua totalidade. |
| Considero que a tendência é de evoluir cada vez mais, haja vista a dinâmica desse instrumento para o desenvolvimento da pesquisa na rede das redes. |
| Por alguns anos o catálogo continuará existir para os periódicos retrospectivos. |
| Que um maior número de bibliotecas participem como as bibliotecas centrais de universidades particulares. |
| O catálogo deve se manter, entretanto precisa de melhorias. |
| Mesmo com a existência do formato eletrônico de revistas científicas, estas muitas vezes não são de acesso integral e gratuito, e sua disponibilidade na rede algumas vezes é temporária. De acordo com a realidade brasileira, nem todos possuem acesso ã Internet diante deste fato a permanência deste catálogo coletivo é fundamental. |
| Considerando o objetivo do Catálogo e o cenário brasileiro, no que diz respeito ã infra-estrutura de informação ainda em crescimento, essa ferramenta permanecerá como meio de localização de documentos, especialmente porque dá visibilidade ã s revistas latino americanas, que em sua maioria ainda, não oferece versão eletrônica. |

| |
|---|
| Um recurso de registro de coleções nos diferentes formatos |
| Considero-o muito importante. Deverá permanecer como uma ferramenta complementar, inclusive e principalmente nas buscas retrospectivas. Entretanto acredito que o SECS deveria passar por uma readequação de versão e oferecer novos recursos. |
| Será útil para localização de revistas não disponíveis a todos. Temos exemplos de títulos cuja senha de acesso é de uma única instituição; nesse caso solicitamos cópia eletrônica para essa instituição. |
| Importante para a localização de coleções retrospectivas e dos títulos em papel. |
| Não sei ainda qual será o futuro do SeCS, mas no nosso caso houve um grande aumento no atendimento de pedidos SCAD e COMUT aos fascículos mais antigos. Nossa coleção se caracteriza por títulos completos desde o século 19, por exemplo Index Medicus n.1 de 1879, Lancet, New England e outros desde o primeiro fascículo. |
| Ótimo para determinada área. |
| Nunca deixará de ser importante, pois a garantia de assinaturas eletrônicas ainda é duvidosa devido a instabilidade econômica de nosso país e das instituições públicas. |

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)